

Eugénia Augusta Machado Gonçalves

Indisciplina na sala de aula e no ambiente escolar

Mestrado em Estudos Profissionais Especializados em
Educação- Especialização em Administração das
Organizações Educativas

Eugénia Augusta Machado Gonçalves

Indisciplina na sala de aula e no ambiente escolar

Projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
MESTRE EM ESTUDOS PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS EM
EDUCAÇÃO - ADMINISTRAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS

Orientação

Prof. Doutor João Paulo Ferreira Delgado

MESTRADO EM ESTUDOS PROFISSIONAIS
ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO -
ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE
ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS

À memória dos meus pais

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Paulo Delgado, dirijo as minhas primeiras palavras de agradecimento pela disponibilidade, profissionalismo e apoio ao longo desta caminhada.

Ao Professor Doutor Fernando Diogo, Coordenador do Mestrado, pela sua amabilidade e gentileza, partilha do saber, e pela disponibilidade no aconselhamento.

Às minhas amigas e companheiras de estudo, Íris Ribeiro, Rosário Bastos e Susana Vieira, quero agradecer os bons momentos que passamos juntas, e os conhecimentos que partilhamos.

Aos meus amigos, Adelina e Damião, quero expressar a minha gratidão por terem acreditado em mim, pela vossa sapiência, palavras de incentivo, ajuda e sobretudo pela vossa amizade.

Ao meu filho João Pedro, pelo amor incondicional, disponibilidade, ajuda e incentivo para terminar este trabalho.

Ao Pedro Vale, pelo tempo que lhe roubei e pelo amor demonstrado.

Resumo

A presente dissertação/trabalho de projeto pretende ser um contributo para uma abordagem científica de um problema que nos últimos anos ganhou dimensão e contornos diferentes, tornando-se um dos polos das preocupações dos professores, chegando mesmo a extravasar a escola, alargando-se aos variados setores da sociedade.

O estudo teve como objetivo geral conhecer as representações dos vários atores educativos sobre a indisciplina na sala de aula, e no ambiente escolar, do 3º ciclo na escola em estudo. Ao analisar as relações interpessoais, pretende-se também compreender a relação entre os comportamentos de disciplina e as práticas pedagógicas dos professores.

O planeamento da investigação foi feito de acordo com os conceitos e perspetivas recolhidas de autores de referência, com os documentos legais e enquadradores do problema e com as pesquisas já realizadas neste domínio.

Optou-se por uma metodologia com um tratamento misto de natureza quantitativa/qualitativa desenvolvida através do método de estudo de caso.

A pesquisa realizou-se por meio de inquéritos por questionário aos professores que lecionam o 3º ciclo, percecionando-se através das relações entre as variáveis um quadro da realidade da escola em estudo. Privilegiou-se igualmente a compreensão dos comportamentos tidos como indisciplinados, partindo da própria perceção dos sujeitos envolvidos, através das entrevistas semi-diretivas aos diretores de turma do 3º ciclo, coordenador dos assistentes operacionais, presidente da associação de pais e à diretora da escola. O estudo realizado permite reconhecer as dificuldades na relação pedagógica professor/aluno; o desrespeito pela autoridade do professor; a ineficácia das medidas preventivas; a ineficiência das medidas sancionatórias aplicadas; ausência da autoridade paternal; bem como a falta de estratégias convergentes por parte dos professores no controlo das causas da indisciplina.

O estudo termina com a elaboração de um plano operacional de intervenção que tem como finalidade diminuir a indisciplina na sala de aula na escola X.

Palavras-chave: Causa da indisciplina; autoridade do professor; ineficácia da prevenção, plano de intervenção.

Abstract

The following paper/project work aims to be a contribution to the scientific approach of an issue, that has recently been growing in dimension and reshaping its own features, thus becoming one of the major concerns of teachers as well as spreading to different sectors of our society.

The goal of this study is to get to know the perspectives of the different educational actors involved in indiscipline, both within the classroom and in the school itself, involving 12-15-year-old students (the so-called "3rd cycle", in Portugal) in a specific school. By analysing interpersonal relationships I aim to fully understand the relation between undisciplined behaviours and the teachers' pedagogical practices.

The planning of such investigation was made according to perspectives and concepts, not only of reference authors, but also of legal documents and research which has already been undertaken within this field.

A study case methodology has been adopted with a dual character of both qualitative and quantitative nature.

The research has been developed by questioning and interviewing teachers, and thoroughly analysing the variables result creating a realistic perception of the school at issue. The understanding of behaviours considered as undisciplined was favoured and seen through the perception of the people involved, by means of semi-directive interviews to class tutors, operational assistant coordinators, the president of parents' association and the school headmaster. This study enables us to recognise difficulties in the pedagogical relationship between teacher/students, the lack of respect for the teachers' authority, the ineffectiveness of preventive measures, as well as the inefficiency of the applied punishment measures, the absence of parental authority and the lack of converging strategies by teachers in controlling the causes of such indiscipline.

Keywords: Causes of indiscipline, teacher's authority, ineffectiveness of prevention, intervention plan.

Abreviaturas, siglas e símbolos.

AA – Associação de estudantes

ADM – Administração

AP – Associação de Pais

CEF/T3 – Cursos de Educação e Formação Tipo 3

CP – Conselho Pedagógico

DGIDC – Direção Geral Inovação e Desenvolvimento Curricular

DT – Diretor de turma

DT7- Diretor de turma do 7º ano

DT8 – Diretor de turma do 8º ano

DTCEF- Diretor de turma do curso de educação e formação

EE – Encarregado de Educação

EEP – Equipa Escola Progresso

GA – Gabinete do aluno

IGEC - Inspeção-geral de educação e Ciência

PA - Presidente da Associação de Pais

PEE – Projeto Educativo de Escola X

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

RI - Regulamento Interno

Índice

Introdução	5
CAPÍTULO I : PROBLEMA EM ESTUDO	
1. O Problema e a sua importância	7
2. Objetivos gerais do projeto	9
CAPÍTULO II : ENQUADRAMENTO TEÓRICO E ENQUADRAMENTO LEGAL DA INDISCIPLINA NA ESCOLA	
1. Conceitos de indisciplina	10
2. Tipo de comportamentos indisciplinados	15
2.1. Os comportamentos perturbadores	16
2.2. Comportamentos desviantes	17
2.3. Comportamento disruptivo	18
2.4. A hiperatividade	19
2.5. Violência na escola	19
2.6. Bullying	21
3. Fatores da indisciplina	23
3.1. Indisciplina e responsabilidade do professor	24
3.2. Indisciplina e responsabilidade do aluno	26
3.3. Indisciplina e responsabilidade da escola	29
3.4. Indisciplina e fatores sociofamiliares	31
4. Dimensão formal: enquadramento normativo	33
5. Prevenção, intervenção e punição face à problemática da indisciplina.	39
CAPÍTULO III : ESTUDO EMPÍRICO	
1. Contextualização	46

2. Metodologia de investigação	50
3. Populações em estudo	54
4. Modo de seleção das unidades	54
5. Técnicas e instrumentos de recolha de dados	55
6. Descrição do processo de recolha de dados	55
7. Técnicas de tratamento de dados	57
8. Análise e discussão de dados	58
8.1. Análise e discussão de dados dos Questionários	58
8.1.1. Caracterização da população alvo: Dados demográficos	58
8.1.2. Indisciplina e a relação pedagógica na sala de aula	60
8.1.3. Construção da disciplina.	66
8.2. Análise de entrevistas	71
8.2.1. Análise e apresentação de resultados	71
9. Síntese da investigação	83
CAPITULO IV : PLANO DE AÇÃO	
1. Ponto de partida e planificação geral	86
1.1. Objetivos do plano de ação	87
2. OPERACIONALIZAÇÃO DO PROJETO	88
3. Avaliação do plano de ação	90
4. REFLEXÕES FINAIS	91
BIBLIOGRAFIA	92
APÊNDICES	98

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Comportamentos desviantes dos alunos (Fonte: Amado e Freire (2009, p.43)).....	17
Tabela 2 - A violência na escola (Fonte: Amado (2005, p.306))	20
Tabela 3 - Fatores de indisciplina provenientes dos alunos Fonte: Amado (2001, p.310).....	28
Tabela 4 - Tipologia das Medidas Corretivas e Medidas Disciplinares Sancionatórias (Fonte: Regulamento Interno da escola X)	38
Tabela 5 - Análise de Dados (Fonte: Dados do Relatório de Autoavaliação 2013/2014, (p.14)).....	47
Tabela 6 - Nº de referências por comportamento e categoria (Fonte: Dados do Relatório de Autoavaliação 2013/2014, (p.14))	47
Tabela 7 - Dados do relatório de Auto Avaliação 2013/2014 (Fonte: Relatório da autoavaliação (Escola X, 2013/14, p.14))	49
Tabela 8 - Categoria: Noção de comportamentos indisciplinados.....	71
Tabela 9 -Categoria: Classificação de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: mais frequentes.....	72
Tabela 10 - Categoria: Classificação de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: mais graves.....	73
Tabela 11 - Categoria: Classificação de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: mais marcantes.....	74
Tabela 12 - Categoria: Causas de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: O professor	75
Tabela 13 - Categoria: Causas de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: O aluno.....	76
Tabela 14 - Categoria: Causas de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: A escola.....	76
Tabela 15 - Categoria: Causas de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: A família	77
Tabela 16 - Categoria: Prevenção.....	78
Tabela 17 - Categoria: Intervenção	80
Tabela 18 - Categoria: Punição	82
Tabela 19 - Plano de Ação	88

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Sexo dos inquiridos.....	58
Figura 2 - Dados Acadêmicos e Profissionais.....	59
Figura 3 - Cargo/Função desempenhada.....	59
Figura 4 - Idade dos inquiridos por classes.....	59
Figura 5 - Frequência de indisciplina na sala aula	60
Figura 6 - Responsabilidade do Professor/ indisciplina na sala de aula	61
Figura 7 - Negociação das regras com os alunos.....	61
Figura 8 - Autonomia suficiente para atuar.....	61
Figura 9 - Causas da indisciplina na sala de aula – Fatores externos à escola	62
Figura 10 - Fatores internos à escola.....	63
Figura 11 - Fatores Internos à escola e ligados ao professor	64
Figura 12 - Abordagem através da prevenção na resolução da indisciplina	66
Figura 13 - Abordagem através da correção da indisciplina	66
Figura 14 - Abordagem através da punição.....	67
Figura 15 - Atuação perante situações de indisciplina	68
Figura 16 - A indisciplina leva-o a.....	69
Figura 17 – Como gerem a carreira profissional perante a indisciplina.....	70

INTRODUÇÃO

A presente dissertação/trabalho de projeto pretende ser um contributo para uma abordagem científica de um problema que nos últimos anos ganhou dimensão e contornos diferentes, tornando-se um dos polos das preocupações dos professores, chegando mesmo a extravasar a escola, alargando-se aos variados setores da sociedade.

Assim sendo, a escolha da indisciplina na sala de aula e no meio escolar como tema para esta dissertação/trabalho de projeto de mestrado em Estudos Profissionais Especializados em Educação - especialização em Administração das Organizações Educativas, prende-se com razões de ordem pessoal e profissional. Pessoal na medida em que a indisciplina na sala de aula e na escola tem sido pouco estudada e até descorado ao nível da formação e apoio aos professores e alunos envolvidos. Ao nível profissional por se tratar de um desafio à reflexão da indisciplina escolar e seus determinantes.

O trabalho de projeto procura, com auxílio da revisão da literatura, o trabalho empírico e com recurso a documentos da escola X, compreender as mudanças ocorridas nos últimos tempos, no âmbito da indisciplina dentro da sala de aula bem como da perda da autoridade do professor, e contribuir para implementação de um dispositivo de intervenção que diminua a indisciplina na sala de aula e no ambiente escolar, tendo em conta os normativos vigentes.

No que concerne à construção de um “corpus” científico, focalizado na análise de situações de sala de aula, contribuirá com um conjunto significativo de investigações sobre o tema os autores que constam na bibliografia, especialistas na indisciplina na sala de aula.

No fenómeno da indisciplina, há variáveis de diversa natureza, que transcendem os diferentes atores das organizações escolares. A permanência na escola de um número elevado de alunos com motivações, expectativas e competências diferentes daqueles que a escola oferece, e, sobretudo, as mudanças

sociais e culturais (heterogeneidade da população dos alunos) contribuíram para a alteração dos comportamentos na escola, surgindo novas atitudes/valores, para os quais a escola não está preparada para dar resposta.

Neste contexto, emerge a desmotivação de muitos alunos o que se torna fonte de indisciplina e insucesso, constituindo este problema um dos maiores desafios para os professores. “Ensinar a quem não quer aprender é como lançar sementes em terreno pedregoso. Não dá frutos”. (Estanqueiro, 2010, p.11).

De modo a facilitar a compreensão da estrutura deste trabalho de projeto, foi organizado em quatro capítulos: o primeiro capítulo diz respeito ao problema em estudo e objetivos do projeto; o segundo capítulo refere-se à pesquisa teórica realizada; o terceiro capítulo diz respeito ao estudo empírico realizado através de inquéritos por questionários e entrevistas, dirigidos à diretora da escola, professores que lecionam o 3º ciclo, funcionários, e associação de pais. Nele se descrevem a metodologia, onde se incluí os instrumentos de recolha de dados e a apresentação e análise dos resultados. No quarto capítulo apresenta-se o plano de ação.

Deste modo, o presente trabalho assume-se como uma tentativa de compreensão do problema em questão, permitindo implementar um dispositivo de intervenção que diminua a indisciplina na sala de aula e no ambiente escolar.

CAPITULO I

PROBLEMA EM ESTUDO

Neste capítulo apresenta-se o problema que justificou este estudo, a questão de partida a sua importância e formulam-se os objetivos do projeto.

1. O PROBLEMA E A SUA IMPORTÂNCIA

Ao longo da experiência docente deparou-se com situações de indisciplina que colocaram entraves no decorrer do processo ensino-aprendizagem. Diariamente ocorrem comportamentos indisciplinados na sala de aula e no meio escolar.

As reuniões dos conselhos de turmas são de uma maneira geral para tratar de assuntos ligados à indisciplina e às dificuldades da prática letiva colocada pelos professores. A indisciplina ocorre com os professores que lecionam o 3º ciclo e a turma do Curso de Educação e Formação Tipo 3. Neste contexto, incide sobre as causas da indisciplina e conceção de um dispositivo de intervenção que diminua a indisciplina na sala de aula.

Na escola em estudo, a indisciplina, no 3º ciclo e CEF/T3, afeta professores, alunos e a escola em geral, no quotidiano e várias vezes ao dia. Na escola os professores têm cada vez mais dificuldade em desenvolver o processo ensino-aprendizagem, mesmo diversificando estratégias e recorrendo a metodologias ativas. O comportamento de alguns alunos reflete um incumprimento total das normas básicas de convivência, pondo em causa a autoridade do professor e perturbando o normal funcionamento das aulas (não trazem o material necessário; não acatam qualquer ordem, agridem-se mutuamente; recusam-se a passar para o caderno as atividades propostas). Alguns destes alunos acabam mesmo por evidenciar comportamentos de exclusão escolar apresentando comportamentos disruptivos dentro e fora da sala de aula, exercendo uma “má” influência sobre outros alunos. Para alguns destes alunos a inclusão escolar passa por terminar os estudos

ingressando nos cursos do CEF. A forma como a escola está a tentar de contornar esta indisciplina, passa pelo envolvimento da comunidade educativa nas políticas e práticas da escola, nomeadamente contribuindo para a efetivação dos objetivos do Projeto Educativo (reflexo nos diferentes Planos de Trabalho das Turmas ao nível dos domínios prioritários de intervenção, das situações de aprendizagem, e das áreas curriculares ou disciplinares a trabalhar).

A escola tem um objetivo, com o elevado número de projetos em ação, conseguir o envolvimento dos alunos na escola, tendo em conta os fatores pessoais e contextuais que os influenciam, mas a escolha dos alunos para a integração destes projetos passa por uma seleção, e nem sempre contemplam os alunos indisciplinados, por isso não contribuem para a melhoria disciplinar dos alunos na escola.

Com a colaboração dos atores da escola, proponho elaborar um dispositivo de apoio, para diminuir a indisciplina, e promover uma mudança de perspetiva e de comportamentos em relação à indisciplina na sala de aula contribuindo assim para alterar esta realidade.

Desta forma, colocaríamos a seguinte questão de partida:

“Como se pode conceber e implementar um dispositivo de intervenção que diminua a indisciplina na sala de aula e no ambiente escolar?”

Pretende-se contribuir para uma melhor compreensão, não só do próprio envolvimento dos alunos na escola enquanto agentes de construção, e, da sua relação com alguns dos fatores pessoais e escolares do aluno.

Do exposto, assenta a importância e pertinência deste projeto, que pode permitir o desenho de novos formatos de atuação.

2. OBJETIVOS GERAIS DO PROJETO

O objeto do estudo centra-se na análise da indisciplina, na perspetiva dos professores que lecionam as turmas do 3º ciclo e CEF/T3 turmas, na Escola X.

Foram selecionados os referidos anos de escolaridade uma vez que considera-se que é nesta faixa etária que se começam a revelar comportamentos mais irreverentes, mais indisciplinados e uma maior necessidade de afirmação pessoal. E ainda, pelo fato de o aluno frequentar o estabelecimento de ensino há dois ou três anos permitindo-lhe uma maior facilidade de movimentação entre os colegas, funcionários e edifício escolar, uma maior e melhor adaptação.

O objetivo deste estudo é identificar as causas da indisciplina na sala de aula e conceber um plano de intervenção. A partir deste objetivo geral, apresentam-se os seguintes objetivos específicos.

- Identificar as condições predisponentes e precipitantes para indisciplina na sala de aula, na escola X.
- Identificar o tipo de comportamentos mais frequentes na sala de aula.
- Identificar as principais causas da indisciplina, na perspetiva dos professores.
- Identificar as medidas de prevenção, intervenção e punição face à indisciplina.
- Identificar as medidas sancionatórias que, na opinião dos professores, e dos restantes elementos da escola, são as mais eficazes.
- Determinar a responsabilidade e o papel que os diversos atores da comunidade escolar devem desempenhar face à indisciplina.

CAPITULO II

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E ENQUADRAMENTO LEGAL DA INDISCIPLINA NA ESCOLA.

Neste capítulo, pretende-se clarificar algumas definições de indisciplina, as principais teorias, os tipos de indisciplina mais frequentes na sala de aula e no meio escolar, e ainda apontar fatores determinantes, formas de prevenção e intervenção, bem como os normativos legais que enquadram esta problemática.

1. CONCEITOS DE INDISCIPLINA

A problemática da indisciplina permanece atual através dos tempos tendo-se tornado alvo de debates alargados. Hoje no conjunto das questões e problemas que se colocam à escola, a indisciplina ocupa um lugar central pelas preocupações e responsabilidades dos órgãos de gestão, assim como, dos professores, dos pais e também por vezes dos familiares. Segundo Renca (2008) a indisciplina, sendo um fenómeno antigo, tem nos dias de hoje uma relevância crescente perante a qual os professores revelam notórias dificuldades em lidar. Curto (1998), afirma que “ (...) a indisciplina não está relacionada, em primeiro lugar, com a própria definição do seu conceito” (p16), por vezes resulta das relações que se estabelecem entre os diversos atores sociais; a escola atual é muito diferente da escola de há cinquenta anos. Segundo Teixeira (1995), citado por Curto (1998) “a escola deixou de ser o lugar em que se aprende a ler, escrever e contar para ser orientada por objetivos mais vastos: o da formação integral do aluno, o desenvolvimento de uma ação concreta no meio” (p.16). Vive-se numa fase de constante evolução em determinados setores da educação, daí, resulta a publicação de inúmeros artigos científicos, no entanto a sua aplicabilidade não tem surtido o efeito desejado nas escolas. Na perspetiva de Amado e Freire (2009) a indisciplina é um conceito complexo, polissémico, que

requer uma análise rigorosa, daí o interesse da pesquisa em curso no âmbito deste projeto.

Nesta perspectiva Jesus (1993) afirma que:

(...) o problema é atual, tendo em conta que antigamente a autoridade do professor não era posta em causa, submetendo-se os alunos «passivamente» ao poder do professor, devido sobretudo ao estatuto com que este se apresentava perante os alunos e à competência que lhe era atribuída (p.21).

Esta mudança de paradigma deve-se, sobretudo à maior possibilidade de acesso aos meios de comunicação social e outras fontes de saber, nomeadamente o alargamento da escolaridade, o crescente insucesso escolar e a maior incerteza quanto ao futuro escolar e profissional.

Neste mesmo sentido a indisciplina é falta de disciplina, forma contrária à ordem ou regra estabelecida. A construção da disciplina é um processo “inteligente e criativo” de lidar com a indisciplina.

Este conceito tem assumido ao longo dos tempos diferentes significações, ou seja: “punição; dor; instrumento de punição; direção moral; regra de conduta para fazer reinar a ordem numa coletividade; obediência a essa regra” (Estrela, 2002, p.17). Ainda segundo Teresa Estrela a indisciplina surge como um ato de rebelião contra a regra de vida coletiva e contra o grupo. Assim sendo, a indisciplina é um comportamento disruptivo e de desobediência.

Atualmente a indisciplina assume contornos pertinentes em todas as faixas etárias e todas as classes sociais, tornando-se o centro de preocupação das escolas e dos vários setores da sociedade, sendo, no entanto de realçar que “ nenhuma organização pode definir de forma precisa e inequívoca os comportamentos dos seus membros” (Melo, 1993, p.37). Segundo Amado (2001) a indisciplina “é um fenómeno relacional e interativo que se caracteriza no incumprimento das regras que presidem, orientam e estabelecem as condições das tarefas na aula, e, ainda, no desrespeito de normas e valores que fundamentam o são convívio entre pares e a relação com o professor, enquanto pessoa e autoridade” (p.43).

Há sociólogos que defendem, que a natureza da relação pedagógica depende da instituição escolar, ou seja, as formas de relação são determinadas a partir das regras da sociedade em que esta se insere e neste mesmo sentido cada sociedade tem o seu modelo educativo. O sistema educativo delega o poder na escola e nos professores para que os alunos interiorizem os modelos e os valores que lhe são inerentes (Postic, 1990).

Nesta mesma perspectiva Martins (2009) afirma que “a indisciplina não se apresenta da mesma forma para todos os professores, variando a sua representação em função do professor e em função da escola. Assim, um professor pode considerar determinados comportamentos desadequados, enquanto outro pode considerar que esses mesmos comportamentos não interferem com o funcionamento da aula”.

Por outro lado, Vasconcellos (2000), afirma que a disciplina poderá ser entendida como uma “ordem consentida livremente, conveniente ao funcionamento regular das organizações sociais” (p.9). As regras de convivências são estabelecidas como forma de evitar confrontos entre os demais elementos das organizações sociais.

Neste sentido, também, Amado e Freire (2009), referem que seja na escola ou em qualquer outro lugar, os conceitos de disciplina e de indisciplina estão relacionados com a necessidade de estabelecer regras de conduta no sentido de facilitar o convívio entre os seus membros.

Segundo Sampaio (1996a), “a questão da indisciplina na escola é um mar de equívocos” (p.32). Um dos problemas mais graves é a disparidade e a falta de homogeneidade das regras estabelecidas, variando de escola para escola, de aula para aula e de professor para professor. Os alunos não entendem porque é que em determinada situação e com determinado professor têm que ter maneiras diferentes de agir.

Melo (1993), citado por Curto (1998, p.24) afirmam que “ não há consenso entre os professores do que é de fato a indisciplina”, nesta perspectiva, o professor ao punir tem critérios diversos o que perturba o comportamento dos alunos, criando-lhe insegurança na forma de estar na aula. Segundo Curto (1998) “é urgente que se estabeleçam regras gerais mais precisas, mas a melhoria do clima relacional entre os

diversos intervenientes educativos apresenta-se igualmente como imperativa” (p.26).

Para Perrenoud (1995), a escola apresenta mais dificuldades que estímulos ao desenvolvimento das aprendizagens dos alunos e neste sentido o autor coloca as seguintes questões:

Qual o aluno que poderá interessar-se profundamente pelo seu trabalho quando este é tão fragmentado, desconexo, caótico, ao sabor das mudanças de actividades e de disciplinas, do ritmo das campanhas e de outros toques, da contínua troca de professores e dos respectivos temperamentos, das pressas e dos tempos mortos? Qual o aluno que poderá, por imposição, tornar-se ativo ou passivo e escutar ou concentrar-se, falar ou escrever, questionar ou responder só porque recebeu a ordem do professor, no momento determinado que este julga oportuno? (p.18).

Assim, e tendo em conta as questões levantadas por Perrenoud, muitas vezes a sobrevivência e a satisfação dos alunos na escola dependem da sua adaptação a um meio desconhecido e à sua capacidade de se integrarem numa turma ou num grupo e serem aceites e reconhecidos por eles.

Todo o ser humano ao adotar determinado comportamento atua influenciado por objetivos, claros ou não, que pretende alcançar.

A aprendizagem por tentativa-erro, assim como as questões que o aluno coloca e as suas dúvidas, podem ser utilizadas contra o aluno, dando lugar a sarcasmos e por vezes a apreciações com anotações na caderneta que o podem colocar em situações de dificuldade perante os pais.

A disciplina estabelece a ordem, o respeito pelo outro. Assim, Amado e Freire (2009) referem que os conceitos de disciplina e de indisciplina possuem também uma “dimensão que os aproxima das problemáticas da cidadania, do saber estar com os outros, do respeito mútuo, da capacidade de autocontrolo que permita não pôr em causa a liberdade dos outros” (p.7). Seguindo os contributos destes autores a prática da cidadania é suportada por um conjunto de valores como a justiça, a liberdade, os direitos civis, políticos e religiosos ligados aos indivíduos, traduzem atitudes e comportamentos de respeito mútuo e do bem comum.

Neste contexto, os comportamentos dos alunos, sejam bons ou maus, não podem ser vistos apenas como provenientes deles próprios. Torna-se necessário considerá-los como parte de uma situação total, na qual atuam vários intervenientes que atribuem significados àquilo que se fazem. Contudo, nem sempre é fácil atingir os objetivos e satisfazer as necessidades porque, frequentemente, os atores se deparam com obstáculos que dificultam ou impedem a sua realização. Quando tal acontece e o aluno não consegue a satisfação dos seus objetivos pode experimentar sentimentos de inferioridade e recorrer a métodos alternativos competitivos que se manifestam em comportamentos indisciplinados, que serão tanto mais frequentes quanto maiores forem as dificuldades encontradas.

Na perspetiva de Veiga (2007), a “indisciplina é a transgressão das normas, prejudicando as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou o relacionamento das pessoas nas escolas” (p.15), contrariando assim as regras do regulamento interno da escola, o estatuto do aluno, entre outros. Sempre que um aluno não cumpre qualquer dever de um dos normativos citado é denominado com aluno indisciplinado, afastando-se do “modelo de aluno ideal” (Postic, 1990) reforçando uma conceção de professor autoritário e tradicionalista conforme a instituição escolar e a sociedade.

A complexidade do processo ensino aprendizagem passa por processos de reflexividade.

As reflexões surgem em Schon (1983, 1990) como elemento fundamental do desenvolvimento profissional dos professores, ou seja, estes profissionais, formam-se organizando-se e organizando o seu trabalho (Barroso, 2002).

Nóvoa (1991) afirma que os professores têm que possuir “capacidades de autodesenvolvimento reflexivo” que permitam suportar o conjunto de decisões e orientações que têm de tomar no quotidiano da prática letiva, ou seja, na sala de aula assim como em contextos mais alargados, o da escola e da comunidade.

Neste sentido, os conceitos de auto - reflexão (capacidade que o sujeito desenvolve de se analisar), hétero-reflexão (capacidade de confrontar pontos de vista com os outros, nomeadamente, com os parceiros educativos) e eco reflexão (capacidade de analisar as situações do quotidiano no seu contexto) constituem

processos que embora diferentes se complementam e são fundamentais na construção da profissionalização dos professores. Deste modo, Perrnoud (1995) considera que a reflexão está na base do desenvolvimento de uma prática que privilegia a diferenciação pedagógica.

Como se tem vindo a defender as causas do insucesso e da indisciplina não estão só nas crianças, nas famílias e no meio social, mas decorrem em grande parte do processo de escolarização.

Santos (2010) considera que a “diferenciação pedagógica constitui-se como uma resposta orientada pelo princípio do direito de todos à aprendizagem, essencial para dar resposta à heterogeneidade de alunos que frequentam a escola atual” (p.25).

Nesta perspetiva, os modelos rígidos de conceber a prática letiva afastam-se do conceito de diferenciação pedagógica como possibilidade de sustentar a longo prazo um maior equilíbrio de relação entre as diferentes perspetivas de encarar o problema da indisciplina.

2. TIPO DE COMPORTAMENTOS INDISCIPLINADOS

Consideram-se comportamentos indisciplinados aqueles que contrariam os princípios do regulamento interno, do estatuto do aluno ou as regras de disciplina regulamentadas nos documentos oficiais e obrigatórios da Escola e do Ministério da Educação. A escola é orientada por um conjunto de regras, que devem ser respeitados pelos alunos e outros elementos da comunidade educativa (Lei 46/86).

O conceito de indisciplina é complexo e subjetivo, por isso, torna-se difícil definir uma taxonomia dos comportamentos dos alunos dentro da sala de aula. Deparamo-nos com diferentes conceitos como: comportamentos perturbadores, comportamentos desviantes, comportamentos disruptivos, hiperatividade, “bullying” e violência na escola, que são conceitos que fazem parte de comportamentos indisciplinados que se vão desenvolver tendo em conta o objeto de estudo deste projeto.

2.1. OS COMPORTAMENTOS PERTURBADORES

Os comportamentos perturbadores são aqueles comportamentos que impedem o normal funcionamento das aulas, em relação às normas estabelecidas pela escola. O aluno desobedece as “ordens” do professor, evidenciando comportamentos como: barulho, conversas paralelas, troca de mensagens em papelinhos, discussões frequentes entre grupo de alunos de modo a provocarem uma agitação geral, sussurro. O professor fica perturbado com esses tipos de comportamentos que interrompem a aula para “mandar” “calar” constantemente o aluno perturbador, afastando-se até da sua planificação de aula.

De acordo com Amado e Freire (2009), praticamente todos os alunos infringem as regras mesmo os considerados “bons alunos”. Este tipo de comportamento referido anteriormente é caracterizado como comportamento que acontece com maior frequência em relação a outros tipos, e é representado pelos próprios alunos como os menos graves. O comportamento perturbador faz parte da rotina da sala de aula. Esta constatação é sentida tanto pelo professor como pelos alunos.

Segundo Amado e Freire (2009), os “ estudos são unânimes na conclusão de que o carácter perturbador do comportamento de indisciplina provém mais da sua frequência ou recorrência do que da sua gravidade intrínseca” (p.21).

No mesmo sentido, Amado (2001) considera que o comportamento perturbador é mais frequente em turmas pouco coesas, comandadas por alunos com fraca noção das exigências escolares, turmas numerosas com muitos alunos repetentes.

Na perspetiva de Veiga (2007) as turmas com vinte cinco ou mais alunos apresentam dificuldades em conduzir estes jovens ao prazer em aprender. Neste sentido, o próprio sistema educativo pode contribuir para este tipo de comportamento na sala de aula. Daí que quanto maior for o número de alunos por turma, mais difícil se torna o professor controlar a disciplina na sala de aula.

De acordo com Amado e Freire (2009), a infração das regras de disciplina verifica-se com todos os professores, embora em graus e frequências diversas e em função de certas variáveis, nomeadamente, sexo, idade e categoria profissional. No estudo

de Amado (1989) verificou-se que os professores do sexo feminino apresentaram maior número de participações do que os do sexo masculino.

2.2.COMPORTAMENTOS DESVIANTES

O desvio às regras do trabalho é aquele comportamento que “na sua essência se traduz no incumprimento de regras necessárias ao adequado desenrolar da aula” (Amado e Freire, 2009,p.11). Este tipo de comportamento está relacionado com comportamentos perturbadores, uma vez que este último também se resume no incumprimento das regras na aula.

Ainda Amado e Freire (2009) afirmam que “não é fácil o estabelecimento de um acordo entre o professor e todos os alunos de uma turma no que respeita às exigências e ao objeto das regras” (p.17). O professor apresenta aos alunos as regras do funcionamento das aulas, através de uma súmula do Regulamento Interno e também de um contrato pedagógico elaborado por si. Os alunos escrevem no caderno diário, na primeira página, mas depois de alguns dias de aulas esquecem as regras, porque não participaram na sua elaboração logo não as interiorizaram.

O quadro a seguir expressa os comportamentos desviantes dos alunos.

Tabela 1 - Comportamentos desviantes dos alunos (Fonte: Amado e Freire (2009, p.43))

Subcategoria	Comportamentos desviantes dos alunos
- «Desvio» às regras da comunicação verbal.	- Conversas, comentários, respostas coletivas, gritos, barulhos, confusão.
- «Desvios» às regras da comunicação não-verbal.	- Risos, olhares, gestos, posturas/posições, aspeto exterior.
- «Desvios» às regras da «mobilidade».	- Deslocações não autorizadas, brincadeiras.
- «Desvio» ao cumprimento da tarefa	- Atividades fora da tarefa, falta de material, falta de pontualidade, falta de assiduidade.

Como se pode verificar o quadro, expressa o resultado de uma pesquisa feita por Amado e Freire (2009).

2.3.COMPORTAMENTO DISRUPTIVO

O termo “comportamento disruptivo” resulta do termo inglês “disruptive behavior” que é uma expressão muito utilizada na linguagem científica internacional. Segundo Veiga (2012) o comportamento disruptivo é reconhecido “como aquele que vai contra as regras escolares, prejudicando as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou o relacionamento das pessoas na escola” (p.59). Merret & Wheldall (citados em Veiga 2012) definem o comportamento escolar disruptivo como “aquele que prejudica a aprendizagem dos alunos ou a eficácia do ambiente de ensino” (p.59). Este tipo de comportamento para além de prejudicar a aprendizagem do aluno disruptivo prejudica os restantes alunos da turma.

Os comportamentos disruptivos mais comuns são, segundo Lopes e Rutherford (2001,p.21) “chegar tarde”, “interromper a aula”, “faltas de material”, “desatenção”, “falar para o lado” e “formas menores de agressão física e verbal”. Perante este tipo de comportamentos nenhum professor os considera só por si “indisciplinado”; no entanto, quando eles ocorrem com elevada frequência e por períodos de tempo mais prolongados, ou por um número de alunos suficiente para perturbar o normal funcionamento da aula, então, já poderão ser rotulados de comportamentos indisciplinados.

Lawrence et al. (citados em Veiga, 2012) regista a existência de três grandes dimensões da disrupção escolar: agressão à autoridade (professor e escola), agressão ao colega e distração. Na disrupção escolar, pode-se ainda incluir a falta de atenção, a transgressão das regras e a agressão (Coulby e Harper, citados em Veiga, 2012).

No mesmo sentido, Veiga (1991), considerou os seguintes tipos de comportamentos disruptivos: vandalismo, faltar às aulas, desobediência aos professores, irritação, ameaças ou violência física para com os colegas, violência física para com os professores, roubo, praguejar ou outra linguagem imprópria, chegar demasiado tarde às aulas, conversar/tagarelice, fazer barulho, perturbar a ordem nas aulas, perturbar a ordem na escola, alcoolismo, desinteresse e outros.

2.4. A HIPERATIVIDADE

A hiperatividade preocupa muito os professores em sala de aula, pela natureza do comportamento. Está associada às dificuldades de concentração, à impulsividade e agitação. Na perspectiva de Amado e Freire (2009), “a hiperatividade é um problema que se manifesta de formas diversas como a «reação indiscriminada» a todos os estímulos (exteriores ou interiores), «desassossego contínuo» e «atividade em excesso» ...” (p.106). As crianças hiperativas são instáveis estão sempre em movimento. Este tipo de comportamento constitui um grande desafio para o professor que terá que mantê-las sempre ocupadas. Tal como os outros tipos de comportamentos, a hiperatividade causa prejuízo para o próprio aluno hiperativo, e prejudica a aprendizagem dos outros alunos da turma.

2.5. VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Um outro conceito relacionado com a indisciplina que surge na bibliografia é a violência. No contexto da escola, o conceito de violência é um dos problemas mais graves do dia-a-dia da escola. Amado (2005) descreve a violência na escola como aquela que “é exercida no interior da instituição por alguns dos seus membros contra outros, ocorrendo na interação direta e diária, assumindo a natureza de violência física ou psicológica contra a propriedade” (p.305).

Segundo Barroso (2002) a violência escolar transformou-se num conceito sócio - mediático muito utilizado pelos meios de comunicação e pela opinião pública para descrever o estado de desordem que segundo eles reinaria nas escolas.

Às vezes há uma certa confusão em classificar, se uma ocorrência se trata de um comportamento de indisciplina ou de violência. Como disse Sebastião (2009) “se existe alguma proximidade semântica entre conceitos como os de violência, incivilidade e indisciplina, tal proximidade não significa nem implica necessariamente

que descrevam os mesmos fenómenos...” (p.40). Este autor diferencia a indisciplina da violência, assegurando que na indisciplina o uso do poder é limitado, enquanto, que na violência há uma manifestação de um poder excessivo em que o aluno agressor questiona o poder do professor. De acordo com Fischer (citado por Veiga (2007) a violência é definida como o “recurso à força para atingir o outro na sua integridade física ou psicológica” (p.15). A violência escolar manifesta-se num conjunto de comportamentos antissociais que podem ser praticados pelos alunos ou por outros elementos da escola (Amado e Freire, 2002).

O quadro 2, apresenta o resumo de situações de violência que podem ser cometidas pelos alunos, professores ou outros elementos da comunidade educativa.

Tabela 2 - A violência na escola (Fonte: Amado (2005, p.306))

As situações de violência	Expressão – modalidade
Violência dos alunos contra os pares	<ul style="list-style-type: none"> - Jogo rude/incivilidade - Comportamento a-social ou pequena violência - “Bullying” ou maus tratos persistentes entre iguais - Delinquência juvenil (roubo/furto, vandalismo)
Violência dos alunos contra professores e outros agentes educativos	<ul style="list-style-type: none"> - Incividades - Comportamento a-social ou pequena violência - Delinquência juvenil (roubo/furto, vandalismo, violência etc.)
Violência dos adultos (professores e outros) contra os alunos	<ul style="list-style-type: none"> - Abusos de poder - Crime
Violência de adultos contra adultos	<ul style="list-style-type: none"> - Ataques pessoais - Crime

A violência nas escolas está associada a vários fatores: fatores individuais, fatores sociais e fatores culturais. Rousseau afirmava que “os homens não nascem naturalmente maus, a sociedade é que os transforma.” De facto a criança não nasce violenta. Os seus comportamentos são frutos do ambiente em que coabitam. O que é

violência para uns, não o é para outros, quem convive com o fenómeno não percebe a gravidade do comportamento violento.

2.6. BULLYING

A comunidade educativa na atualidade preocupa-se com o bullying. De acordo com Amado e freire (2009), “bullying” é um termo de origem inglesa, característico de violência entre pares, caracterizada essencialmente pela intenção de causar sofrimento ao mais fraco através de dor física ou perturbação emocional.

Um outro conceito relacionado é o de bullying, para Beane (2006) o “bullying acontece quando uma pessoa mais forte e mais poderosa magoam ou assusta uma pessoa mais pequena ou fraca, deliberadamente (de propósito) e de forma repetida (muitas vezes) ” (p.26). O mesmo autor refere ainda que, o bullying envolve pelo menos duas pessoas: o bully e a sua vítima; os bullies gostam de se sentir fortes e superiores; os bullies gostam de ter poder sobre os outros; os bullies usam o seu poder para magoar as outras pessoas. Um aluno é vítima de “bullying” quando é sujeito a comportamentos agressivos de forma repetida ou prolongada, manifestada através de agressões verbais (chamada de nomes), agressões físicas (bater), gestos provocadores ou exclusão de alguém de um grupo. Esta atitude denota a intencionalidade do comportamento; comportamento repetido ao longo do tempo e desequilíbrio de poder entre o provocador e a vítima.

Segundo Estrela (2002) “só há «bullying» quando existe uma intenção deliberada de magoar outrem mais fraco e sem condições de defesa, se insiste nesse comportamento e se tira dele prazer” (p.136). A referida autora refere que o “bullying” é manifestado através de: agressão física e verbal (abrange comportamentos como: injúria, ameaças, rumores); psicológica (inclui comportamentos de intimidação, isolamento da vítima); exclusão.

Segundo Santos (2011) numa situação de “bullying” podem ser considerados três papéis: as vítimas, que são aqueles que sofrem a agressão; os agressores, aqueles

que cometem agressão; as testemunhas/observadores, aqueles que presenciam a agressão.

Beane (2006) descreve o perfil das vítimas como aqueles que não se adaptam ao ambiente escolar, em que os pais são demasiados protetores. As vítimas são geralmente inseguras, tímidas, fisicamente frágeis, com autoestima baixa e são covardes ao ponto de não contestar as provocações dos agressores. As vítimas são contra comportamentos violentos. Os agressores do “bullying” ao contrário das vítimas têm uma atitude favorável em relação à violência. São normalmente fortes ou consideram-se com mais força, seguros, apresentam uma autoestima elevada. Segundo Beane (2006), os agressores apresentam um comportamento agressivo porque desejam estar na liderança do grupo para dominar. O mesmo autor sugere aos professores a utilização de instrumentos para ajudar as vítimas e apanhar os bullies em flagrante, tendo sanções disciplinares preparadas para aplicar de imediato aos bullies.

Estrela (2002) refere que a situação de “bullying” acontece com mais frequência nos recreios, e a maioria dos casos acontecem com indivíduos do sexo masculino tanto no papel de agressor como no de vítima. Geralmente é nos corredores e nos pátios que acontecem situações de ameaças, ataques físicos, rumores pejorativo que normalmente atingem o mesmo aluno com alguma frequência. Este tipo de comportamento baixa a autoestima da vítima, que muitas vezes não revela o sucedido com os familiares e nem com os professores.

Os comportamentos que se enunciaram, embora se tenha apresentado características de cada um, pelo menos na prática, as fronteiras são tão ténues que se entrecruzam sendo por vezes difíceis distinguir cada um deles. Por outro lado, cada ato, representa muitas vezes um conjunto de comportamentos, que, ou são sequenciais, ou tomam configurações múltiplas. A diversidade de comportamentos indisciplinados depende de quem observa e de quem tem que tomar medidas aumentando a complexidade de leitura e codificação.

3. FATORES DA INDISCIPLINA

Os objetivos das instituições, dos professores, dos alunos, dos encarregados de educação, são os de proporcionar uma educação de qualidade, onde sobressaiam os valores da cidadania, preparar os alunos com formação integral e contribuir para que as suas metas sejam alcançadas. Muitos desses objetivos não chegam a concretizar-se devido aos mais variados fatores, entre os quais a indisciplina na sala de aula que prejudica o ensino aprendizagem. Segundo Estanqueiro (2010) "muitos professores queixam-se da crise de valores, da influência negativa dos meios de comunicação social, das más políticas educativas..." (p.61). A questão disciplinar é muito complexa, obriga a uma análise conjunta de diversos agentes, implicados no processo. Como afirma Amado (2001), " não se sabe onde começam e acabam as causas e os efeitos, a responsabilidade deste ou daquele agente, deste ou daquele fator, devido às múltiplas implicações e à causalidade circular" (p.317) Assim sendo, a família, a sociedade e a escola são pedras basilares na formação integral dos jovens.

Segundo Vasconcellos (2000), a indisciplina pode ser originária a partir de cinco grandes níveis: sociedade, família, escola, professor e aluno.

Na perspetiva de Amado (2001, p.42), os fatores que podem estar associados ao comportamento de indisciplina são: fatores pessoais do professor: crenças, valores, estilo de autoridade, expectativas negativas relativamente aos alunos; fatores de ordem familiar: valores familiares distintos dos valores da escola, demissão da função socializadora, funcionamento desajustado do agregado familiar; fatores de ordem social e políticos: interesses, valores e vivências de classes divergentes e opostas, xenofobia, racismo, pobreza, desemprego; fatores institucionais formais: espaço físico, currículo desajustado aos interesses e ritmos dos alunos, horários; fatores institucionais informais: interação e lideranças no interior do grupo - turma geradora de um clima de conflitos e de oposição às exigências da escola e de determina dos professores; fatores pedagógicos: métodos e competências de ensino, estilos de relação desadequados, regras e falta de consistência na sua aplicação; fatores

pessoais do aluno: idade, sexo, autoconceito, adaptação, interesse, desenvolvimento cognitivo e moral, hábitos de trabalho, história de vida e carreira académica, problemas patogénicos.

3.1. INDISCIPLINA E RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR

O professor arrisca-se todos os dias a novos desafios, na maioria das vezes desenvolve um trabalho solitário que não lhe permite a partilha. O exercício da profissão requer cada vez mais uma reflexão conjunta sobre as experiências vividas na sala de aula, desta forma o trabalho de equipa torna-se uma necessidade incontornável.

Na perspetiva de Estrela “a indisciplina resulta de estratégias de resposta dos alunos a situações cuja definição difere da dos professores” (2002, p.88). Assim, identifica algumas situações que justificam a desagrado dos alunos como “o comportamento distante do professor, a despersonalização da relação originada pelo professor que ignora o nome do aluno, a brandura quando é esperada a força” (2002, p.88).

Para Amado as responsabilidades do professor resumem-se em dois aspetos fundamentais da sua ação: “o modo como estrutura as tarefas académicas e o modo como rege as relações sociais na aula” (2001, p.222).

A relação pedagógica, de acordo com Postic (1984), tem aspetos muito negativos quando se procede a categorizar um aluno: “é condena-lo a resignar-se ou a revoltar-se” (p.105), o professor deve ao contrário acreditar no potencial desenvolvimento do aluno e nas possibilidades da sua educação.

Segundo Estanqueiro (2010) “os professores conquistam o respeito dos alunos pela sua competência científica e pedagógica, não apenas pelo seu estatuto profissional. O modo como exerce a sua autoridade influencia o comportamento dos alunos” (p.61).

Também para Amado (2001) os alunos ao apontarem a relação pedagógica problemática como fonte de problemas e de indisciplina demonstram que a vivência no interior da aula constitui uma rede de interações sociais. Assim, tendo por base os depoimentos dos alunos, foram considerados os seguintes aspectos na atuação dos professores: manifestar falta de autoridade e de firmeza (Falhas no “primeiro encontro”; não se fazer estimar pelos alunos; ser demasiado indulgente); manifestar falta de experiência (a representação do estagiário); agir de forma autoritária e incoerente (agir de modo incoerente; exercer uma vigilância “desconfiada”; agir sobre o efeito de problemas pessoais; recusar a amizade – o desencontro de universos simbólicos; criar situações de injustiça); agir de forma injusta (na relação cotidiana; nos processos de ensino e avaliação; nos procedimentos disciplinares).

Na mesma sequência de ideias, Amado (2001) refere que algumas atitudes e formas de lecionar as aulas estão na base dos comportamentos de indisciplina. Os alunos acham que os professores também devem ter em atenção as suas atitudes e compreensão, na forma de lecionar as aulas. O exagero da “fala” por parte do professor só desliga quando dá o toque de saída. O uso de metodologia pouco motivadora. A constante ameaça usando momentos de avaliação e teste para ajustar contas “vinga-se nos testes”. Através destes testemunhos nota-se que os alunos observam o professor e são capazes de refletir sobre o seu comportamento durante as aulas. O aluno é capaz de distinguir um bom professor de um mau professor. Entretanto, o professor muitas vezes não tem consciência disso.

Ainda, Amado (2002) destaca um conjunto de erros técnicos e relacionais, de entre os quais: “aulas pouco motivadoras, desconhecimento de um conjunto de destrezas básicas na gestão da comunicação, má gestão das bases do poder do professor, criação de situações que os alunos consideram injuriosas, injustas e merecedoras de retaliação” (p.67).

Para Postic, o comportamento dos alunos para além da interação com o professor, deriva também do processo da interação entre os alunos a nível didático “a interação é uma reação recíproca verbal ou não verbal, temporária ou repetida segundo uma certa frequência, pela qual o comportamento de um dos parceiros tem uma influência sobre o comportamento do outro” (p.139).

Paulo Freire (1997) alerta os professores para questão de ensinar. Referindo um conjunto de aspetos que devem ser considerados tais como: “rigoriedade metodológica, pesquisa, respeito ao saberes dos alunos, criatividade, reflexão crítica sobre a prática, respeito a autonomia do ser do aluno, convicção de que a mudança é possível, saber escutar, disponibilidade para o diálogo”. Na perspectiva do aluno, o professor deve criar condições favoráveis para a aprendizagem, descobrir os seus interesses, particularidades que os motive, e conheça as suas necessidades e os seus problemas.

Carita e Fernandes (1996) afirmam que professores devem;

Aprender a gerir os seus afectos, o que passa antes de mais pelo reconhecimento dos mesmos, pela tentativa de compreensão das suas motivações, pela necessária distinção entre o sentir (de que não sou responsável) e o agir, pela aprendizagem da gestão desses afetos, (...) (p.29).

O professor ao se auto observar para proceder a uma autoanálise, muito provavelmente, permitir-lhe-á conhecer-se a si mesmo. Só assim, poderá esperar que esse conhecimento contagie os outros.

Deste modo, Curwin e Mendler (1987) afirmam que "muitos professores fazem muito pouco por si mesmos antes de enfrentar os alunos" (p.32). E o que podem eles fazer por si próprios a fim de se prepararem para algumas situações difíceis que os esperam? Aprenderem a conhecer-se - as suas atitudes, o modo como se movem, como comunicam, os gestos, a voz, a congruência entre as atitudes e as palavras, a capacidade de exprimirem não só as ideias, como os próprios sentimentos.

3.2. INDISCIPLINA E RESPONSABILIDADE DO ALUNO

A forma como o professor entra na sala de aula cria impacto na relação que vai manter com os seus alunos. O clima é sentido pelos alunos, a tranquilidade, o respeito, a confiança, no entanto há por parte deste alguma resistência em acreditar que a turma poderá ser um grupo.

Segundo Amado (2001, p.221) os “alunos reconhecem que os problemas da indisciplina têm origens múltiplas e que as responsabilidades do seu aparecimento têm de ser divididas entre professores, alunos, instituição e família, não sendo ignorados, também, os fatores de ordem sociopolítica”.

Neste sentido, Vasconcellos (2010) assegura que os “próprios alunos percebem que uma classe unida, onde há calor humano, respeito, aceitação, é motivo de «dar gosto vir para escola», ajudando inclusive, cada um a lidar com os seus «defeitos» com seus limites” (p.100). A questão que se coloca é o seguinte: se os alunos percebem isso, porquê é que eles enveredam por comportamentos de indisciplina?

Na análise da responsabilidade do aluno Amado (2001) incidiu sobre dois ângulos fundamentais: “o aluno enquanto indivíduo (considerado, portanto, isoladamente) e o aluno enquanto elemento do grupo - turma (considerado no contexto da dinâmica social da turma) ” (p. 281). De acordo com esse autor, o aluno enquanto indivíduo tem uma personalidade única, tem a sua própria história de vida, interesses, gostos, hábitos próprios. Esses aspetos condicionam e justificam de uma certa forma os comportamentos diferenciados que cada um apresenta. Para compreender o aluno é necessário estar ciente na sua particularidade e na sua identidade cultural e social (Hickmann, 2006).

Num estudo realizado com alunos do 7º, 8º e 9ºanos de escolaridades, Amado (2001) identifica os seguintes aspetos como sendo fatores de comportamentos de indisciplina derivados dos alunos: a falta de interesse do aluno; problemas de adaptação; deficitária formação do aluno; influência das más companhias; ação contagiante de certos alunos; ação e pressão do grupo no interior da turma e o clima geral da turma. O quadro apresenta os seguintes fatores.

Tabela 3 - Fatores de indisciplina provenientes dos alunos Fonte: Amado (2001, p.310)

Fatores derivados do aluno individualmente considerados	
Desinteresse do aluno	<p>Desinteresse relativo à situação escolar em geral</p> <ul style="list-style-type: none"> - Autoconceito escolar negativo - Projeto de vida alheia às propostas e exigências da escola - Frequentar a escola por imposição <p>Desinteresse relativo a uma situação pedagógica concreta</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Aborrecimento” e falta de vontade - Desvalorização de determinadas disciplina
Dificuldades de adaptação	<p>Desadaptação à situação escolar em geral</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cansaço e dificuldades de manter uma postura rígida - Dificuldade de agir como aluno exemplar - Dificuldades derivadas da idade <p>Desadaptação a determinados Professores</p> <ul style="list-style-type: none"> - O professor tem manias esquisitices - O professor tem “tiques” - O professor manifesta senilidade - O professor tem um aspeto físico “desagradável” - O professor tem má apresentação
Má formação do aluno	<p>Problemas de educação e psicológico</p> <ul style="list-style-type: none"> - Má educação e arrogância - Exibicionismo - Perturbações psicológicas <p>Maus hábitos escolares</p>
Fatores derivados da dinâmica da turma	
Dinâmica social da turma	<ul style="list-style-type: none"> - Ação contagiante e provocadora de certos alunos individualmente considerados - Ação e pressão de grupos no interior da turma - Clima geral da turma <p>(a importância do lugar ocupado pelo aluno na aula).</p>

Assim, a indisciplina na sala de aula tem diversas origens. São várias as situações que podem levar o aluno a cometer um ato de indisciplina. Neste sentido, Amado (2001) refere “a indisciplina pode ser uma «resposta» aos constrangimentos gerais da situação da aula” (p.108).

Através de fatos concretos de indisciplina o aluno “tenta mostrar” que não está satisfeito com as exigências do professor. Numa análise psicossociológica Rosser e Harré (citados em Amado, 2001) consideram que as situações de indisciplina surgem, por um lado, como resposta aos “insultos” e reparos do professor e por outro lado, como forma de recuperar a sua imagem perante os colegas quando a sua dignidade é afetada.

No mesmo sentido, Estrela (2002) distingue cinco funções alusivas às mudanças provocadas na interação pedagógica na aula: “preposição” que tende a mudar, atenuar, facilitar ou resistir a uma tarefa; “evitamento” que traduz no

incumprimento das tarefas por parte dos alunos; “obstrução” que traduz nos comportamentos que impedem o professor de transmitir a matéria prenunciada; “contestação” que traduzem em comportamentos que põem em causa a autoridade do professor; e por fim, a função de “imposição” que visa a imposição de medidas que contrariam as regras da organização, por exemplo, quando os alunos resolvem entrar na sala de aula depois do toque de entrada.

Em suma, os alunos não são os únicos culpabilizados pela situação de indisciplina na escola. Como já se referi, mas estão entre os “culpados” na conjuntura que se cria em torno da indisciplina.

3.3. INDISCIPLINA E RESPONSABILIDADE DA ESCOLA

Diversas investigações têm revelado que a própria escola tem contribuído para o problema resistente em que se tem tornado a indisciplina. Amado (2001) identifica a gestão de espaços e tempos e a composição das turmas, como sendo aspetos que contribuem para o comportamento de indisciplina derivados da própria instituição escolar. As salas de aulas que não têm condições físicas adequadas são consideradas pelos alunos como fator de perturbação e de indisciplina, são frias e húmidas no período chuvoso, quente em tempo de sol. A “desocupação no tempo livre” (quando surgem espaços livres por não comparência do professor, em que os alunos não têm um acompanhamento ou uma forma de ocupar o tempo livre, e surgindo por vezes com mais frequência comportamentos de indisciplina); “desequilíbrio entre o tempo de trabalho e de recreio” (para o aluno o tempo de recreio não é suficiente e por isso tem tendência a continuar os assuntos do intervalo nas aulas); “número elevado e excessivo de alunos por turma” (o professor consegue ter melhor controlo da turma quando tem um número razoável de alunos); “composição heterogénea das turmas” (quando uma turma é constituída por um grande número de alunos, em que alguns deles são repetentes, outro grupo tem perturbações de diversa natureza e ainda

outros alunos, manifestam desinteresse, é frequente que esta composição tão diversificada provoque problemas de indisciplina).

Para Fernandes (2002) a indisciplina tem várias causas, de entre as quais: a grande dimensão de muitas escolas que provocam dificuldades na comunicação, nas relações interpessoais, originando comportamentos desordenados; a falta de espaços para realizações de atividades desportivas e extraescolares; o elevado número de alunos por turma que não facilita o controlo do professor; a falta de qualidade dos manuais escolares que não atraem os alunos, não dá respostas a dificuldade vivida pelos adolescentes; as sanções disciplinares são por vezes excessivas e/ou brandas e não proporcionadas aos atos de indisciplina praticados; a lentidão dos processos disciplinares. Sanções que pela sua natureza se afastam de processos integrados e educativos.

Veiga (2007) afirma que “a escola deve assumir a sua responsabilidade na formação da consciência moral dos jovens, quer através do tipo de conteúdo que ensina, quer através da maneira como tais conteúdos são transmitidos” (p.11). A escola também deve assumir a sua responsabilidade a ponto de oferecer melhores condições em termos de espaços e apetrechamento para facilitar a integração e convivência de todos que nela interagem.

Patias, N., Siqueira, A. e Dias, A. (2012) referem que apesar das dificuldades que cercam a escola, de entre as quais, a pouca valorização profissional, fraca remuneração, elevados níveis de “stress”, creem-se que a escola é capaz de resolver os problemas, oferecendo aos pais modelos de práticas educativas que facilitam o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes. A própria escola apresenta algumas dificuldades que de alguma forma poderá estar na origem dos comportamentos de indisciplina dos alunos. Deste modo, cabe à escola “atrair” cada vez mais os alunos.

A gestão escolar, a preparação pedagógica e científica dos seus responsáveis é fundamental para assegurar uma escola atrativa e inclusiva.

3.4. INDISCIPLINA E FATORES SOCIOFAMILIARES

Sendo as situações de conflito ou de indisciplina complexas e relacionais, os pais/ou encarregados de educação fazem parte integrante da responsabilidade deste problema, e segundo Jesus (1993), seria importante que também “os pais não se limitassem a categorizar os seus filhos ou a utilizar em relação a eles atitudes punitivas ou autoritárias” (p.27).

Para Estrela (2002) “a escola, sistema aberto com o meio, não pode ficar imune às tensões e desequilíbrios da sociedade envolvente e, por isso, poderá ver-se a indisciplina que atualmente perturba a vida de muitas escolas como um reflexo dos conflitos e da violência que grassa na sociedade em geral” (p. 13). Por outro lado referem que Amado e Freire (2009) “o comportamento perturbador do aluno pode ser sintoma de problemas relacionados com a dinâmica afetiva no seio do agregado familiar e de desarticulação entre os objetivos, valores e práticas dos dois subsistemas, escola e família” (p.109).

Nos fatores de comportamentos de indisciplina derivados por parte da sociedade e da família, Amado (2001) considerou dois aspetos: “a origem social do aluno e o desinteresse dos pais e problemas familiares” (p.316). A partir dum estudo realizado com alunos do 7º, 8º e 9ºanos de escolaridade, Amado (2001) concluiu que houve opiniões contraditórias relativamente à questão da origem social do aluno, porque, por um lado, alguns alunos apontaram a carência social e económicas como causa de revolta e inconformismo de algumas situações de indisciplina que surgem nas salas de aulas e por outro lado, de acordo com alguns alunos, nem sempre o aluno “carenciado” é indisciplinado.

Também um estudo sobre perceções de alunos e professores acerca da indisciplina na sala de aula realizada por Renca (2008) os dados demonstraram que os alunos entrevistados não apontaram a carência económica e cultural como possível causa da indisciplina na escola. Relativamente às perceções dos professores a maioria não apontou a carência económica, como possível causa da indisciplina dos alunos na escola.

A propósito dessa “contradição” Sebastião (2009) refere que “é frequente confrontarmos-nos com o argumento de que o sentimento de insegurança e a exposição à violência (delitos ou incivildades) se verificam sobretudo em escolas inseridas em contextos sociais desfavorecidas” (p. 39). De acordo com esse autor, mesmo que os comportamentos de indisciplina possam ser cometidos mais nas escolas situados nos meios sociais mais desfavorecidos, não se deve concluir que os alunos destas escolas são mais violentos. Este autor refere que as investigações realizadas por Debarbieux, Dupuch e Motoya (1997) e Sebastião, Alves e Campos (2003) questionam estas conceções.

De acordo com Amado (2001) alguns alunos entendem que os pais não têm interesse porque abandonam os filhos, não há cumplicidade, não há um controlo rígido por parte deles na escola, e não apoiam os filhos nos estudos. Esses aspetos podem estar na base dos comportamentos de indisciplina dos alunos.

Num estudo realizado com alunos de 14 a 23 anos de idade, Brito (2002) refere que de acordo com os testemunhos dos alunos, as causas da indisciplina na escola de ordem familiar e social resultam através de “problemas familiares e a ausência de respeito em casa, os maus tratos entre os membros da família, a ausência da família no seu acompanhamento, a doença e o consumo de bebidas e drogas, as más companhias” (p. 314). Esta autora acrescenta que o mau ambiente em casa provoca desconforto e revolta com certo grau de insegurança nos filhos, por causa de alguns comportamentos inadequados como: violência doméstica, agressões verbais, situações de alcoolismo, de divórcio e de toxicodependência por parte dos pais, que muitas vezes acabam por estender aos filhos...

O ambiente familiar influencia o comportamento das crianças e dos adolescentes. Patias et al. (2012) referem que as crianças e os adolescentes inclinam-se muitas vezes em seguir as formas da educação dos pais, e assim, tendem trazer a violência para outros espaços, como a escola. Deste modo, as referidas autoras referem a necessidade da promoção de uma consciencialização junto dos pais, no sentido de lhes alertarem acerca dos prejuízos que causam para os próprios filhos.

A escola conjuntamente com a família, com a sociedade e com próprio aluno deve buscar respostas para esse problema que afeta de uma forma direta ou indireta a todos os elementos da comunidade educativa.

4. DIMENSÃO FORMAL: ENQUADRAMENTO NORMATIVO

As políticas educativas são um espaço da decisão política do estado, onde intervêm o governo, ministérios (da educação, da Ciência Tecnologia e Ensino superior, do Trabalho e Solidariedade Social) órgãos da administração central e regional do Estado, Assembleia da República, Presidente da República, tribunais e hoje, os Municípios. Para além deste espaço de decisão, há salientar os espaços de intervenção informal e ad hoc na decisão política “ Mediadores” como: as fundações, jornalistas, especialistas, investigadores, agências nacionais e internacionais, com uma intervenção no setor da educação.

Segundo Caballo et al. (1996), a “dimensão específica do poder político que determina as diretrizes para o sector da educação, definindo princípios, objetivos e fins que orientam a ação educativa, a sua estrutura, organização, conteúdos, duração, formação de docentes, financiamento, etc.” (p.73).

Na perspectiva de Lima (1995), na escola os atores nem sempre se limitam a modelos decretados ou de reprodução,

Os «modelos decretados» são geralmente os modelos mais visíveis e mais facilmente (re)conhecidos dado que se encontram formalizados, descritos e explicitados em suportes oficiais (legislação e outros documentos de orientação normativa) e são aqueles que, do ponto de vista jurídico-normativo, regulam a organização e funcionamento das escolas(p.9).

Estas normas são estruturadas, disponíveis nos meios de internos de comunicação da escola e são obrigatórios. Contudo, surgem regras (não formais ou informais) produzidas em contexto escolar, podem coexistir com as regras formais, então,

“ficará mais claro que o corpo de regras disponíveis e convocáveis não se limita às regras formais «decretadas» e externamente produzidas. Pelo contrário, pode compreender regras distintas, produzidas em contexto escolar” (p.11).

A escola, enquanto organização formal, racionalmente organizada, com funções hierarquizadas, implica regras organizacionais claramente definidas, para que os atores sociais se orientem. De acordo com a problemática da indisciplina é necessário fazer referência a normativos como:

- Constituição da República Portuguesa, de 2 de Abril de 1976, parte I, artigo 9º alínea d) referente às tarefas fundamentais do Estado, ou seja, “promover o bem-estar e a qualidade de vida do povo e a igualdade real entre os portugueses”; e alínea f) “Assegurar o ensino e a valorização permanente, defender o uso e promover a difusão internacional da língua portuguesa”; artigo 25º, refere no ponto um a “integridade moral e física das pessoas é inviolável”; artigo 27º, ponto 1 refere que “todos têm direito à liberdade e à segurança”; artigo 43º, ponto 1 refere que “É garantida a liberdade de aprender e ensinar” e ainda no Artigo 70.º, ponto 1, os jovens gozam de proteção especial para efetivação dos seus direitos económicos, sociais e culturais, nomeadamente: alínea: alínea a) no ensino, na formação profissional e na cultura No que respeita ao ensino propriamente, está consagrado no Artigo 74.º, ponto 1, “todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar”;

- Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº46/86, de 14 de Outubro), que no capítulo I – Âmbito e princípios faz referência ao desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, defendendo igualmente que “a educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo, e à livre troca de impressões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva”;

- Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro, este documento define o Estatuto do Aluno Não Superior, aprova o Estatuto do Aluno e Ética Escolar, que estabelece os direitos e os deveres do aluno dos ensinos básico e secundário e o compromisso dos pais ou

encarregados de educação e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação. Define os princípios gerais e organizativos do sistema educativo português conforme se encontram expostos nos artigos 2.º e 3.º da Lei de Bases do Sistema Educativo, promovendo, em especial, a assiduidade, a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola, o cumprimento da escolaridade obrigatória, a sua formação cívica, o sucesso escolar e educativo e a efetiva aquisição de saberes e competências.

Tendo em conta que o objeto de estudo do projeto, é a indisciplina, considera-se pertinente destacar a secção II, Medidas disciplinares, onde aborda as finalidades das medidas disciplinares, diferenciando claramente as medidas preventivas e integradoras com vocação sancionatória e as medidas acautelatórias, preventivas e de integração.

Assim no artigo 24.º no número 1,2,3 e 4 são explícitas as finalidades das medidas disciplinares, “ Todas as medidas disciplinares corretivas e sancionatórias prosseguem finalidades pedagógicas, preventivas, dissuasoras e de integração, visando, de forma sustentada, o cumprimento dos deveres do aluno, o respeito pela autoridade dos professores no exercício da sua atividade profissional e dos demais funcionários, bem como a segurança de toda a comunidade educativa. As medidas corretivas e disciplinares sancionatórias visam ainda garantir o normal prosseguimento das atividades da escola, a correção do comportamento perturbador e o reforço da formação cívica do aluno, com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e da sua aprendizagem. As medidas disciplinares sancionatórias, tendo em conta a especial relevância do dever violado e a gravidade da infração praticada, prosseguem igualmente finalidades punitivas. As medidas corretivas e as medidas disciplinares sancionatórias devem ser aplicadas em coerência com as necessidades educativas do aluno e com os objetivos da sua educação e formação, no âmbito do desenvolvimento do plano de trabalho da turma e do projeto educativo da escola, nos termos do respetivo regulamento interno”.

Neste diploma, procurou-se agilizar o procedimento disciplinar, tornando-o mais célere, tendo sempre em vista a reabilitação do aluno. Garante-se a transparência do processo com o acompanhamento do aluno pelo encarregado de educação em todo o processo de averiguações e audições. Os pais e encarregados de educação têm um papel a desempenhar, o de conhecer este estatuto do aluno, e o regulamento interno da escola;

- O Projeto Educativo de Escola (2011-2014) (identificado pela sigla P.E.E.) - O P.E.E. tem a função de perspetivar do futuro, o desenhar, intencional e organizado, desse mesmo futuro, tal empreendimento implica *Ambição e Visão*. "Ambição, porque todos o pretendemos desenhar o mais positivo possível; Visão, na medida em que nos queremos lançar para a concretização do sonho, cientes das nossas limitações e também das possibilidades que nos cercam. Face a umas e a outras, é preciso traçar um rumo que nos una, que crie identidade, que nos diferencie" (P.E.E., 2011-2014). O P.E.E. define-se como "o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias, segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa" (P.E.E., 2011/2014). O P.E.E é um documento de orientação educativa do estabelecimento de ensino, de acordo com o artigo 20º do Decreto-Lei 75/2008, de 22 de abril, com a redação dada pelo Decreto-Lei n.º 137/2012, de 2 de julho, determina que: "Compete ao diretor submeter à aprovação do conselho geral o projeto educativo elaborado pelo conselho pedagógico; Ouvido o conselho pedagógico, compete também ao diretor, elaborar e submeter à aprovação do conselho geral" (P.E.E., 2011/2014).

As potencialidades do projeto residem precisamente na sua capacidade de combinar a atração pelo futuro e a ação no presente. O P.E.E. está em conformidade com a legislação em vigor, tendo como base o Estatuto do Aluno Não Superior;

- O Regulamento Interno, (identificado pela sigla RI) regulamentado pelo Decreto-Lei nº 75/2008, de 22 de abril, alterada pela lei nº 51/2012 de 5 de Setembro, Dec. Lei 139/2012 de 5 de Julho e Portaria 24-A/2012 de 6 de dezembro, reconhece a

autonomia da escola e constitui o RI como um dos instrumentos dessa autonomia, este documento define o funcionamento geral da escola, de cada um dos seus órgãos de gestão e administração, das estruturas de orientação e dos serviços de apoio educativo. Este documento é bastante abrangente relativamente aos membros envolvidos: alunos, docentes, pessoal não docente, pais e encarregados de educação, representantes da autarquia local, representantes das várias atividades existentes na escola, visitantes e utilizadores das instalações e espaços escolares, órgão de administração e gestão, e coordenação da escola, orientação educativa, apoio educativo e outros serviços.

A elaboração do RI tem por base os princípios previamente definidos no Projeto Educativo de Escola.

No âmbito deste trabalho é pertinente analisar a parte correspondente às questões disciplinares. Convém, no entanto, salientar que um RI não pode contrariar as disposições legais em vigor, que lhe são hierarquicamente superiores, cumprindo-lhe apenas adaptar as leis em vigor às situações previstas e disciplinares. Nesta escola, elaborou-se o RI de acordo com este princípio.

Iniciando a abordagem dos direitos e deveres dos principais atores em interação na sala de aula - os professores e os alunos - uma vez que é da violação desses direitos ou do incumprimento dos deveres que na maior parte das vezes resultam os comportamentos inadequados e indisciplinados, constantes na subseção IV – disciplina, Art.º 15.º, n.º1, considera-se “infração” a violação, pelos alunos, de alguns dos deveres previstos no Estatuto do Aluno ou no Regulamento Interno, que perturbem o normal funcionamento das atividades da escola ou o bom relacionamento entre os elementos da comunidade educativa. No Art.º 16.º está explicito as medidas corretivas, e no Art.º 17.º as medidas disciplinares sancionatórias, sintetizadas no quadro seguinte.

Tabela 4 - Tipologia das Medidas Corretivas e Medidas Disciplinares Sancionatórias (Fonte: Regulamento Interno da escola X)

	Especificação	Observações	Competência para Aplicação
MEDIDAS CORRETIVAS CORRETIVAS (Art.º 26.º)	Advertência (Art.º 26.º, n.ºs 2a,3,4)	Chamada de atenção verbal ao aluno. Medida que visa promover a responsabilização do aluno no cumprimento dos seus deveres.	Pessoal docente, na sala de aula. Pessoal não docente, fora da sala de aula.
	Ordem de saída da sala de aula e de locais onde se desenvolva o trabalho escolar (Art.º 26.º, n.ºs 2b,5,6,7)	Medida para evitar comportamento irregular do aluno	Professor respetivo
	Atividades de integração na Escola (Art.º 26.º, n.ºs 2c,8,9 e Art.º 27º)	Medida de carácter preventivo e integrador	Diretor ouvido o Diretor de turma
	Condicionamento ao acesso a certos espaços escolares ou na utilização de certos materiais e equipamentos (Art.º 26.º, n.º 8,9,10)	Medida de prevenção de comportamento grave que comprometa o normal funcionamento dos espaços e equipamentos da escola.	Diretor Responsáveis pelos espaços específicos
	Mudança de turma (Art.º 26.º, n.ºs 2e, 6)	Medida de prevenção de comportamento muito grave que comprometa o processo de ensino e aprendizagem dos alunos	Diretor ouvido o Diretor de turma
MEDIDAS DISCIPLINARES SANCIONATÓRIAS (Art.º 28.º)	Repreensão registada (Art.º 28.º, n.º, n.º2a, 3)	Censura escrita ao aluno a averbar no seu processo individual.	Professor da turma (na sala de aula) Diretor (fora da sala de aula)
	Suspensão da Escola (Art.º28.º, n.º2b ,4,)	Impedimento da entrada nas instalações da Escola	Até 10 dias úteis/pela Diretora
	Transferência da Escola (Art.º 28.º-n.º2d,8,9)	Transferência do aluno que pratique atos notoriamente impeditivos do prosseguimento do processo de ensino e aprendizagem dos restantes alunos da escola ou do normal relacionamento com alguns ou alguns elementos da comunidade escolar.	Diretor Geral da Educação
	Expulsão da Escola (Art.º28º,nºs 2e,10,11)	Retenção do aluno no ano de escolaridade e proibição do seu acesso ao espaço escolar até final do ano letivo e nos dois anos seguintes. Aplica-se ao aluno maior que de modo notório se constate não haver outra medida ou modo de responsabilização no sentido do cumprimento dos seus deveres como aluno.	Diretor Geral da Educação

A divulgação do Regulamento Interno é feita através da página web da Escola X, podendo, ainda, aceder-se ao documento na sua versão impressa na sala de atendimento dos encarregados de educação e na biblioteca da escola e nos serviços administrativos. Os diretores de turma têm um papel preponderante na divulgação

do seu conteúdo junto dos alunos. Os pais e encarregados de educação que matriculem, pela primeira vez, os seus filhos ou educandos neste estabelecimento de ensino ficam obrigados a cumprir o presente regulamento interno. Os casos omissos no RI serão resolvidos de acordo com a lei em vigor.

No entanto circulam nas organizações educativas regras não formais que existem quando as regras formais não preveem tudo, O processo de produção destas normas pode passar pela criação de regras não formais como resposta alternativa, ou para preencher espaços que não estejam regulados pelos normativos. A principal característica destas regras é ter carácter não oficial, com relativa visibilidade, permitindo uma melhor organização funcional ainda que possam estar feridas de ilegalidade. Paralelamente, circulam também regras informais, não estruturadas, mais circunscritas e com um alcance mais limitado, feitas ad-hoc, para resolver um problema específico. Estas regras não constam em documentos escritos e detetam-se através de atos e decisões, podendo assumir confidencialidade ou secretismo.

As regras não formais e informais surgem em contexto escolar, não sendo visíveis a estranhos à organização, podendo coexistir com as formais ou seguir caminhos distintos.

Construir a disciplina, evitar a indisciplina, consiste em formar e educar o aluno para a autodisciplina e para a responsabilidade, esta, passa pela criação de ambientes de trabalho e condições na organização educativa que facilitem a aprendizagem e deixem alcançar os objetivos educativos, prevenindo os fenómenos de indisciplina, tendo ao dispor meios para corrigir e punir quando necessário.

5. PREVENÇÃO, INTERVENÇÃO E PUNIÇÃO FACE À PROBLEMÁTICA DA INDISCIPLINA.

Como se tem vindo a defender a indisciplina toma configurações de grande complexidade pelo que a sua prevenção, intervenção e punição, requerem várias estratégias. Neste sentido, Fernandes (2002) defende que para eliminar a

indisciplina, a violência na escola, e na sala de aula, em particular, é necessário anular as suas causas no contexto da família, da escola, da sociedade, da mídia e na relação com o professor.

A nível preventivo, o referido autor considerou um conjunto de aspetos importantes que o professor deve levar em conta na gestão da disciplina na sala de aula que são os seguintes:

Ensinar de forma motivadora, inovadora e criativa; dominar os conteúdos a lecionar; articular os conteúdos com problemas sentidos pelos jovens; manter uma inter-relação com os encarregados de educação; proporcionar espaços de reflexão crítica sobre a violência na sociedade, bem como sobre a violência transmitida pelos mídia; distribuir equitativamente a atenção e os estímulos a todos os alunos; seguir, atentamente todos os comportamentos e atitudes ocorridos na aula; manter uma atitude calma e de diálogo, mas firme com os alunos indisciplinados; evitar confrontos desnecessários; não estigmatizar jovens indisciplinados, pois isso pode contribuir para a manutenção do seu comportamento; não usar nem roupa ou acessórios demasiados luxuosos ou provocatórios /ousados, nem roupa esfarrapada; utilizarem a autoridade, adequadamente, a cada situação; negociar, no início do ano, como os alunos um sistema de regras/normas de conduta. É desejável que o sistema de regras e normas de condutas seja definido no âmbito da direção de turma afim de não se verificarem contradições nas exigências disciplinares entre os professores da mesma turma (p.449).

Para Amado (2000) a prevenção da indisciplina significa “organizar as situações de aula, gerir as atividades e dar expressão a um conjunto de atitudes relacionais, de tal modo que se afastem ou anulem os fatores de perturbação e desvio” (p. 9). Nesta perspetiva este autor refere que torna-se necessário construir um ambiente caracterizado por três marcas fundamentais: “a existência de regras de trabalho e de convívio”: o professor deve ser firme e coerente na aplicação das normas;

“a existência de um clima de abertura”: onde prevalece um clima de respeito mútuo, de segurança e de responsabilidade;

“a correta gestão e organização das atividades do ensino”: o professor deve utilizar métodos apropriados, adotar posturas adequadas, planificar as atividades com clareza na comunicação.

É de realçar que da boa relação professor/aluno e vice-versa emerge a harmonia educativa. “Um ensino positivo configura-se como uma forma extremamente eficaz, segura e duradoura de elevar o rendimento acadêmico dos alunos e de desenvolver uma “prevenção primária” face à possível emergência de comportamentos perturbadores.” Rutherford (2001).

Não existem “receitas” nem modelos fixos de intervenção, para diminuir certos tipos de comportamento, e o aparecimento de outros. Cada situação é única, e por isso, escolas, alunos, professores reagem ao problema de indisciplina de forma impar, sendo necessário procurar solucionar cada um dos problemas com estratégias ajustadas para alterar o comportamento disruptivo. O comportamento é encarado como uma parte de um todo, onde os antecedentes e as consequências interagem entre si e geram o comportamento de indisciplina.

O professor detentor de todo o contexto que envolve o aluno indisciplinado, poderá então utilizar estratégias para modificar o comportamento, tais como: reforço social; gestão de contingências; contratos comportamentais; sistema de créditos; ensino positivo; autogestão.

O reforço social é um “feedback” que consiste em dar a um aluno uma resposta (consequência positiva após o comportamento), o que faz com que a frequência deste aumente. Qualquer professor pode expressar-se com gestos como “bom trabalho” ou “estou muito orgulhoso (a) do teu trabalho entre outras (Lopes & Rutherford, 2001).

Segundo Ramsey (1997), “As três primeiras regras de um bom ensino são: 1 – elogiar, 2 – elogiar, 3 – elogiar!” No entanto, os elogios por reforço positivo, só resultam com sinceridade e autenticidade, caso contrário leva a sonhos e expectativas falhadas.

No reforço social deve-se ignorar sistematicamente o comportamento inadequado. O comportamento desejado será então reforçado e elogiado até que este substitua o comportamento que se pretende eliminar. É de crucial importância

que estes elogios sejam feitos quando o aluno se “porta bem”, em vez de prestar atenção e punir apenas quando os comportamentos não são os mais próprios. A atenção deverá ser sempre positiva e nunca em aspetos negativos. O reforço social deverá ser individualizado e atendendo à especificidade de cada aluno, pois o aluno pode, ou não, gostar de determinados elogios, que não sejam utilizados para os seus colegas, e o resultado pode ser o contrário ao esperado. O comportamento disruptivo é um hábito na vida escolar do aluno. É essencial dar todo o tempo necessário ao aluno com o intuito de poder existir uma adaptação, estimulando-o a persistir com a tentativa de comportamentos corretos (Lopes & Rutherford, 2001).

A estratégia da gestão de contingências é aplicada quando o aluno tem tendência a exibir certo tipo de comportamentos. Segundo Rutherford (2001), “A gestão de contingências é uma técnica para reforçar sistematicamente os comportamentos “agradáveis” ou “prováveis” que são contingentes a outros comportamentos menos agradáveis e reforçadores” (p.91,92).

O sucesso deste tipo de gestão de contingências reside no facto dos comportamentos de alta probabilidade depender da concretização dos comportamentos de baixa probabilidade, é uma gestão positiva. Os alunos disruptivos têm dificuldade de ver a ligação entre o comportamento adequado e as consequências positivas, é o reforço repetitivo para se obter o comportamento desejado.

A estratégia do contrato comportamental reveste a forma de um acordo entre duas ou mais pessoas, estipulando as responsabilidades dos intervenientes, no que diz respeito a comportamentos e suas recompensas (Rutherford & Lopes, 1994) Trata-se de uma forma de aplicar a gestão de contingências, embora a um nível mais formal uma vez que envolve um acordo escrito. Deverá ser elaborado e assinado pelos seus intervenientes (professor/aluno) com o acordo de ambos, discriminando os comportamentos que deverão ser abolidos e a respetiva recompensa, isto porque se o aluno não o considerar legítimo não o irá cumprir certamente. Segundo Johnson & Johnson, uma pessoa não se torna responsável da noite para o dia, aprende-se passo a passo, e, sobretudo à “medida que os alunos começam a assumir a responsabilidade por alguns dos seus atos, aprendem que muitas soluções

dependem deles próprios” (1997, p,107). Desta forma deverá ser dada ao aluno autonomia suficiente para que ele próprio possa avaliar o seu progresso e o cumprimento do seu papel enquanto interveniente do contrato.

Segundo Rutherford (2001), “os comportamentos a reforçar devem constar de um contrato preferencialmente escrito e ser específicos (...), os créditos devem ser distribuídos logo após a ocorrência do comportamento (...), deve estabelecer-se um número específico de reforços de apoio ou prémios que os alunos poderão “comprar” com os créditos acumulados (...), é necessário determinar um momento específico para trocar os créditos pelos reforços de apoio” (p.100)

A estratégia do sistema de créditos é uma forma mais elaborada de utilizar o reforço na aula, consistindo em recompensar o aluno com determinados créditos imediatamente após um comportamento positivo. Os créditos assumem a forma de pontuação que se vai acumulando, sendo mais tarde trocados pelo reforço de apoio.

Os créditos poderão assumir a forma de qualquer tipo de objeto que seja fácil de distribuir (Lopes &Rutherford, 2001).

Segundo o mesmo autor, estratégia de ensino positivo, entende-se como uma atitude geral do professor perante os alunos, perante si próprio e perante o ato de ensinar mais do que propriamente como uma técnica (p.108).

Quanto mais alargada for a experiência do professor, mais provável é que se aperceba não só dos problemas comportamentais dos alunos como dos efeitos do meio sobre esses problemas. O ensino positivo concentra-se nos aspetos antecedentes ao comportamento perturbador e implica uma estruturação do estilo de ensino e do dia de aula, para diminuir as oportunidades de disrupção, uma vez que o professor adapta as aulas tornando-as mais “interessantes” e motivadoras. Será então nos antecedentes ao ato de indisciplina que se terá que atuar para o evitar utilizando, por exemplo, as seguintes formas:

- Dispor de uma forma mais sossegada e espaçosa as carteiras;
- Posicionar o aluno mais próximo do professor, ou mais longe de acordo com as circunstâncias;
- Escolher bem os companheiros de carteira, pois podem influenciar e muito o comportamento;

- Alterar a rotina das apresentações das diferentes matérias;
- Introduzir pausas no trabalho;
- Proporcionar atividades de caráter lúdico;
- Retirar o que possa servir de distração;
- Etc. (p.111)

A estratégia de autogestão resulta quando nos empenhamos na mudança de um comportamento. A autogestão possibilita uma tomada de consciência por parte do aluno, que poderá influir na modificação do seu comportamento (Lopes & Rutherford, 2001).

“Deixar os alunos envolverem-se na gestão do seu próprio comportamento pode, pois, constituir uma forte motivação para o processo de modificação de comportamentos na aula uma vez que os alunos, como qualquer outra pessoa, gostam de se pronunciar sobre aquilo que lhes diz diretamente respeito” (p.114,115).

Assim, os alunos adquirem, um melhor controlo sobre as respetivas vidas e aprenderiam a assumir a responsabilidade dos seus atos.

Para que isso aconteça urge a necessidade de:

- Estabelecer os comportamentos que pretendemos que os alunos assumam, ou seja, o professor terá que estabelecer comportamentos mínimos e se possível deixar que os alunos aprendam a lidar com eles para que a aula decorra sem problemas;
- Estabelecer até que ponto o professor está disposto a colocar poder nos alunos, pois “qualquer passo em direção à autogestão, dará aos alunos maior liberdade (...)”.
- O professor estabelecer publicamente aos alunos as suas expectativas acerca deles. Ao dizer ao aluno aquilo que pretende, este pode tornar-se consciente de uma expectativa do professor que até aí desconhecia (Lopes & Rutherford, 2001).

Os alunos adquirem, através deste sistema, um melhor controlo sobre as respetivas vidas, aprendem a assumir a responsabilidade pelos seus atos e o professor partilha com eles o encargo de planear e implementar as rotinas e atividades diárias.

No entanto, a punição é uma medida frequentemente utilizada pelos professores na sala de aula. É a última opção de qualquer professor. No entanto, Curwin (citado por Amado 2001) refere que o castigo “produz o efeito de travar a indisciplina por

um tempo curto, mas não produz uma mudança de comportamento duradoura. Só detém temporariamente a ação que se castiga” (p.175).

Amado (2001) apoia nas ideias de Domingues para afirmar que nesta medida disciplinar “não se circunscrevem a negociações ou a imposições na sala de aula, mas que exigem um «tratamento organizacional” (p.45).

Fernandes (2002) refere que quando o professor tem a intenção de punir o aluno deve levar em consideração os seguintes aspetos: não “ameaçar e depois não cumprir; não fazer sermões muito demorados e enfadonhos; não personalizar os conflitos; castigar no momento certo e punir proporcionalmente à falta cometida” (p. 449). Quando o professor faz uma ameaça e não cumpre os alunos veem o aviso do professor como uma brincadeira.

Veiga (2007), aconselha os professores a tratar os alunos individualmente, com respeito e responsabilidade, “levai os vossos alunos a responder pelos seus atos, humanamente, pois é desta maneira que eles poderão aprender a tornarem-se seres responsáveis” (p.10). O professor deve ajudar o aluno a reconhecer os seus erros de forma que não se repitam e aprendam com esses mesmos erros.

CAPITULO III

ESTUDO EMPÍRICO

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

O estudo empírico desenvolveu-se na escola secundária X num concelho do distrito do Porto.

A organização escolar debate-se com problemas de natureza física, uma vez que não foi abrangida pelo programa da Parque Escolar. Os edifícios escolares, em estado de degradação, foram pintados e sujeitos a pequenos arranjos, no ano letivo 2014, com mão-de-obra de professores, funcionários e alunos, e com a participação da Autarquia Local.

No presente ano letivo, a população escolar é de 427 alunos, distribuída por 26 turmas: no 3.º ciclo (três turmas), nos cursos científico-humanísticos (13 turmas), nos cursos profissionais (8 turmas), nos cursos de educação formação, sendo uma turma do tipo 3 (Instalação e Operação de Sistemas Informáticos) e uma turma do Curso de educação tecnológica, CET.

A equipa docente é constituído por 50 elementos, dos quais 95% são do quadro de Escola ou/e de zona pedagógica. O pessoal não docente é constituído por 25 elementos, dos quais, 15 são assistentes operacionais, 9 assistentes técnicos e 1 psicóloga, tendo a maioria contratos em funções públicas por tempo indeterminado.

A equipa de avaliação entende que as áreas onde a Escola deve incidir prioritariamente os seus esforços para a melhoria são as seguintes: O envolvimento dos alunos nos processos de decisão que afetam a vida escolar; o acompanhamento da prática letiva, em contexto de sala de aula, como dispositivo de promoção do desenvolvimento profissional e pessoal dos docentes; a eficácia das medidas de apoio educativo implementadas” (IGEC, 2012, p.8).

É postulado da escola que a “comunidade escolar valoriza o bom comportamento dos alunos, pelo que o cumprimento das regras e a disciplina são dimensões que têm merecido particular atenção de que resultou a implementação de planos de melhoria. Como consequência, o número de alunos com comportamentos perturbadores, de ocorrências e de processos disciplinares têm vindo a diminuir, de forma sustentada, desde a anterior avaliação externa, o que proporciona uma melhoria do ambiente educativo” (IGEC, 2012, p.3).

Tabela 5 - Análise de Dados (Fonte: Dados do Relatório de Autoavaliação 2013/2014, (p.14))

Ano letivo	Número de ocorrências	Nº de alunos envolvidos	Número de processos disciplinares
2009/10	267	105(10,2%)	43 (16,1%)
2010/11	223	80 (9,2%)	28 (12,6%)
2011/12	144	77 (9,82%)	18 (12,5%)
2012/13	284	83 (12,1%)	24 (8,5%)
2013/14	209	60 (10,7%)	54 (25,8%)

Da análise dos dados compilados no quadro 5, é possível concluir que o número de ocorrências diminuiu, assim como a percentagem de alunos envolvidos, exceto no ano letivo 2012/13 em que ocorreu um aumento, agravando-se no ano letivo 2013/2014.

Neste sentido os dados do Relatório de Autoavaliação de 2013/2014 forneceu um conjunto de informação relativo à indisciplina na escola, o que deu origem à pertinência deste projeto, conforme quadro que se segue.

Tabela 6 - Nº de referências por comportamento e categoria (Fonte: Dados do Relatório de Autoavaliação 2013/2014, (p.14))

Categoria	Comportamento	Nº de referências
Destruição de material	Destruição de material	8
Comportamentos individuais	Perturbação continuada	133
Conflitos interpares	Agressão física a colegas	8
Conflitos na relação com educador	Questionar a liderança do professor	174

O quadro refere os comportamentos que ocorreram com maior frequência em cada uma das categorias. As participações fazem referência a vários comportamentos perturbadores, daí o número de referências ser superior ao número de ocorrências/participações.

Neste sentido os dados do quadro seguinte explicitam um conjunto de informação relativa à indisciplina no ano letivo 2013/2014 que justifica um Plano de Ação como forma de prevenção.

Tabela 7 - Dados do relatório de Auto Avaliação 2013/2014 (Fonte: Relatório da autoavaliação (Escola X, 2013/14, p.14))

REFERENTE	CRITÉRIOS	EVIDÊNCIAS
1.5. Abandono e desistência	1.5.1. Taxas de abandono	1.5.1.1. A taxa de abandono para o 3º ciclo do Ensino Básico foi 0%. 1.5.1.2. A taxa de abandono para os Cursos Científico – Humanísticos foi 1,5%, correspondente a 4 alunos. Para os Cursos Profissionais a referida taxa foi 0,55%, correspondente a 1 aluno.
2.1. Cumprimento das regras e disciplina	2.1.1. Taxa de ocorrências disciplinares, por ano de escolaridade.	2.1.1.1. Ao longo do ano letivo 2013/14 e no conjunto de todas as turmas existentes na Escola houve 209 participações, respeitantes a 60 alunos, (10,7% do total de alunos da Escola). 2.1.1.2. As ocorrências disciplinares distribuíram-se pelos diferentes níveis de ensino da seguinte forma: • Ensino Básico Regular com 72,7% das ocorrências, respeitantes a 31 alunos de um universo de 96; • Ensino Básico, Cursos de Educação Formação tipo 3, com 9,6% das ocorrências, respeitantes a 7 alunos num universo de 24; • Ensino Secundário, Cursos Profissionais, com 14,4% das ocorrências, respeitantes a 16 alunos num universo de 178; • Ensino Secundário, Cursos Científico-Humanísticos, com 3,3% das ocorrências, respeitantes a 6 alunos num universo de 251. 2.1.1.3. O Ensino Básico, com apenas 17,1% do total dos alunos da Escola, agregou 72,7% das ocorrências. Neste nível de ensino destacou-se a turma A do 8º ano com 75,7% das ocorrências.
	2.1.2. Tipologia dos comportamentos disruptivos	2.1.2.1. Com base nas participações de ordem de saída da sala de aula e de ocorrências fora da sala de aula os comportamentos perturbadores foram agrupados em quatro categorias. 1-Destruição de material •Destruição de material 2-Comportamentos individuais •Linguagem /gestos inadequados •Não cumprimento de tarefas •Perturbação continuada •Uso de equipamento proibido 3-Conflitos interpares •Agressão verbal a colegas •Agressão física a colegas 4-Conflitos na relação com o educador •Questionar a liderança do professor •Agressão verbal a educador •Agressão física a educador

Da análise da tabela infere-se que as ocorrências disciplinares incidem no ensino básico, 72,7 das ocorrências, respeitantes a 31 alunos de um universo de 96, destacando-se o 8º ano de escolaridade e no que se refere aos comportamentos disruptivos, embora sistemáticos ocorrem individualmente, sem atingir níveis de violência físicos mas com algum peso a nível verbal.

Em última análise, o Relatório aponta para uma diminuição da indisciplina entre 2010 e 2012, mas com um aumento em 2013 e 2014.

Se se confrontar o Relatório de Auto Avaliação de 2013/2014 e parte dos objetivos do PE, verifica-se uma total convergência no sentido da escola se preocupar com o melhor comportamento dos alunos, conforme estrato seguinte:

Os alunos, como genericamente todos os seres humanos, são condicionados, de forma marcante, pelas circunstâncias que os rodeiam e em que cresceram – desde os contextos espaciais da própria escola, às relações de e com a autoridade (pais, professores, funcionários), ao relacionamento inter-pares, às solicitações e aos modelos do meio próximo e longínquo, etc. Enfim, analisar e, essencialmente, combater a indisciplina não é tarefa fácil, tanto mais que, em certos casos, as noções de “limites” e “autoridade” não fazem parte do quotidiano nem do trajecto de vida dos adolescentes da actualidade. A indisciplina tem marcado cada vez mais a vida em muitas escolas e a Escola X não é excepção. Assume múltiplas formas e aferi-la é tudo menos objectivo, embora senti-la seja algo de muito natural para quem vive diariamente a escola. Tomando como base evidências consideradas nos relatórios de auto-avaliação, conclui-se que os alunos do básico e, principalmente, dos CEF têm sido os mais problemáticos. (P.E.E, 2012, p.62)

2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Feita a revisão bibliográfica, apresentam-se e fundamentam-se neste capítulo as opções metodológicas intrínsecas à realização do trabalho de projeto. Com efeito, trata-se de explicar como nos propusemos a alcançar os nossos objetivos, ou seja,

com base em que método de trabalho. Etimologicamente, “método” significa “um caminho a seguir”, ou seja, “um conjunto de operações situadas a diferentes níveis, que têm em vista a consecução de objetivos determinados” (Pardal e Correia, 1995, p.27). Com vista à validade da pesquisa procurou-se a necessária coerência entre estas opções e as questões de estudo. No âmbito da metodologia utilizada faz-se a caracterização da população em estudo e, em seguida, descrevem-se os instrumentos e os procedimentos utilizados. Indicam-se ainda as variáveis de estudo.

Lima (1995) diz-nos que: “A metodologia consistirá na análise sistemática e crítica dos pressupostos, princípios e procedimentos lógicos que moldam a investigação de determinados problemas sociológicos. Situam-se aqui as questões relacionadas com a estratégia de pesquisa a adotar em referência e adequação a certos objetos de análise e em ordem à relação e integração dos resultados obtidos através do uso de técnicas” (p.12-13)

Na perspectiva de Gil (1999), “o objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos” (p. 42). Para Guerra (2002), “a metodologia de projeto, quaisquer que sejam os seus entendimentos, objetos e formas de utilização, apresenta-se como uma previsão ou como um acompanhamento intelectual da produção de uma mudança. Neste sentido, ela adquire o seu pleno significado face a processos de intervenção social, de pesquisa – ação ou desenvolvimento local” (p. 119). Assim, esta investigação é uma leitura da realidade que queremos conhecer, com o propósito de encontrar respostas para as questões levantadas pela pergunta de partida, de modo sistémico e metódico, utilizando para isso, técnicas e meios apropriados.

Atendendo à natureza e aos objetivos deste estudo, entendemos ser necessário recorrer ao método de estudo de caso. Segundo Yin (2004), “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos” (p.32) e através de uma abordagem quantitativa e qualitativa, com enfoque nas perceções dos professores em estudo.

Este trabalho de projeto enquadra-se na perspectiva de Torres (1997), na medida em que esboça “uma tendência de complementaridade metodológica, procurando-

se incorporar as duas vertentes empíricas: as análises quantitativas e qualitativas” (p. 105). Na verdade, mesmo em estudos de caso, predominantemente de cariz qualitativo, a investigação pode ser de carácter qualitativo/quantitativo, ou seja, pode utilizar-se uma combinação dos dois métodos (Stake, 1994). Esta escolha depende dos objetivos que se pretendem atingir com esta investigação, e neste sentido procurou-se, eleger uma metodologia que permitisse ajudar a clarificar as representações que os professores, pais, funcionários têm acerca da indisciplina na sala de aula e na escola.

Com abordagem qualitativa, procurou-se privilegiar a compreensão dos comportamentos tidos como indisciplinados, partindo da própria perceção dos sujeitos envolvidos, recorrendo à descrição dos detalhes da informação recolhida.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa é frequentemente apelidada de naturalista, pelo facto do investigador se deslocar e frequentar o ambiente onde decorre o estudo. Ainda segundo o mesmo autor, um dos objetivos da investigação qualitativa é compreender melhor o comportamento e a experiência humana, no contexto em que os fenómenos ocorrem, admitindo que a realidade é subjetiva, inatingível e holística, procura-se compreender e interpretar.

O mesmo autor refere que em “investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo (p.134).

No mesmo sentido, Bardin (1979) afirma que através da “análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimento sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p.38).

Por seu lado a metodologia quantitativa pode ser entendida como uma via muito “importante para dimensionar os problemas com os quais trabalhamos, para nos

fazer grandes retratos da realidade” (Martinelli, 1999, p.20). Encontrar relações entre as variáveis, fazer descrições, recorrendo ao tratamento estatístico dos dados recolhidos e testar teorias, são os objetivos fundamentais da investigação quantitativa (Carmo & Ferreira, 2008). Entre outras abordagens a utilização do inquérito por questionário parece ser compatível com os objetivos deste trabalho porque consiste, essencialmente, em traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas e, sobretudo pelas características que lhe são inerentes.

Na perspetiva de Gil (1999), o inquérito por questionário é um instrumento definido como “um técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.” (p.128).

Com os dados obtidos através das questões colocadas à população em estudo, o investigador reúne informações que lhe possibilitam o esclarecimento da pergunta de partida. O inquérito por questionário é um dos instrumentos de recolha de dados mais usados no campo das Ciências Sociais (Del Rincón et al., 1995), cuja principal vantagem reside na “possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação” (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 91).

Outra das vantagens igualmente importante deste instrumento é o facto de constituir a forma mais rápida de recolher certo tipo de informação (Bell, 1997), permitindo, desta forma, ultrapassar o grande constrangimento, que é a limitação de tempo.

As técnicas quantitativas, por outro lado requerem o uso de medidas e de métodos padronizados convertíveis em números, de tal modo que não permitem a expressão da variedade de perspetivas e experiências das pessoas dado que as opções de resposta são limitadas á partida.

3. POPULAÇÕES EM ESTUDO

A população em estudo é constituída por todos os professores que lecionam as turmas do 3º ciclo, diretora da escola, diretores de turma das quatro turmas envolvidas, coordenador dos assistentes operacionais, presidente da associação de pais, de uma só escola, escola básica e secundária X, num concelho do distrito do Porto.

Como já referimos, optamos no nosso trabalho por um estudo de caso, a realizar numa única escola do ensino básico e secundária onde são ministrados o 3º ciclos, ensino secundário e ensino profissional e onde exerço funções como docente.

O trabalho contemplava questionários aos alunos, mas dificuldades processuais e burocráticas impediram a recolha de dados a tempo útil para a execução do projeto.

O inquérito por questionário para professores foi aplicado à totalidade dos professores que lecionam o 3º ciclo da escola, ou seja, a 31 professores.

O inquérito por entrevista foi aplicado a todos os docentes que lecionam o 3º, tem perguntas em comuns a todos os entrevistados e questões específicas para cada ator (apêndice V).

Os entrevistados foram selecionados tendo em conta o papel que desempenham na comunidade educativa, ao qual correspondem funções bastante diferenciadas.

Esta investigação tem como objetivo estudar a população referida anteriormente, por forma a construir um Plano de Ação de combate à indisciplina na sala de aula e na escola, bem como a tentativa de modificação da realidade existente, na escola X.

4. MODO DE SELEÇÃO DAS UNIDADES

Neste estudo, os critérios de seleção para escolha de uma escola teriam de passar por ser uma escola onde se fizesse sentir este problema e em que as estruturas de

toda a escola estivessem em funcionamento regular (direção, associação de pais, direções de turma...) para que estes pudessem participar na pesquisa e ainda que possuísse um número significativo de alunos.

A seleção recaiu sobre a escola onde leciono, por cumprir os critérios pré-definidos e pela facilidade de recolha de dados, de modo a cumprir o prazo estabelecido para a apresentação do projeto. Desta forma todos os intervenientes que participam no estudo são membros desta escola, (abrangidos na totalidade do 3º ciclo), professores dos alunos (abrangidos na totalidade do 3º ciclo), e órgãos diretivos.

Acresce ainda a participação das estruturas de assistentes operacionais e associação de pais.

5. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

O estudo empírico teve como técnica de recolha de dados um inquérito por questionário aplicado a 31 professores que lecionam o 3º ciclo da Escola X, e um inquérito por entrevista aplicado aos atores descritos na população alvo.

6. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE RECOLHA DE DADOS

Tomando como ponto de partida os objetivos que havíamos delineado para o trabalho empírico, o processo de recolha de dados teve em conta o seguinte: 1º Fase – elaboração do inquérito por questionário para os professores que lecionam o 3º ciclo da escola X (apêndice VI).

O inquérito por questionário aos professores foi aplicado no Google Docs, dos 31 questionários enviados responderam 23 professores. O questionário é constituído por 3 grupos, o primeiro, referente aos dados demográficos relativos ao inquirido, segundo grupo referiu-se à indisciplina e à relação pedagógica na sala de aula,

pretendeu-se aferir as ligações interpessoais na sala de aula, e as causas da indisciplina, no grupo 3 referente à construção da disciplina, pretendeu-se saber que tipo de poder possuía o professor, que abordagem utilizava na resolução da indisciplina, como atua em casos de indisciplina, quais as estratégias utilizadas e por ultimo quais as medidas mais utilizadas em situações de indisciplina.

Os professores que lecionam o 3ºciclo foram convidados várias vezes (por email e pessoalmente) a preencher o questionário. Para garantir o anonimato as respostas eram introduzidas num formulário online sem que houvesse a recolha de quaisquer elementos de identificação pessoal, desta forma o inquirido não era identificável. Após o prazo estabelecido, o formulário dirigiu as respostas para uma olha de Excel o que facilitou a sistematização e codificação dos dados, de seguida, para tratamento estatístico dos dados utilizamos uma aplicação informática, o SPSS (Statistical Package for the Social Science). Foram codificadas as respostas dos questionários e a sua numeração sequencial, criando as variáveis em SPSS, procedeu-se à execução estatística dos dados, quer através do pedido de frequência e respetivas percentagens ou, medidas de tendência central, dispersão. Os dados foram apresentados em gráficos e tabelas.

2ª Fase – Elaboração dos guiões do inquérito por entrevista para cada um dos atores que foram selecionados na população alvo (apêndices I,II,III,IV).

As entrevistas realizadas foram semiestruturadas, guiadas ou focalizadas mediante um roteiro de questões previamente estabelecidas, embora assegurando a flexibilidade recorrente de toda e possível recolha de informação. Com as entrevistas pretendíamos aferir a perceção dos entrevistados acerca da noção de indisciplina, causas, tipologia, normativos, prevenção, correção e punição da indisciplina na sala de aula e na Escola X.

A entrevista enquanto instrumento de pesquisa, exigiu uma interação, a salientar, que os atores nem sempre se sentiram descomprometidos, uma das diretoras de turma do 9º ano nunca conseguiu tempo, nem disponibilidade para realizar a entrevista, apontando razões de excesso de trabalho, uma vez que exerce funções de diretor de turma, coordenadora da equipa de autoavaliação da escola e é professora. O registo foi efetuado através de notas, com papel e caneta, o sucesso das

entrevistas, ficou a dever-se ao facto dos entrevistados estarem bem informados sobre os objetivos da entrevista, e de que as informações eram apenas utilizadas para a pesquisa a fim de elaborar um trabalho de projeto, que poderia vir a trazer mais-valias à escola.

7. TÉCNICAS DE TRATAMENTO DE DADOS

As entrevistas foram transcritas, analisadas e interpretadas segundo a técnica de análise de conteúdo. No apêndice VII podem ser consultadas as grelhas de categorização, com as categorias e subcategorias de análise, as unidades de contexto e os indicadores.

A análise de conteúdo, segundo Bardin (1977), “aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, cuja técnica não reside apenas na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar depois de tratados. A intenção da análise de conteúdo é a inferência que recorre a indicadores de conhecimentos.

8. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

O propósito deste trabalho conduz em primeiro lugar à análise estatística dos questionários, e seguidamente, à análise de conteúdo das entrevistas

8.1. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS DOS QUESTIONÁRIOS

8.1.1. Caracterização da população alvo: Dados demográficos

Nas figuras seguintes apresentamos as principais características da população alvo:

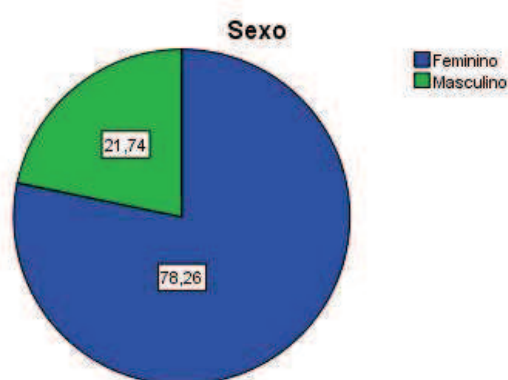


Figura 1 - Sexo dos inquiridos

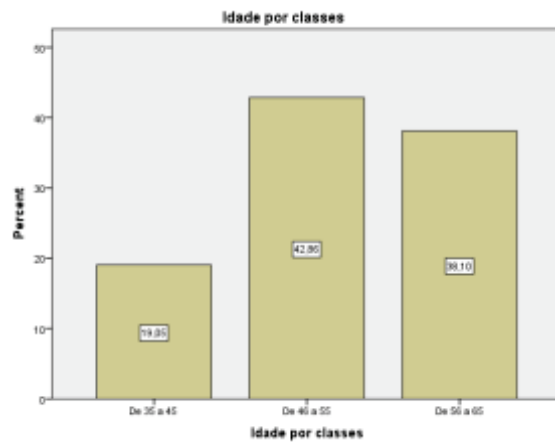


Figura 4 - Idade dos inquiridos por classes

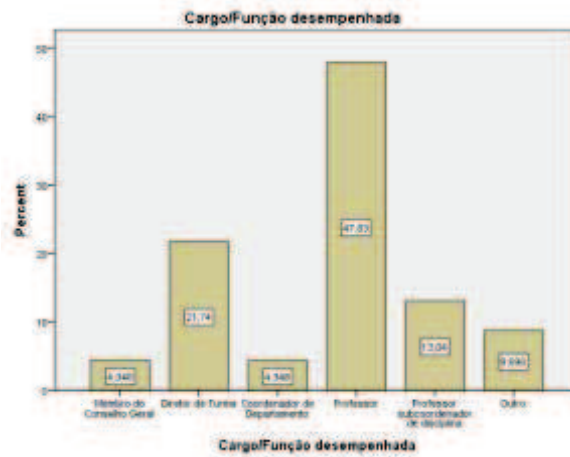


Figura 3 - Cargo/Função desempenhada

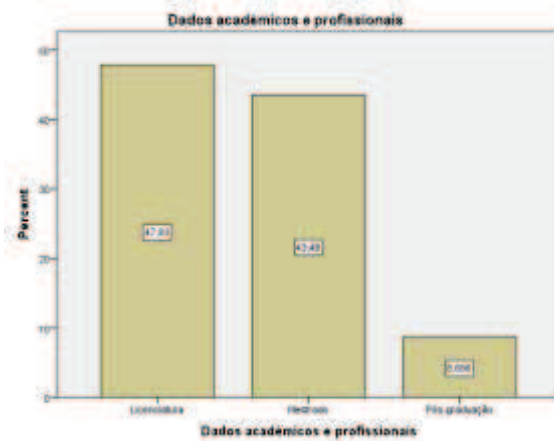


Figura 2 - Dados Académicos e Profissionais

A maioria da população escolar é do sexo feminino.

Mais de dois terços dos docentes, como pode ser comprovado pelo quadro, possui idade superior a 46 anos e 19.1% têm mais de 60 anos e 48% tem mais de 30 anos de serviço.

A maioria da população possui qualificações acadêmicas de mestrado ou pós-graduação.

A maioria, 82,61%, são do quadro de escola o que permite uma continuidade pedagógica, bem como a continuidade de atividades e projetos.

8.1.2. Indisciplina e a relação pedagógica na sala de aula



Figura 5 - Frequência de indisciplina na sala aula

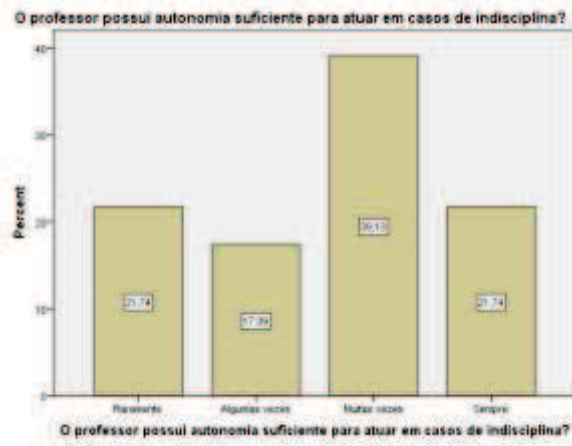


Figura 8 - Autonomia suficiente para atuar



Figura 7 - Negociação das regras com os alunos

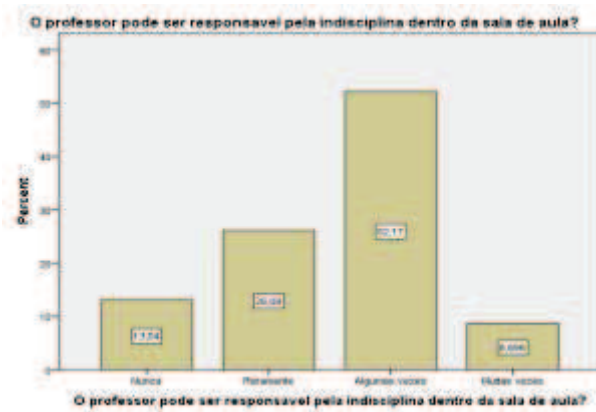


Figura 6 - Responsabilidade do Professor/ indisciplina na sala de aula

Na opinião dos inquiridos, metade dos professores deparam-se com casos de indisciplina na sala de aula, metade dos professores afirmam possuem autonomia para atuar em casos de indisciplina. A maioria afirma que estabelece e negoceia as regras com os alunos no início do ano. A maioria também afirma que os professores são “algumas vezes” responsáveis pela indisciplina na sala de aula.

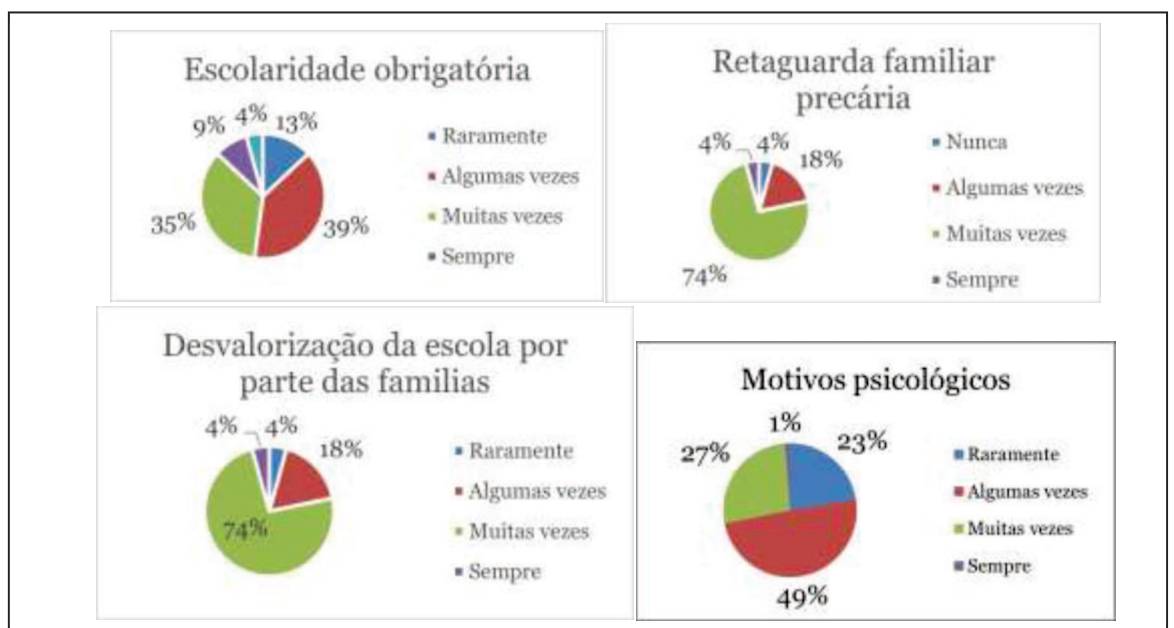


Figura 9 - Causas da indisciplina na sala de aula – Fatores externos à escola

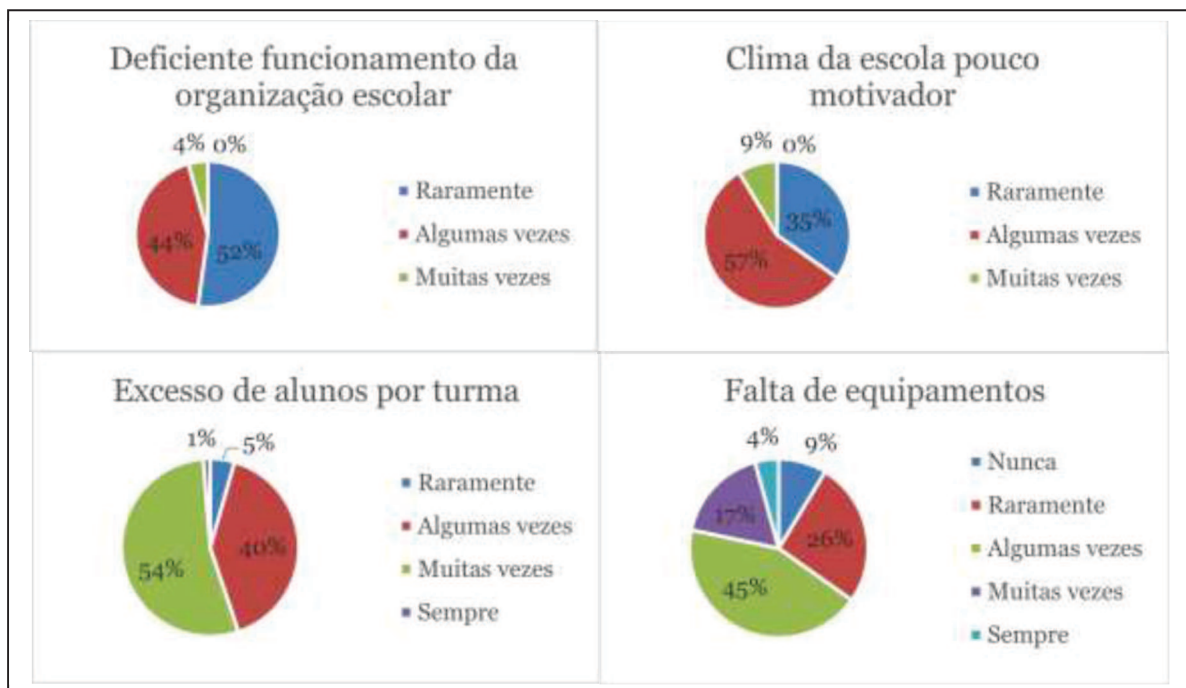


Figura 10 - Fatores internos à escola

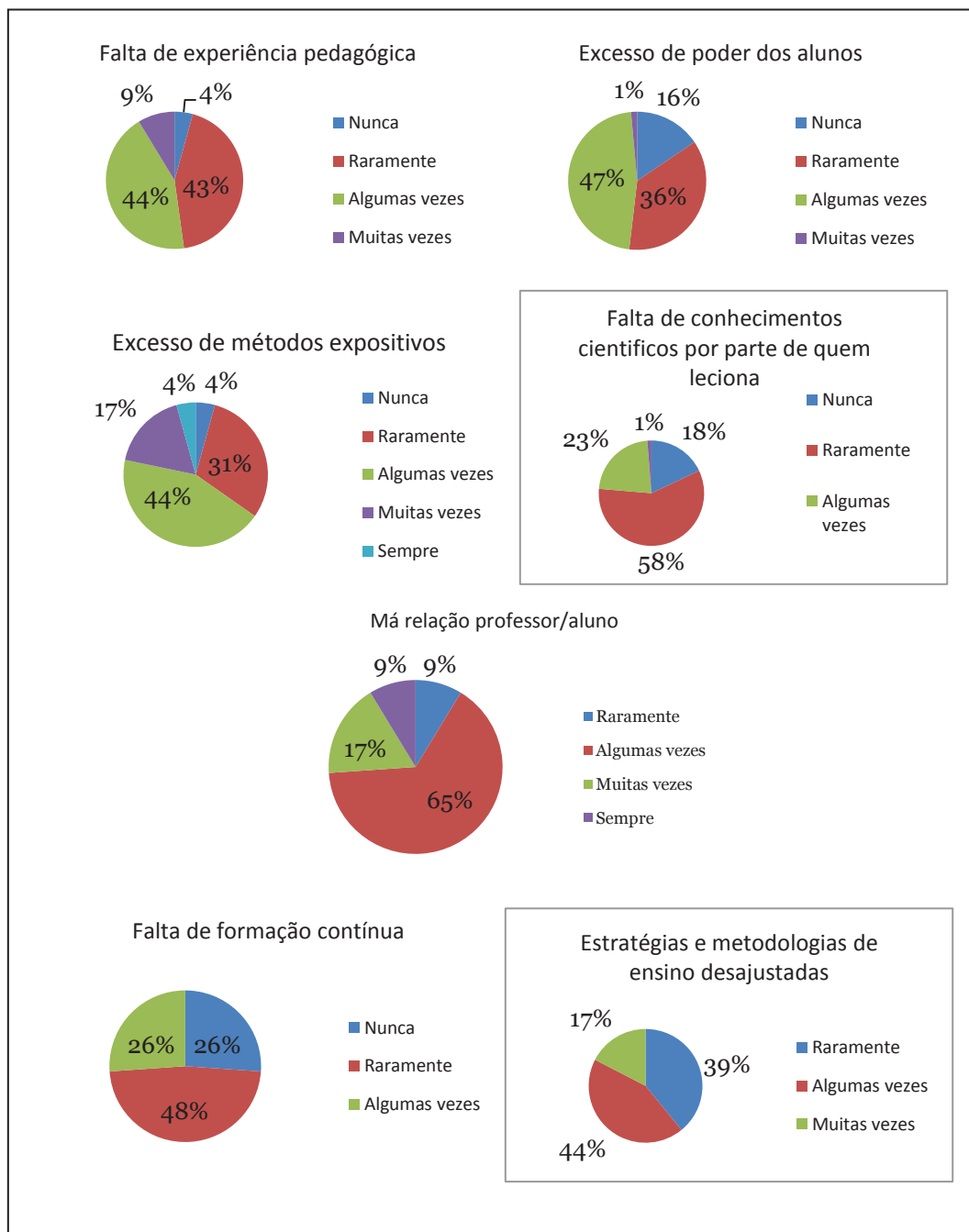


Figura 11 - Fatores Internos à escola e ligados ao professor

Os dados observados no gráfico, referente aos fatores internos, responsáveis pela indisciplina, são também confirmados pelos professores entrevistados.

As causas da indisciplina na sala de aula devem-se a fatores externos à escola. Há uma concordância total no que se refere à importância da retaguarda familiar e à demissão do papel dos encarregados de educação.

Os dados observados, no que refere à falta de equipamentos na sala de aula e na escola, são contraditórios relativamente aos dados das entrevistas, os professores inquiridos têm muito tempo de serviço, muita prática letiva, mas ao longo da carreira não alteraram muito as estratégias usadas, quadro, giz e aulas expositivas.

Relativamente ao excesso de alunos por turma, é um “ cavalo de batalha da escola”, 45% referem que não influencia a indisciplina na sala de aula, esses mesmos professores tem apoio de outros professores coadjuvantes na maioria das disciplinas.

Relativamente à má relação do professor/aluno como sendo um fator importante para o aparecimento da indisciplina na escola, no questionário é mencionado “algumas vezes”, a personalidade do professor como a causa principal da indisciplina na sala de aula. Ainda a salientar e de acordo com a população alvo, 44% referem que o excesso de método de ensino expositivo só algumas vezes influencia a indisciplina na sala de aula. Se fossem inquiridos os alunos o resultado podia ser confrontado, há dificuldade em lidar com estas turmas, a maioria são casos problemáticos, na medida em que só existe uma turma de cada ano de escolaridade, todos os alunos que querem frequentar esta escola são aceites.

8.1.3. Construção da disciplina.

		Sexo		Total	
		Feminino	Masculino		
Que abordagem utiliza na resolução de indisciplina escolar? [Preventiva]	Algumas vezes	Count	3	0	3
		% of Total	13,6%	0,0%	13,6%
	Muitas vezes	Count	6	3	9
		% of Total	27,3%	13,6%	40,9%
	Sempre	Count	8	2	10
		% of Total	36,4%	9,1%	45,5%
Total	Count	17	5	22	
	% of Total	77,3%	22,7%	100,0%	

Figura 12 - Abordagem através da prevenção na resolução da indisciplina

		Sexo		Total	
		Feminino	Masculino		
Que abordagem utiliza na resolução de indisciplina escolar? [Corretiva]	Raramente	Count	1	0	1
		% of Total	4,8%	0,0%	4,8%
	Algumas vezes	Count	6	3	9
		% of Total	28,6%	14,3%	42,9%
	Muitas vezes	Count	7	2	9
		% of Total	33,3%	9,5%	42,9%
	Sempre	Count	2	0	2
		% of Total	9,5%	0,0%	9,5%
	Total	Count	16	5	21
		% of Total	76,2%	23,8%	100,0%

Figura 13 - Abordagem através da correção da indisciplina

		Sexo		Total	
		Feminino	Masculino		
Que abordagem utiliza na resolução de indisciplina escolar? [Punitiva]	Raramente	Count	4	3	7
		% of Total	19,0%	14,3%	33,3%
	Algumas vezes	Count	10	2	12
		% of Total	47,6%	9,5%	57,1%
	Muitas vezes	Count	2	0	2
		% of Total	9,5%	0,0%	9,5%
Total	Count	16	5	21	
	% of Total	76,2%	23,8%	100,0%	

Figura 14 - Abordagem através da punição

De acordo com os dados observados nos gráficos, relativamente à abordagem preventiva utilizada na resolução da indisciplina escolar, 67,7% dos inquiridos do sexo feminino referem utilizar “sempre” e “ muitas vezes” esta abordagem. Relativamente à abordagem corretiva afirma utilizar em 33.3% dos casos “muitas vezes” e 28.6% “algumas vezes”. No que concerne à punição, as mulheres referem que em 47.6% utilizam “algumas vezes” e 19% “raramente” esta abordagem, e 14.3% dos homens afirmam que “raramente” utilizam esta abordagem.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Evoca a necessidade de cumprimento da(s) regra(s) que não está(ão) a ser cumprida(s)	0 0,0%	0 0,0%	7 30,4%	7 30,4%	9 39,1%
Dialoga com o(s) aluno(s) no momento da infração	0 0,0%	0 0,0%	4 17,4%	14 60,9%	5 21,7%
Recorre á ridicularização e/ou humilhação do aluno	18 78,3%	5 21,7%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%
Ordena a saída da sala de aula	0 0,0%	12 54,5%	5 22,7%	4 18,2%	1 4,5%
Repreende de imediato o(s) aluno(s) em falta	0 0,0%	1 4,3%	4 17,4%	8 34,8%	10 43,5%
Demonstra desinteresse e frieza afetiva	12 52,2%	8 34,8%	3 13,0%	0 0,0%	0 0,0%
Aguarda o fim da aula e conversa com o(s) aluno(s) sozinho(s)	2 8,7%	0 0,0%	16 69,6%	5 21,7%	0 0,0%
Participa ao Diretor de Turma	0 0,0%	2 8,7%	6 26,1%	7 30,4%	8 34,8%
Participa ao Encarregado de Educação	7 30,4%	4 17,4%	6 26,1%	2 8,7%	4 17,4%
Utiliza o insulto ou ameaças	23 100,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%
Estabelece acordos com o(s) aluno(s)	1 4,3%	6 26,1%	15 65,2%	1 4,3%	0 0,0%
Altera a planificação e/ou as estratégias definidas	2 8,7%	6 26,1%	11 47,8%	4 17,4%	0 0,0%
Utiliza um sistema de créditos e/ou recompensas	5 21,7%	13 56,5%	5 21,7%	0 0,0%	0 0,0%
Ignora	13 56,5%	7 30,4%	2 8,7%	1 4,3%	0 0,0%
Aplica castigos corporais ao aluno	22 95,7%	1 4,3%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%

Figura 15 - Atuação perante situações de indisciplina

No que diz respeito às medidas utilizadas, a opinião dos entrevistados vai de encontro à opinião recolhida junto dos professores inquiridos. O parecer dado por todos eles e relativamente ao contributo na diminuição da indisciplina não é uniforme, como constatamos na análise da tabela 17, porque só 60% dos professores dialoga com os alunos, 22% ainda os expõe ao ridículo, nem todos os professores marcam falta disciplinar ou ocorrência aos alunos indisciplinados, comunicam apenas oralmente aos DT, 13% dos professores tratam os alunos com frieza e só 21% conversa “muitas vezes” no final da aula, 26% participam “algumas vezes” ao DT, o que significa que o aluno é posto fora da sala sem qualquer comunicação. Os professores também não usam a caderneta do aluno para comunicar com os EE, 30% afirmam que “nunca” o fazem.

Os professores não investem na sua formação ao nível da indisciplina, atribuem aos anos de serviço e à idade condições para exercer a prática cabalmente. 48% dos professores afirmam que nunca repensam a sua metodologia e estratégias utilizadas no espaço sala de aula.

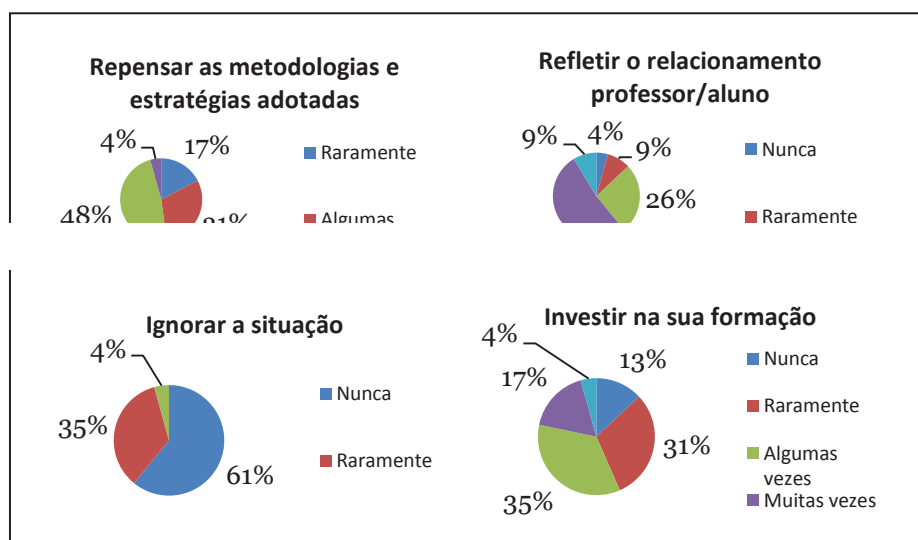


Figura 16 - A indisciplina leva-o a...

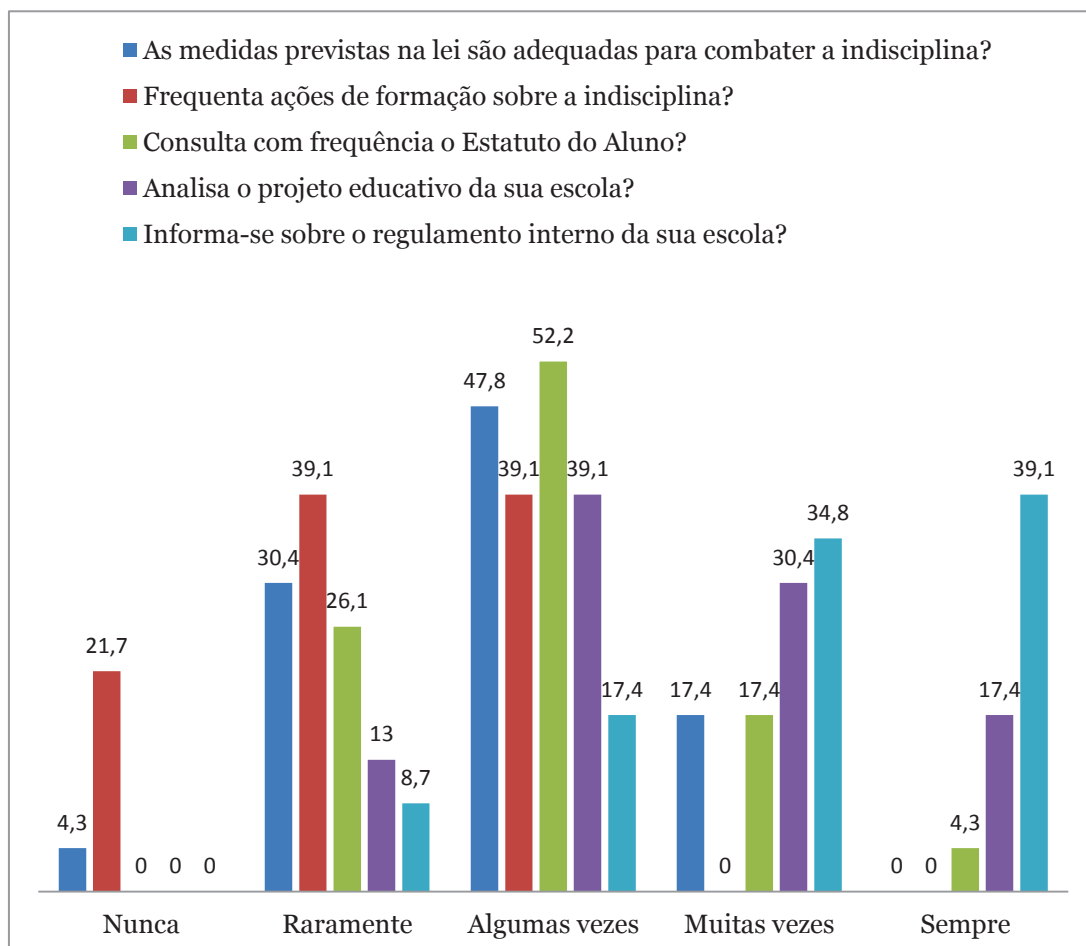


Figura 17 – Como gerem a carreira profissional perante a indisciplina.

A maioria dos professores inquiridos considera que as medidas tuteladas pelo MEC são “algumas vezes” adequadas para combater a indisciplina. Relativamente à consulta do RI, todos são de opinião que este normativo é uma ótima ferramenta de auxílio no combate da indisciplina, o seu conhecimento deve-se ao fato de a maioria dos professores exercerem funções de chefia intermédia e a escola possuir um quadro de professores estável, em que muitos já lecionam nesta escola à mais de 30 anos. Relativamente às ações de Formação na área da indisciplina, alguns professores mostram interesse e preocupação, mas a maioria não investe nesta área,

a salientar que também não há muita oferta formativa do centro de formação nesta área.

8.2. ANÁLISE DE ENTREVISTAS

8.2.1. Análise e apresentação de resultados

Seguidamente, apresentar-se-ão os principais resultados da análise de conteúdo efetuada às entrevistas e a discussão desses mesmos resultados. As tabelas que se seguem aludem à classificação dos dados recolhidos em dois temas distintos, “Indisciplina na Escola” e “Medidas de Prevenção, Integração e Punição face à Indisciplina”, e respetivas categorias. O tema “Indisciplina na Escola” foi a primeiro a ser analisado, e consideraram-se três categorias neste âmbito: “Noção de comportamentos indisciplinados”, “Classificação de comportamentos indisciplinados” e “Causas de comportamentos indisciplinados”.

Tabela 8 - Categoria: Noção de comportamentos indisciplinados

Ocorrências	Frases exemplificativas
PA	“Faltas de respeito, quer seja com o professor, com o pessoal não docente e até entre alunos, comportamentos (linguagem) menos apropriados e perturbação constante e recorrente na sala de aula”.

Nesta categoria apenas se registou uma ocorrência, o inquirido PA, que referiu indisciplina em contexto escolar como aqueles comportamentos que implicam desrespeito com qualquer elemento da comunidade escolar, linguagem desapropriada e perturbação na aula. Há uma ténue proximidade

em relação às noções defendidas e desenvolvidas no quadro teórico, vão de encontro ao conceito de indisciplina segundo Amado(2001), Estrela (2002), Curto(1998) e Melo (1993), referidos na pág.10 a 14, deste trabalho. A salientar um grande desvio em relação á noção de indisciplina nas restantes entrevistas.

Da análise da categoria seguinte - classificação de comportamentos indisciplinados - resultaram três subcategorias. Os entrevistados apresentaram da seguinte forma os comportamentos indisciplinados.

Tabela 9 -Categoria: Classificação de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: mais frequentes

Ocorrências	Frases exemplificativas
PA; CF; DE; DT8; DTCEF; DT7	<p>“Perturbação/mau comportamento (PA) ”.</p> <p>“ (...) uns palavrões e uns empurrões mas é tudo na brincadeira (...), é deles, é normal (...). Barulhentos (...), mal-educados (...) (CF) ”.</p> <p>“é questionar a liderança do professor (...), não reconhecer no momento, a autoridade do professor, não cumprirem a ordem (DE)”.</p> <p>“ (...) havia muitas faltas também de assiduidade (DT8) ”.</p> <p>“a postura, a forma como comunicam erradamente com os professores, não respeitando a autoridade do professor, a indelicadeza, uma elevada falta de assiduidade (DTCEF)”.</p> <p>“a falta de pontualidade, o chegar tarde, o ruído, e depois é a postura de não terem vontade de fazer(DT7)”.</p> <p>“ (...) a falta de realização das tarefas (DT7)”.</p>

Na opinião dos entrevistados o tipo de indisciplina mais frequentes são: contestação da autoridade do professor; incumprimento das ordens do professor; falta de assiduidade perturbação/mau comportamento; não transcrição da matéria por parte do aluno; desrespeito pela autoridade do professor; conversas paralelas com os colegas de turma, que origina ruído desnecessário; manter o boné na cabeça dentro da sala; atitude errónea na comunicação com o docente; atitudes

descorteses; falta de assiduidade falta de pontualidade; desrespeito da autoridade do professor através de verbalizações inadequadas. Com maior regularidade manifesta-se a falta de assiduidade e o desrespeito pelo professor.

Tabela 10 - Categoria: Classificação de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: mais graves

Ocorrências	Frases exemplificativas
PA; CF; DE; DT8; DT7	<p>“Os mais graves são a falta de respeito (PA) ”.</p> <p>“É o de bater com a porta ao professor, e aí quando dizem palavrões é má educação (CF) ”.</p> <p>“ (...) subestimar a autoridade do professor (...), os que envolvem falta de respeito, pelo professor e para os colegas (DE)”.</p> <p>“ (...) não respeitar, o facto de terem que passar as aulas para o caderno diário, não acatar uma ordem do professor, falarem uns com os outros, não tirar o boné, arrastar cadeiras, risos e piadas (DT8) ”.</p> <p>“por vezes os alunos não querem fazer nada durante a aula, não querem passar porque não trouxeram o material (DT8)”.</p> <p>“as situações mais delicadas são as dos alunos que estão a repetir, e estão a repetir vários anos (...), falta de educação, e de não acatamento de qualquer indicação (...), questões com outros colegas, e para provocar chacota e riso (...), falta de respeito a um docente (DT7)”.</p>

Da análise desta subcategoria resultou as seguintes afirmações: desrespeito; linguagem e discurso inadequados; perturbação da aula com ruído desnecessário; contacto físico violento entre alunos; comportamentos considerados como habituais nos alunos; desconsideração para com o professor; contestação da autoridade do professor; incumprimento das ordens do professor; conversas paralelas com os colegas de turma, que origina ruído desnecessário; manter o boné na cabeça dentro da sala; desinteresse total pela realização de tarefas em sala de aula, que se agudiza em caso de falta de material. A maior regularidade apontada é a contestação da autoridade e desconsideração para com o professor.

Tabela 11 - Categoria: Classificação de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: mais marcantes

Ocorrências	Frases exemplificativas
PA; CF; DE; DT8; DTCEF	<p>“Nestes 2 anos ainda não tive nenhum caso que me marcasse (PA) ”.</p> <p>“ (...) o ano passado a X, ainda chateia, era grave, era muito irreverente, porque não obedecia aos professores nem aos funcionários (CF)”.</p> <p>“Tenho um aluno que tem algumas participações disciplinares (...), tem muita indisciplina (...), os pais não exerceram muita influência sobre ele e ele estar completamente desmotivado e já ter 17 anos e ainda andar no 8.º ano (DT8) ”.</p> <p>“por exemplo, diziam-nos que era a aluna que não se levantava, e afinal a aluna é que acorda toda a gente (...), eles são se calhar a responsabilidade principal da falta de assiduidade dela, é dos próprios pais (DTCEF)”.</p>

Na opinião dos entrevistados o caso mais marcante e singular foi o aluno repetente há vários anos e recorrente em situações de indisciplinada; fraco poder paternal sobre este aluno; desmotivação do aluno pela escola; escolaridade obrigatória até aos 18 anos não é fator de sucesso neste caso. Os entrevistados não distinguem comportamentos perturbadores, desviantes, disruptivos, bullying ou violência. Todos os comportamentos citados pelos entrevistados constam no quadro teórico, nomeadamente nos estudos de Amado (2000), Amado e Freire (2009), Lopes e Rutherford (2001), Veiga (1991), Barroso (2002), Sebastião (2010), Estrela (2002) e Beane (2006).

Apresenta-se a terceira categoria - as causas de comportamentos indisciplinados- foram subdivididos em quatro subcategorias, o professor; o aluno; a escola; e a família.

Tabela 12 - Categoria: Causas de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: O professor

Ocorrências	Frases exemplificativas
CF; DE; DT8; DTCEF	<p>(...). Depende da personalidade do professor (CF) ”.</p> <p>“tem a ver com a personalidade dos professores (...), há outros, ou porque são mais benevolentes, ou... às vezes também tem a ver com o tom de voz, com que se dá a ordem(DE)”.</p> <p>“vai um bocadinho do pulso que cada professor tem na turma (DT8)”.</p> <p>“Os alunos precisam de sentir que nós estamos interessados em que eles aprendam (...), nós temos que estar do mesmo lado que os alunos, se bem que com todo o peso e medida no que respeita à autoridade e ao saber diferenciar a posição do aluno e do professor (DT8) ”.</p> <p>“tem tudo a ver com a forma como lhes são impostas aquelas regras, aquele limite de tolerância e o tipo de intervenção que cada professor tem (DTCEF)”.</p> <p>“há quem seja mais rigoroso no cumprimento de determinadas regras, há quem não seja tão rigoroso, eles sabem-se moldar, com quem eles vão encarar naquele momento (DTCEF)”.</p>

Na perspetiva dos entrevistados, o professor é responsável pela indisciplina, devido à incompatibilidade do aluno com os métodos de ensino ou estratégias de relação do professor em aula; permissividade e passividade; personalidade complacente; falta de autoridade, falta de formação ou experiência do professor em lidar com diferentes tipos de alunos; convencer os alunos de que o objetivo do docente é auxiliá-los e não o contrário. Estas opiniões não contrariam a perspetivas dos autores referidos no quadro teórico, nos trabalhos de Amado (2000), Estrela (2002), Estanqueiro (2010), Carita e Fernandes (1997), Paulo Freire (1997), e Postic (1984).

Tabela 13 - Categoria: Causas de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: O aluno

Ocorrências	Frases exemplificativas
PA; DE; DT8; DTCEF	<p>“Falta de interesse, falta de motivação (PA) ”.</p> <p>“ (...) há alunos que realmente têm também uma personalidade que os leva ao desvio (...), mau comportamento (...) também tem a ver com falta de assiduidade, pontualidade, portanto, geralmente está ligado a um aluno que não cumpre as regras (DE)”.</p> <p>“sem o material dentro da sala de aula a tendência para a indisciplina é maior (DT8)”.</p> <p>“há ali alguns alunos que estão desinteressados, que a escola não lhes diz nada (DT8)”.</p> <p>“muitos deles, só estão aqui porque têm que estar, só estão aqui porque os pais dizem: “meu menino, tens que ir... a escola é às 8:30, eu vou buscar-te às 6:30 (DTCEF)”.</p> <p>“casos específicos em que, vinham à escola se calhar entusiasmar outros a fazerem exatamente o mesmo que eles estão a fazer (DTCEF)”.</p>

Na opinião dos entrevistados a indisciplina provém do desinteresse e desapego alunos; obrigatoriedade de frequência da escola; falta de empenho e a não realização das tarefas propostas; desequilíbrio da relação entre professor e aluno; falta de material como causa de indisciplina; falta de identificação com o meio escolar.

Tabela 14 - Categoria: Causas de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: A escola

Ocorrências	Frases exemplificativas
DT8	<p>“Não há computadores e retroprojetores em todas as salas, temos que sair da sala e isso é um entrave, porque, sendo a minha turma com trinta alunos, sempre que os temos que movimentar de sala, é um problema, porque eles primeiro que se sentem e acalmem (DT8) ”...</p>

Apenas um entrevistado se pronunciou sobre a escola, referindo que a falta de material didático insuficiente é fator de indisciplina porque obriga a turma a movimentar-se de uma sala para outra e gera sempre confusão, principalmente em turmas numerosas. Há um grande desvio em relação ao quadro teórico, pelo fato de nenhum outro entrevistado referir a escola, como causa do comportamento indisciplinado.

Tabela 15 - Categoria: Causas de comportamentos indisciplinados – Subcategoria: A família

Ocorrências	Frases exemplificativas
PA; CF; DE; DT8; DTCEF;DT7	<p>“ (...) em algumas situações falta de orientação e falta de acompanhamento dos pais (PA)”.</p> <p>“São mal-educados, vem tudo de casa, pensam que estão a falar com os pais deles (CF) ”.</p> <p>“muitos, os pais estão atentos, mas não conseguem fazer nada (DE)”.</p> <p>“ (...) a família não dá ênfase à importância da escola (DT8) ”.</p> <p>“casos que também tive em que os pais fazem um esforço imenso mas não conseguem, entre comas, domar o seu educando (DTCEF)”.</p> <p>“acho que essa é a principal dificuldade que a escola tem, é pouca autoridade de casa perante os alunos (...), (DTCEF)”.</p> <p>“estes encarregados de educação não têm qualquer poder parental perante estes jovens, não têm (DT7)”.</p>

Da análise desta subcategoria resultou a seguinte proximidade em relação ao quadro teórico: carência de orientação paternal; indisciplina derivada de ambiente familiar desajustado e parco em valores e regras de conduta; desvalorização da educação escolar por parte da família.

De seguida, analisou-se a informação classificada no segundo tema, “Medidas de Prevenção, Intervenção e Punição face à Indisciplina”. Obtiveram-se dados relativos a três categorias, “Prevenção”, “Intervenção” e “Punição”.

Tabela 16 - Categoria: Prevenção

Subcategoria	Frases exemplificativas
1-Existência de regras de conduta na sala de aula	“As regras de comportamento na sala de aula são muito importantes, pois para além de serem influentes dentro de uma sala de aula, são valores que também os vão ajudar no futuro como seres humanos (PA)” .
2-Conhecimento dos pais acerca das regras na escola	“Sim. Através da Diretora de Turma (PA)” .
3-Participação dos alunos na definição das regras	“Acho muito bem (PA)” .
4-Adoção de boas práticas pedagógicas	<p>“se forem aulas (dinâmicas) que cativem os alunos é natural que os mesmos estejam mais interessados (...) tudo depende da empatia professor/aluno, da forma em que é dada a aula e a matéria (PA)”.</p> <p>(...), deve haver um apelo à aprendizagem, portanto, a aula não pode ser só o quadro e o giz (DT8)”.</p> <p>“tentamos sempre indicar-lhes aquilo que eles poderão obter no final deste ano, nomeadamente no currículo, entre comas, alternativo, acho que tem sido uma boa arma de arremesso, alertá-los para essa situação, a meta que, em parte, eles pretendem (DTCEF)”.</p> <p>“os alunos deviam sentir-se felizes, deviam gostar, deveriam querer estar na escola. E deveria ser algo pelo qual eles se deviam vangloriar, de “eu estou a fazer o meu investimento, para amanhã ir buscar a compensação, os juros (DTCEF)”.</p>
5- Esclarecimento de regras de conduta com os alunos no início do ano letivo	<p>“dediquei-me muito tempo a falar sobre as regras que estão previstas no regulamento da escola, de dentro e de fora da sala de aula, como tratar professores, colegas e funcionários, dei ênfase a essas regras aos miúdos, fiz-lhes saber quais eram as regras impostas pela escola, a chamar-lhes a atenção do que é que, efetivamente cada uma delas falava, do que é que se tratava e quais as sanções que dali saíam (DT8)”.</p> <p>“no início do ano, foi dado uma listagem de comportamentos, atitudes, de regras, a funcionarem na escola (DTCEF)”.</p> <p>“Obrigatoriamente, na receção aos alunos e aos pais. É de leitura, está afixada na sala de aula, e quando necessário vai lá ler, para rever se o comportamento está assertivo ou não está (...), os alunos não transcrevem (DT7)”</p>
6-Definição de medidas preventivas pelo Conselho de Turma	<p>“eu fiz questão no primeiro Conselho de Turma de falar sobre as regras que todos tínhamos que impor, as regras tinham que ser iguais para todos, que era para os alunos não acharem que com um professor podiam isto, com outro professor podiam aquilo(DT8)”.</p> <p>“na mudança de aulas dos 45 minutos, não deixar os alunos ir às casas de banho, situações que na altura estavam a acontecer e eu tratei de as relatar e de uniformizar critérios de atuação (DT8)”.</p> <p>“foram balizadas algumas situações, nomeadamente, de pontualidade, de posturas na sala de aula, do tão propalado uso do telemóvel indevidamente, o uso, por exemplo, do boné dentro da sala de aula, e foi estipulado que isso fosse cumprido integralmente (DTCEF)”.</p> <p>“o ponto fulcral é a avaliação diagnóstica, cada professor fala sobre aquilo que vê, são logo identificadas as dificuldades e os problemas diagnosticados, também potencialidades, e são feitas estratégias, no sentido da criação do ambiente de trabalho de turma (DT7)”.</p>
7-Eficácia/Ineficácia	“essas regras foram implementadas e estavam a ser cumpridas (DTCEF)”.

das Medidas Preventivas	<p>“sinto um certo orgulho e com mais contentamento, porque estou a conseguir levar a água ao meu moinho para a turma na generalidade (DTCEF)”.</p> <p>“não tem sido fácil, o aproveitamento continua a ser muito fraco, (DT7)”.</p>
-------------------------	--

Da análise 1ª, 2, e 3ª subcategoria, referente ao conhecimento e participação dos alunos na elaboração de regras na sala de aula, resultou apenas a opinião do PA. Há um afastamento muito grande relativamente ao quadro teórico e às teorias defendidas por Amado, Fernandes e Lopes & Rutentherford (2001,p.40,41). Relativamente à categoria da adoção de boas práticas pedagógicas, os entrevistados não contrariaram os conceitos defendidos pelos autores do quadro teórico. Um caso singular é o entrevistado DTCEF que comunicou através de metáforas, comparando os alunos indisciplinados a batatas “podres” que contaminam os que estão por perto. Na categoria de esclarecimento de regras de conduta com os alunos no início do ano letivo, os três DT entrevistados, reforçaram a ideia tinham lido e explicado as regras, Só DTCEF forneceu a listas das regras aos alunos. Verifica-se um desvio relativamente ao quadro teórico que defende a gestão e organização das regras de convívio e trabalho de forma firme e aberta. Na subcategoria, definição de medidas preventivas pelo Conselho de Turma, os Diretores de turmas aproximaram-se bastante do que é defendido pelos autores no quadro teórico. Na última subcategoria Eficácia/Ineficácia das Medidas Preventivas, no quadro teórico, Amado afirma que o professor deve ser firme e coerente na aplicação das normas, (p41), a dificuldade está nos restantes professores do conselho de turma e não nos DT.

Tabela 17 - Categoria: Intervenção

Subcategoria	Frases exemplificativas
1-Medidas da AP	“não temos nenhuma situação para podermos exemplificar a nossa atuação” (...), “Tentamos ajudar no que estiver ao alcance e competência da Associação de Pai(PA)”.
1.1-Medidas dos funcionários, através do professor	“Há alguns. Outros nem nos chamam (...) o papel do funcionário é levar o aluno ao gabinete do aluno, ou à Direção (CF)”.
1.2- Medidas dos funcionários Intervenção direta ao aluno	“Os alunos são chamados à atenção e se continuarem são levados à Direção da Escola (PA)”. (chamar alunos à atenção quando se exprimem em linguagem imprópria). (CF) “Se se batem vou lá separar (CF)”.
2-Medidas dos órgãos de gestão da escola – Eficácia e suficiência	“Sim (PA)”. (Medidas punitivas aplicadas pela escola consideradas eficazes e suficientes) “Deviam ser mais fortes, mais pesadas (CF)”.
2.1 -Medidas dos órgãos de gestão da escola -Existência de meios necessários para intervenção	“Sim (PA)”. (Escola dispõe de gabinetes do aluno)
3-Medidas dos professores	“Primeiro de tudo usar da pedagogia, depois informar o encarregado de educação e se persistir nesse comportamento incorreto proceder às sanções disciplinares (PA)”.
4-Canais de obtenção de informação – Participação Oral	“se são de uma gravidade extrema (comportamentos indisciplinados), logo de momento comunicam-me via telefone (DE)”. “vou sabendo aqui e acolá que há alguns incumprimentos por parte dos alunos, mas eu não tenho esse feedback por escrito dos colegas, chamei a atenção a todos os colegas que eu não podia ser surpreendida com os alunos a dizer que tinham sido colocados fora da sala de aula sem eu o saber (D8)”. “antes desse processo burocrático, normalmente os professores chamam-me ou facilmente a gente contata via e-mail (DTCEF)”. “é a comunicação oral, a informação é praticamente imediata antes da obrigatoriedade de um papel e da participação escrita (DT7)”.
4.1 -Canais de obtenção de informação – Participação Escrita	“se não são muito graves (comportamentos indisciplinados), chega-nos através da participação do professor (DE)”. “pontualmente, vou sabendo por escrito quando há situações de incumprimento, mas é muito pontualmente, tenho muito poucas participações disciplinares por escrito (DT8)”. “comunicações através dos meios normais de participação do professor das disciplinas, fazendo o seu relato, entregue à Direção, e também me vem encaminhado a mim, como Diretor de Turma (DTCEF)”. “Eu não tenho tido participações... mas elas são escritas, são escritas (DT7)”.
5- Medidas de intervenção utilizadas	“Quando recebo o documento falo com o aluno (...), confronto o aluno com aquilo que eu tenho escrito e depois aviso o encarregado de educação por telefone (DT8)”. “tento pôr imediatamente os pais ao corrente da situação, e tento eu próprio intervir de uma forma pronta e que tento que seja eficaz (DTCEF)”. “(…) questiono logo o Delegado de Turma (DT7)”.
5.1 -Meios necessários para a intervenção – Suficiência/Insuficiência	Para onde vai o aluno quando lhe é imposto que abandone a sala de aula) “(...) para o Gabinete do Aluno, com tarefa, da qual eles depois, por norma, não entregam e não vão à sala, ao Gabinete do Aluno (DT7)”. “o Gabinete de Apoio ao Aluno, que nem sempre tem professor, falha aí um

	bocadinho, mas essa falha é muito colmatada também com o trabalho com a psicóloga (...), o 3.º Ciclo aqui na escola é um bocado o parente pobre, como são só três turmas, é difícil captar recursos (DT8)”.
--	---

Da análise 1ª e 2ª subcategoria, as opiniões do Pa e CF são muito divergentes das opiniões dos professores, revelam uma grande confusão do conceito de intervenção, para estes, o conceito de intervenção está próximo de punição. Relativamente à 3ª categoria há um grande desvio em relação ao quadro teórico, as regras do RI não são cumpridas, são aplicadas de forma diferente pelos diferentes professores e diretores de turma. A diretora da escola por sua vez afirma que o que não é escrito não tem qualquer tratamento. A maioria dos professores fica apenas pela informação oral, aponta-se este fato como uma singularidade, comunica-se oralmente mas não se participa por escrito, por isso existem poucas participações. Na 5ª subcategoria as medidas de intervenção são reconhecidas como tarefas burocráticas do DT. O Gabinete do aluno não funciona, os professores que têm horário no gabinete é apenas para preencher o seu horário. Quando se questionou os professores do GA afirmaram que, não existe registos das ocorrências dos alunos, nem do trabalho exercido no GA.

Da análise da categoria da Punição resultaram subcategorias da tabela seguinte:

Tabela 18 - Categoria: Punição

Subcategoria	Frases exemplificativas
1- Aplicação de sanções: Eficácia Ineficiência	<p>“Sim (são eficazes), quando bem aplicadas e ajustadas (...) é uma forma do aluno repensar as suas atitudes menos corretas. Se for um aluno consciente vai refletir sobre o erro e vai tentar que não aconteça mais (PA) ”.</p> <p>(...), se um aluno já tem falta de assiduidade, não é a sanção, que é a pena disciplinar com suspensão que lhes vai alterar ou modificar o seu comportamento (...),</p> <p>“se é um tipo de situações a nível de atitude em aula pouco simpática, pouco educada é algo que está enraizado, é pedra para ser picada com picareta, para se partir lentamente e não é com aquela penalização que funciona (DTCEF)”.</p> <p>“quando é a nível de atitude verbal, penso que é uma coisa que vem do alicerce familiar, (...), se for do foro de atitude não verbal, por exemplo, se lhe tirarem o telemóvel como já aconteceu, tenho quase a certeza que, futuramente vai estar a pensar naquilo que aconteceu anteriormente (DTCEF)”.</p> <p>“não tendo esta persistência, e esta tomada de pulso familiar, é perfeitamente inviável fazer o que quer que seja aqui na escola (DT7)”.</p>
1.1-Aplicação de sanções - Impacto negativo na relação professor-aluno	<p>“Não, porque geralmente quando acontece este comportamento incorreto, a relação aluno/professor já não é a ideal (PA)”.</p>
1.2-Aplicação de sanções – Sanções mais aplicadas	<p>“Falta disciplinar e suspensão (PA) ”.</p> <p>“(Quando um aluno sai da sala de aula) São enviados, por norma, para a biblioteca ou para o Gabinete do Aluno. É-lhes aplicada umas tarefas, que durante aquele tempo deverão cumpri-la. E depois, mostrar ao professor que lhe deu ordem de saída da sala de aula. Esse digamos, é o trajeto, é aquilo que está instituído pela escola (DTCEF)”.</p>
1.3Aplicação de sanções – Sanções	<p>“responsabilizar os pais pelo comportamento deles, através de pagamento de uma coima, que isso está na lei, mas não se faz, não é (DE)”.</p> <p>“continuamos a dizer e a achar que há poucas escolas com Ensino Vocacional, poucas</p>

alternativas	oportunidades, o Gabinete de Psicologia tem imensas dificuldades em arranjar e propor percurso formativo diferente, porque são poucas escolas, devia estar mais alargado, o facto de ser mais alargado pressupõe então também outro tipo de formações. (...) há poucas, poucas vertentes e poucos locais onde isso possa acontecer, o investimento é a esse nível (DT7)".
--------------	---

Na opinião dos entrevistados a punição é um castigo disciplinar que não produz efeitos. O PA afirma que os castigos são eficazes quando aplicadas corretamente, podem levar o aluno a reconsiderar o seu comportamento no futuro, são ineficazes quando o aluno não reflete nos seus atos. A diretora afirma que a família poderia assumir a responsabilidade pela indisciplina dos seus filhos, através de aplicação de coima, medida punitiva prevista na lei, mas sem aplicação efetiva. As medidas punitivas aplicadas são eficazes em determinados casos, e ineficazes nos casos de alunos reincidentes, porque não contribuem para alterar comportamentos indisciplinados. Não há atividades na escola que contribuam de forma efetiva para alterar esses comportamentos. Na opinião de um entrevistado a solução passa por enviar os alunos para escolas com cursos vocacionais, mas a escola debate – se com falta de alunos. Todas estas opiniões se desviam em relação às teorias apresentadas no quadro teórico, a singularidade desta categoria é a confissão da Diretora da escola que não aplica as coimas aos pais, porque é um processo moroso.

9. SÍNTESE DA INVESTIGAÇÃO

Da análise global dos questionários aplicados aos professores e das entrevistas aos diversos atores escolares, conclui-se que há divergência entre os resultados dos dois instrumentos de análise, essencialmente no estabelecimento das regras com os alunos no início do ano. É consenso geral que os professores são muitas vezes os responsáveis pela indisciplina dentro da sala de aula.

Há uma concordância total no que se refere à importância da retaguarda familiar e à demissão do papel dos encarregados de educação.

Relativamente ao excesso de alunos por turma que é apontado muitas vezes como responsável pela indisciplina, 45% dos professores referem que não influencia a indisciplina na sala de aula, a salientar a prática de coadjuvantes na maioria das disciplinas.

Relativamente à má relação do professor/aluno é referido como sendo um fator importante para o aparecimento da indisciplina na escola. No questionário é mencionado a personalidade do professor como sendo a causa principal. Ainda a salientar e de acordo com a população alvo, 44% referem que o excesso de método de ensino expositivo só algumas vezes influencia a indisciplina na sala de aula. Há dificuldade em lidar com estas turmas, em que a maioria são casos problemáticos, até por que só há uma turma de cada ano.

No que diz respeito às medidas utilizadas, a opinião dos entrevistados vai de encontro com os professores inquiridos. O parecer dado por todos eles e relativamente ao contributo na diminuição da indisciplina não é uniforme: poucos professores dialogam com os alunos e alguns deles expõem-nos ao ridículo.

As maiores falhas referem-se à prevenção, intervenção e punição da indisciplina.

Nem todos os professores marcam falta disciplinar ou ocorrência aos alunos indisciplinados, comunicam apenas oralmente aos DT. Este procedimento não representa como afirmou a diretora, só é contabilizado o que é escrito e lhe chega à direção, 13% dos professores tratam os alunos com frieza e 21% conversam muitas vezes no final da aula. Os professores também não usam a caderneta do aluno para comunicar com os EE, 30% afirmam nunca o fizeram. O que acabamos de referir vai de encontro com o que foi proferido pelos DT nas entrevistas, sobre a forma de atuação dos professores perante condutas menos apropriadas, ou seja comportamentos indisciplinados. Face ao exposto a sanção dilui-se porque representa um aumento de tarefas e responsabilidades e ainda interrupção no percurso da aula.

Os professores não investem na sua formação ao nível da indisciplina, não tendo em conta que a sociedade e os nossos alunos evoluem a ritmo demasiado acelerado, 48% dos professores afirmam que nunca repensam a sua metodologia.

Relativamente às ações de formação na área da indisciplina, alguns professores mostram interesse e preocupação, mas a maioria não investe nesta área, a salientar que também não há muita oferta formativa do centro de formação nesta área.

Os professores inquiridos através do inquérito são da mesma opinião que a maioria dos entrevistados, uma vez que consideram que as medidas tuteladas pelo Ministério da Educação e Ciência são “algumas vezes” adequadas e contribuem para a diminuição da indisciplina, isto porque nem sempre os órgãos de gestão se munem dos meios mais eficazes no combate da indisciplina, tal como proferiu a Diretora há artigos que estão na lei mas não os faz cumprir, pelo fato do processo ser moroso. Relativamente à consulta do RI, todos são de opinião que este normativo é uma ótima ferramenta de auxílio no combate da indisciplina. O seu conhecimento deve-se ao fato de a maioria dos professores exercerem funções de chefia intermédia e a escola possui um quadro de professores estável, há mais de 30 anos.

Considerando os resultados do processo de investigação procuraremos dar resposta à questão de partida com a elaboração de um plano de ação.

CAPITULO IV

PLANO DE AÇÃO

1. PONTO DE PARTIDA E PLANIFICAÇÃO GERAL

Um projeto é um avanço antecipado das ações a realizar para conseguir determinados objetivos. Deve apresentar uma unidade própria na medida em que tenta atingir determinados objetivos para cujo alcance efetivo requer uma estrutura interna que lhe permite alcançar o fim proposto (Serrano, 2008, p.16).

O projeto é um plano de trabalho com caráter de proposta com o fim de alcançar os objetivos desejáveis. A sua missão será prever, orientar e preparar o que se vai fazer? Como fazer? Quando fazer? Quem realiza? Quais os recursos inerentes à sua realização? Quando se concebe e implementa um projeto devemos ter em conta que “as realizações são possíveis. E que, de qualquer maneira, estas realizações são sensivelmente diferentes de todas aquelas feitas até então”(Boutinet, 1990, p.258).

Neste contexto, enunciamos novamente a questão de partida – Como se pode conceber e implementar um dispositivo de intervenção que diminua a indisciplina na sala de aula.

Tendo em conta os resultados da nossa investigação, as abordagens efetuadas sobre a indisciplina descrita no quadro teórico, permitiram-nos inferir que este fenómeno é muito difícil de solucionar, uma vez que as possíveis explicações do mesmo são múltiplas e complexas. No entanto, com a colaboração de todos os atores escolares, procuramos elaborar um plano de ação que contribua para a diminuição da indisciplina na sala de aula.

1.1. OBJETIVOS DO PLANO DE AÇÃO

De toda a análise realizada podemos apontar as seguintes propostas para os problemas que gostaríamos de ver minorados:

1. Formação na área da indisciplina para todos os atores da escola.
2. Promover o cumprimento do Regulamento interno mais rigoroso, por parte de todos os atores da comunidade educativa.
3. Aplicação do plano de melhoria sugerido para o gabinete do aluno.
4. Criação de um projeto “ Equipa Escola Progresso” EEP.

2. OPERACIONALIZAÇÃO DO PROJETO

Tabela 19 - Plano de Ação

Ações Inicativas	Objetivos	Intervenção	Atores	Calendário
Ação A Processos de sensibilização	Sensibilizar os alunos para o comportamento dentro e fora da sala.	- Visita da Diretora a todas as turmas, na 1ª semana de aulas.	Diretora Professores Alunos.	Setembro 2015 1ª semana de aulas.
Ação B Processos de formação	Disponibilizar formação sistemática, adequada e pertinente como processo de melhoria do desempenho individual dos atores intervenientes.	- Plano de Formação para os Professores, (sobre como evitar comportamentos indisciplinados), alunos e pais. - Criar pequenas sessões de debate sobre temas pertinentes e práticos.	Diretora Centro de Formação da área Professores Alunos Funcionários Pais	Julho de 2015 Todo o ano.
Ação C Processos de divulgação e de partilha	Conhecer e interiorizar o Regulamento Interno da escola X	- Divulgar publicamente de forma clara as regras do RI aos alunos pais e professores. - Todos os alunos escrevem as regras no caderno diário. - Todos os E.E. devem possuir uma súmula do RI. - Afixar em todas as salas de aulas e espaços comuns, um esquema sobre as consequências de atos indisciplinados.	Diretora Diretores de turma Professores Alunos Funcionários Pais	Início de setembro
Ação D Processos de	Alterar o funcionamento do Gabinete do aluno.	- Nomear um coordenador - Elaborar os horários dos docentes de	Coordenador Professores Alunos	Início do ano Todo o ano

<p>intervenção</p>		<p>acordo com o perfil para desempenhar funções no GA. Plano de Melhoria (apêndice VIII) -Alteração dos documentos formulários obsoletos – ordem de saída da sala de aula, participação disciplinar, registo das ocorrências.</p>	<p>Diretora Equipa de horários. Conselho Pedagógico</p>	
<p>Ação E Projeto Equipa, Progresso</p>	<p>Prevenção de comportamentos desajustados em contexto de sala de aula.</p>	<p>-Potenciar o trabalho do EEP no acompanhamento de alunos que evidenciem sinais de comportamentos desajustados em contexto de sala de aula de forma sistemática e repetida, através de tutoria júnior, tutoria de professores e envolvimento dos pais. -Responsabilizar os pais pela educação dos seus educandos (através de coimas previstas na lei, ou trabalho na escola) -Promover encontros regulares com as associações de pais - Envolvimento dos pais - incentivar atividades promovidas pelas associações de pais e EEP, tais como feiras temáticas, tertúlias, ateliers e momentos de convívio</p>	<p>Coordenador do projeto EEP Professores do projeto EEP Alunos do projeto Associação de pais Pais</p>	<p>Julho 2015 Setembro Todo o ano</p>

3. AVALIAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO

A avaliação do plano, segundo Rivière (1989) deverá ser “o processo de estabelecer um juízo de valor sobre um objeto, com vista a uma ação, em função da obtenção e interpretação sistemática de dados ou provas sobre este objeto” (p.67,27). A avaliação não é uma etapa final ou terminal num projeto, pois deve estar presente desde o início até ao fim do mesmo com o propósito de controlar os resultados. As lacunas existentes, adequação ou inadequação das atividades.

Esta avaliação é objetiva, tendo em conta os atores e os momentos de realização das atividades propostas.

Os documentos que fazem parte deste plano de ação têm que ser aprovados pelo conselho pedagógico da escola X.

O Projeto proposto, “Equipa Escola Progresso”, tem que ser sujeito à análise da coordenadora da equipa de projetos da escola X.

A formação deve ser indicada pela direção da escola ao centro de formação da área.

A avaliação intercalar do projeto decorrerá em dois momentos, dezembro de 2015 e abril de 2016, tendo como objetivos a monitorização e desempenho do projeto, com os intervenientes do projeto. Os resultados deverão ser submetidos à apreciação para julgar da sua aplicabilidade. Cada uma das ações culminará com um relatório final, entregue à coordenadora das atividades. A avaliação final decorrerá em julho de 2016, através de um questionário aos alunos intervenientes aplicado pela coordenadora do projeto EEP. Por ultimo realizar-se-á uma reunião da equipa para proceder ao balanço final do plano de ação.

4. REFLEXÕES FINAIS

Ao analisar todo o processo do projeto comprovou-se que ao longo do mesmo foram encontrados aspetos muito positivos e outros que não alcançaram os objetivos previstos, devido aos constrangimentos criados em torno do trabalho. Em primeiro lugar o tema da indisciplina incómoda alguns dos atores da comunidade educativa, no entanto não apontam propostas ou soluções, vivem na esperança que o próximo ano letivo seja melhor.

Em segundo lugar a burocracia morosa da DIGIC predispôs a que o tema sobre a indisciplina na sala de aula e na escola versasse apenas sobre a opinião dos professores que lecionam o 3º ciclo na mesma escola.

O projeto é exequível, é necessário, não pode ser descorada a exigência e o rigor no seu desenvolvimento. Um dos constrangimentos é a mudança de postura e estratégias face aos interesses instalados e às rotinas. As ações de formação no âmbito da indisciplina, por exemplo, deveriam ser de caráter obrigatório para todos os atores. A equipa da direção devia ter um maior envolvimento nos problemas da indisciplina, atuar de forma rigorosa, apresentar-se á comunidade escolar como uma autoridade, não só estar preocupada com as estatísticas das participações disciplinares, mas também com a resolução da mesma. Como afirma Rodrigues (2001), “se fomos tartarugas, como podemos formar águias”.

Não há receitas, mas com afetividade, competência, rigor, levar-se-iam os alunos a pensar que estamos com eles e não contra eles. A escola é nossa, e eles são os atores principais, num palco arenoso em constantes mutações, e *sem eles não há emprego! E a escola estava encerrada.*

Por último este tema é como os tentáculos de um polvo, é tão vasto, complexo e polissémico que não pode ser abrangido na totalidade num projeto desta natureza, ou seja, é apenas um contributo.

Bibliografia

Afonso, S. (2006). "A indisciplina e a Escola". Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE PORTUCALENSE. PORTO

Amado, J. (1998). "A Indisciplina e a Formação do Professor Competente". Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa

Amado, J. (1989). A indisciplina numa Escola Secundária. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Lisboa.

Amado, J. (2000). A construção da disciplina na escola. Suportes teórico-práticos. Porto: Edições ASA.

Amado, J. (2001). Interação Pedagógica e Indisciplina na Aula. Lisboa: Edições ASA.

Amado, J. (2005). "Contextos e Formas de Violência nas Escolas" Revista Portuguesa de História. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Coimbra: pp. 299-319.

Amado, J. & Freire, I. (2002). Indisciplina e violência na Escola. Teoria Guias-práticos. Compreender para prevenir. Lisboa: Edições ASA.

Amado, J. & Freire, I. (2009). Indisciplina na escola. Compreender para prevenir. Lisboa: Edições Almedina, SA.

BARDIN, L. (2007). Análise de Conteúdo. Lisboa, Edições 70, Lda.

Barroso, J. (2002). Disciplinas e violências na escola. Em Violência e Indisciplina na Escola: Livro do Colóquio. XI Colóquio AFIRSE. Lisboa: FPCE/UL

Beane, Allan. L. (2006). A Sala de Aula Sem Bullying. Mais de 100 sugestões e estratégias para professores. Porto: Porto Editora

BENAVENTE, A. (1993). Mudar a Escola Mudar as Práticas, um estudo de caso em educação ambiental. Cadernos de Inovação educacional. Lisboa. Escolar Editora

Bell, J., (1997). Como Realizar um Projecto de Investigação: um Guia para a Pesquisa em Ciências Sociais e da Educação. Lisboa: Gradiva.

Bourdieu, P. e Passern, J. -C. A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Lisboa: Editorial Veja.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação. Porto, Porto Editora.

Brito, A. (2002). Os demónios e a educação: Ninguém nasce violento! Em Violência e Indisciplina na Escola: Livro do Colóquio. XI Colóquio AFIRSE. Lisboa: FPCE/UL.

Carita, A. e Fernandes, G. (1997). Indisciplina na sala de aula - como prevenir? Como remediar? Lisboa: Editorial Presença.

Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). Metodologia de Investigação: Guia para autoaprendizagem.

Lisboa: Universidade Aberta.

Curto, Pedro Mota (1998). A Escola e a Indisciplina. Porto: Porto Editora

DEBARBIEUX, Eric (1998). "Le professeur et le sauvageon : Violence à l'école, incivilité et postmodernité". Revue Française de Pédagogie N°123, avr-mai-juin:pp7-17.http://www.inrp.fr/edition-electronique/archives/revue-francaise-depedagogie/web/fascicule.php?num_fas=35

Delamont, S. (1987). Interação na Sala de Aula. (Trad. de Manuel Ruas). Lisboa: Livros Horizonte.

Domingues, I. (1995). Controlo Disciplinar na Escola, Processos e Práticas. Lisboa: Texto Editora.

Estanqueiro, A. (2010) Boas Práticas na Educação, O papel dos Professores, Lisboa, Editorial Presença.

Estrela, M. (1996). "Prevenção da Indisciplina e Formação de Professores" Noesis (Janeiro-Março). Instituto de Inovação Educacional.

Estrela, M. (2002). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora.

Fernandes, J. (2002). *Globalização excludente, indisciplina e violência nas escolas*. In: *Violência e Indisciplina na Escola: Livro do Colóquio*. XI Colóquio AFIRSE. Lisboa: FPCE/UL.

Gil, A. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. S. Paulo: Editora Atlas.

GUERRA, M. (2002). *A escola que aprende*. Porto: ASA Editores.

Jesus, S. (2003). *Influência do professor sobre os alunos*. Porto: ASA Editores.

JOHNSON, S. JOHNSON, C. (1997). *O Professor Um Minuto*. Lisboa: editorial Presença.

LIMA, Licínio C. (1995). *Reformar a administração escolar: a descentralização por controlo remoto e a autonomia como delegação política*. *Revista Portuguesa de Educação*, 8 (1), 57-61.

LIMA, L. C. (1998). *Construindo Modelos de Gestão Escolar: Cadernos de organização e gestão curricular*. Editora-Instituto de Inovação Educacional.

Lopes, C. (2003). *Guia prático para a elaboração das citações & referências bibliográficas de acordo com a normativa APA/2001*. Lisboa: ISPA.

Lopes, J. (2003). *Problemas de Comportamento, Problemas de Aprendizagem e Problemas de “Ensinagem”*. Coimbra: Quarteto Editora.

Lopes, J. & RUTHERFORD, R. (2001). *Problemas de comportamento na sala de aula: identificação, avaliação e modificação*. Porto: Porto Editora.

Martinelli, M. (1999). *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*, São Paulo: Veras.

Martins, M. (2009). *Maus tratos entre adolescentes na escola*. Penafiel: Editorial Novembro.

Melo, L., (1993). "O poder e as estratégias dos alunos: contributo para uma reflexão sobre a organização escola". In Teixeira, M., ed., Poder nas organizações. Porto: ISET, pp. 31-55.

NÓVOA, A. (ed), (1991). Profissão Professor. Porto: Porto Editora.

NÓVOA, A. (coord.) (1992). As Organizações Escolares em Análise. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

PARDAL, L., E CORREIA, E. (1995). Métodos e Técnicas de Investigação Social. Porto: Areal Editores.

Patias, N., Siqueira, A. & Dias, A. (2012). Bater não educa ninguém! Práticas educacionais parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. In: Educação e pesquisa: Revista da Faculdade de Educação. São Paulo: USP. V.38, n. 04, p. 981-996.

PERRENOUD, P. (1995). Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar. Porto: Porto Editora.

POSTIC, M. (1990). A relação pedagógica. Coimbra: Coimbra Editora, Lda.

POSTIC, M., KETELÉ, J. M. de (2000). Observar las Situaciones Educativas. Madrid: Narcea S.A. Ediciones

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1995). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva

RIVIÉRE, A. (1989). "Evaluación", in M.P. ABARCA, La evaluación de programas educativos. Madrid: Escuela Espanhola, pp.25-38.

Renca, A. (2008). A indisciplina na Sala de Aula: Perceções de Alunos e Professores. Tese de Mestrado. Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro.

RUTHERFORD, R. & LOPES, J. (1994). Problemas de Comportamento na sala de aula, Identificação, Avaliação e Modificação. Porto, Porto Editora

Sampaio, Daniel (1996a). Indisciplina no contexto escolar. Noesis, 37, 32-33.

Sampaio, Daniel (1996b). Voltei à Escola. Lisboa: Caminho.

Santos, E. (2011). Empatia e Bullying em alunos do 4º e 6ºano. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e Instituto de Educação. Lisboa.

Schön, A. D. (2000). Educando o Profissional Reflexivo – um novo design para o ensino e a aprendizagem. (Trad. de Roberto Cataldo Costa). Porto Alegre: Artmed Editora.

Sebastião, J. (2009). Violência na escola: uma questão sociológica. Recuperado em 2014, Março 20, de <http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/M4%20-%20Sebastiao.pdf>

Sebastião, J. (2009). Violência na escola: uma questão sociológica. Revista Interações, 13: 35-62. Acedido em 15 de janeiro de 2014, em: <http://hdl.handle.net/10400.15/78>.

Sebastião, J. (Org.) (2010). Violência na escola: Tendências, contextos, olhares. Edições Cosmos.

Serrano, Gloria. (2008). Elaboração de Projetos Sociais: Casos práticos. Porto: Porto Editora

Torres, L. (1997). Cultura organizacional escolar. Representações dos Professores numa escola portuguesa. Oeiras: Celta editora.

Vasconcellos, C. (2000). Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. S. Paulo. Cadernos pedagógicos do Libertad; v. 4.

Vasconcellos, C. (2010). (In) Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. S. Paulo. Cadernos pedagógicos do Libertad.

Veiga, F. (1991). Autoconceito e Disrupção Escolar dos Jovens: Conceptualização, Avaliação e Diferenciação. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

VEIGA, F. (1992). “Disrupção escolar dos jovens em função da idade e do Auto- conceito”. Revista da Educação. vol. II, nº2, Out.1992, pp. 23-33.

Veiga, Feliciano (2007). Indisciplina e Violência na Escola: Práticas Comunicacionais para Professores e Pais. Coimbra: Edições Almedina, SA.

Veiga, F. (2012). Transgressão e autoconceito dos jovens na escola. 3ª Edição, revista e aumentada. Lisboa: Fim de Século.

YIN, R. K-Z (2004). Estudo de Caso: planejamento e métodos. Porto Alegre.

APÊNDICES

Apêndice I

Inquérito por entrevista à Diretora da Escola

Apêndice II

Inquérito por entrevista aos Diretores de turma do 7ºA;8ºA;9ºA;CEF/T3

Apêndice III

Inquérito por entrevista ao coordenador dos assistentes operacionais

Apêndice IV

Inquérito por entrevista ao presidente da associação de pais

Apêndice V

Quadro síntese das entrevistas

Apêndice VI

Inquérito por questionário aos professores que lecionam o 3º Ciclo da escola X
(digital Google docs)

Apêndice VII

Grelhas de categorização


Apêndice VIII

Análise de conteúdo integral

Apêndice IX

Proposta de monitorização do Plano de melhoria – 2015/2016


Apêndice I

 <p>ESSE ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO POLITÉCNICO DO PORTO</p>	ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO – POLITÉCNICO DO PORTO Mestrado em Estudos Profissionais Especializados em Educação - especialização em Administração das Organizações Educativas	Anexo 1
--	--	-------------------------

Guião de entrevista à Diretora da Escola

- 1- Quais os comportamentos de indisciplina que mais ocorrem na escola? E na sala de aula?
- 2- Como classifica esses comportamentos, quanto à sua gravidade?
- 3- No seu entender quais serão os motivos que levam os alunos a ter esses comportamentos?
- 4- Como tem conhecimento dos comportamentos de indisciplina na escola e na sala de aula?
- 5- O que pensa sobre a aplicação de sanções para resolver os problemas de indisciplina?
- 6- Quais as sanções que mais aplica para resolver os problemas de indisciplina na escola?
- 7- As medidas legislativas relativas à indisciplina na escola são suficientes e eficazes?
- 8- Se estivesse ao seu alcance legislar, que medidas tomaria para resolver os problemas da indisciplina na sua escola?
- 9- Qual o caso que mais a marcou?


Apêndice II

	ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO – POLITÉCNICO DO PORTO Mestrado em Estudos Profissionais Especializados em Educação - especialização em Administração das Organizações Educativas	Anexo 2
---	--	--------------------

Guião de entrevista a diretores de turma

1. No início do ano como tratou a questão das regras de comportamento com os seus alunos? Fez com eles algum trabalho específico?
2. Quais as orientações de atuação que o primeiro Conselho de Turma definiu relativamente à sala de aula? Todos os elementos do Conselho de Turma colaboraram?
3. O que pensa do trabalho de equipa para a prevenção dos comportamentos indisciplinados?
4. Como tem conhecimento dos comportamentos indisciplinados ocorridos na sua Direção de Turma?
5. Quais os comportamentos de indisciplina que mais frequentemente ocorreram na sua turma? Como classifica esses comportamentos? Porquê?
6. No seu entender quais serão os motivos que levam os alunos a perturbarem as aulas?
7. Acha que a forma como os professores se relacionam com os alunos na sala de aula tem influência no tipo de comportamento que estes têm? Porquê?
8. Pensa que haverá relação entre a forma como as aulas são seccionadas e os comportamentos indisciplinados? Porquê?
9. Quando recebe participações de mau comportamento na sala de aula que medidas costuma utilizar para tentar resolver os problemas?
10. Acha que a escola tem os meios necessários para resolver os problemas de indisciplina que surgem nas salas de aula? Se não, no seu entender o que seria necessário fazer?
11. Qual o caso que mais a marcou?


Apêndice III

	ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO – POLITÉCNICO DO PORTO Mestrado em Estudos Profissionais Especializados em Educação - especialização em Administração das Organizações Educativas	Anexo 3
---	--	--------------------

Guião de entrevista ao coordenador dos assistentes operacionais

1. Que comportamentos de indisciplina mais frequentemente ocorrem nos recreios e corredores?
2. Desses comportamentos quais os que considera mais grave?
3. No seu entender quais serão os motivos que levam os alunos a serem indisciplinados?
4. Acha que a forma como os professores se relacionam com os alunos na sala de aula tem influência no tipo de comportamento que estes têm? Porquê?
5. Como atua quando um aluno tem comportamentos indisciplinados nos recreios ou corredores?
6. Qual é o seu papel quando um professor o/a chama para retirar um aluno da sala de aula?
7. Qual o caso que mais o/a marcou?
8. A escola tem gabinete do aluno, ou outras unidades disponíveis para acolher estes alunos?
9. A atuação dos órgãos de gestão é suficiente e eficaz?


Apêndice IV

	ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO – POLITÉCNICO DO PORTO Mestrado em Estudos Profissionais Especializados em Educação - especialização em Administração das Organizações Educativas	Anexo 4
---	--	--------------------

Guião de entrevista Associação de Pais

1. No início do ano, os pais têm conhecimento das regras da sala de aula? Através de quem?
2. O que acha da participação dos alunos na definição das regras de comportamento?
3. Quais serão os motivos que levam os alunos a perturbarem as aulas?
4. Acha que a forma como os professores se relacionam com os alunos na sala de aula tem influência no tipo de comportamento que estes têm? Porquê?
5. Pensa que a forma como os professores dão as aulas influenciará o comportamento dos alunos nas mesmas? Porquê?
6. Quando os alunos se portam mal na sala de aula quais as medidas que os professores deveriam tomar?
7. A escola tem gabinete do aluno, ou outras unidades disponíveis para acolher estes alunos?
8. A atuação dos órgãos de gestão é suficiente e eficaz?
9. As aplicações das penas disciplinares são eficazes?
10. Qual o caso que mais o/a marcou?
11. Quais os procedimentos da AP perante os casos de indisciplina que lhe são apresentados?

Apêndice V

QUADRO SÍNTESE DO GUIÃO DA ENTREVISTA SEMI – ESTRUTURADA ANEXO 7				
 <p>ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO – POLITÉCNICO DO PORTO Mestrado em Estudos Profissionais Especializados em Educação - especialização em Administração das Organizações Educativas</p>				
<p>GUIÃO DA ENTREVISTA SEMI - ESTRUTURADA Tipo de entrevista: sem estruturada Tema: A indisciplina na sala de aula e no meio escolar. Objetivo geral: Identificar as causas da indisciplina na sala de aula e conceber um plano de intervenção. Entrevistados: Diretora; Coordenadora dos Diretores de Turma; Presidente da Associação de Pais; Coordenador dos Assistentes Operacionais.</p>				
Perguntas comuns a todos os entrevistados	Diretor da Escola	Diretor/a de Turma	Coordenador/a dos Assistentes Operacionais	Associação de pais
Quais os comportamentos de indisciplina que mais ocorrem na escola? E na sala de aula? Nos recreios e corredores? Ocorrem na turma?	X		X	
Como classifica esses comportamentos, quanto à sua gravidade?	X	x	X	
No seu entender quais serão os motivos que levam os alunos a ter esses comportamentos?	X	X	X	X
Como tem conhecimento dos comportamentos de indisciplina na escola e na sala de aula?	X	X		
O que pensa sobre a aplicação de sanções para resolver os problemas de indisciplina?	X			
Quais as sanções que mais aplica para resolver os problemas de indisciplina na escola?	X			
As medidas legislativas relativas à indisciplina na escola são suficientes e eficazes?	X			
Se estivesse ao seu alcance legislar, que medidas tomariam para resolver os problemas da indisciplina na sua escola?	X			
Qual o caso que mais a marcou?	X	X	X	X
No início do ano como tratou a questão das regras de comportamento com os seus alunos? Fez com eles algum trabalho específico?		X		X

Quais as orientações de atuação que o primeiro Conselho de Turma definiu relativamente à sala de aula? Todos os elementos do Conselho de Turma colaboraram?		X		
O que pensa do trabalho de equipa para a prevenção dos comportamentos indisciplinados?		X		
Acha que a forma como os professores se relacionam com os alunos na sala de aula tem influência no tipo de comportamento que estes têm? Porquê?		X	X	X
Pensa que haverá relação entre a forma como as aulas são lecionadas e os comportamentos indisciplinados? Porquê?		X		
Quando recebe participações de mau comportamento na sala de aula que medidas costumam utilizar para tentar resolver os problemas? Como atua/corredores e recreios? Medidas que os professores deviam tomar?		X	X	X
Acha que a escola tem os meios necessários para resolver os problemas de indisciplina que surgem nas salas de aula? Se não, no seu entender o que seria necessário fazer?		X		
Qual é o seu papel quando um professor o/a chama para retirar um aluno da sala de aula?			X	
A escola tem gabinete do aluno, ou outras unidades disponíveis para acolher estes alunos?			X	X
A atuação dos órgãos de gestão é suficiente e eficaz?			X	X
No início do ano, os pais têm conhecimento das regras da sala de aula? Através de quem?				X
As aplicações das penas disciplinares são eficazes?				X
Quais os procedimentos da AP perante os casos de indisciplina que lhe são apresentados?				X

Apêndice VI – Questionário aos Professores

Questionário aos professores

Leia com atenção as instruções e as perguntas e assinale as respostas que entende serem as mais adequadas.

A confidencialidade das informações facultadas é garantida. Verifique no final, se todas as perguntas foram respondidas.

Obrigada pela sua colaboração. A sua opinião é muito importante para este estudo

***Obrigatório**

Grupo I - Dados Demográficos

Este grupo, é constituído por dois itens. Com o primeiro, pretende-se obter alguns dados pessoais relativos ao inquirido. Com o segundo, deseja-se obter alguns dados relativos à formação académica e profissional do mesmo.

1. Sexo

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
 Masculino

2. Idade

.....

3. Dados académicos e profissionais

Marcar apenas uma oval.

- Bacharelato
 Licenciatura
 Mestrado
 Doutoramento
 Outra:

4. Cargo/Função desempenhada

Marcar apenas uma oval.

- Membro da direção
 Membro do conselho pedagógico
 Diretor de turma
 Coordenador de departamento
 Professor
 Professor do ensino especial
 Professor subcoordenador de disciplina
 Outra:

5. Situação profissional*Marcar apenas uma oval.*

- Contratado
- Quadro de zona pedagógica
- Quadro de escola
- Outra:

6. Tempo de serviço*Marcar apenas uma oval.*

- 1 a 5 anos
- 6 a 10 anos
- 11 a 15 anos
- 16 a 20 anos
- 21 a 25 anos
- 26 a 30 anos
- Mais de 30 anos

Grupo II - Indisciplina e a relação pedagógica na sala de aula

Neste grupo, pretende saber-se como são as ligações interpessoais na sala de aula.

7. Nas perguntas que se seguem, deverá assinalar com um X, o nível que corresponde á sua opinião. **Marcar apenas uma oval por linha.*

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Com que frequencia se depara com casos de indisciplina na sala de aula?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Consegue abstrair-se e exercer a sua atividade perante a indisciplina?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O professor possui autonomia suficiente para atuar em casos de indisciplina?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
No inicio do ano lectivo, estabelece e negocea com os alunos as regras de conduta?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O professor pode ser responsavel pela indisciplina dentro da sala de aula?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. No caso de existir indisciplina na sala de aula, considera que poderão ser causa desse comportamento:

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Escolaridade obrigatória	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Retaguarda familiar precária	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desvalorização do saber escolar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Motivos psicológicos (Ex: perturbações emocionais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Deficiente funcionamento da organização escolar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Clima da escola pouco motivador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Excesso de alunos por turma	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de equipamentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Má relação professor/aluno	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de conhecimentos científicos por parte de quem leciona	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de formação contínua	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estratégias e metodologias de ensino desajustadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de experiência pedagógica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Excesso de poder dos alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Excesso de métodos expositivos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Grupo III - Construção da disciplina

Neste grupo, pretende-se saber que tipo de poder possui o professor e a sua forma de atuação.

9. Que abordagem utiliza na resolução de indisciplina escolar?

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Preventiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Corretiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Punitiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. Como atua perante situações de indisciplina?*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Evoca a necessidade de cumprimento da(s) regra(s) que não está(ão) a ser cumprida(s)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dialoga com o(s) aluno(s) no momento da infração	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ordena a saída da sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Repreende de imediato o(s) aluno(s) em falta	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aguarda o fim da aula e conversa com o(s) aluno(s) sozinho(s)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participa ao Diretor de Turma	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participa ao Encarregado de Educação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estabelece acordos com o(s) aluno(s)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Altera a planificação e/ou as estratégias definidas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utiliza um sistema de créditos e/ou recompensas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ignora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Grupo IV - Formação contínua de professores e a indisciplina

Neste grupo, pretende-se saber de que forma atores educativos gerem a sua carreira profissional.

11. Na pergunta que se segue, deverá assinalar com um X, o nível que corresponde à sua opinião.*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Faz uso recorrente da legislação produzida pelo Ministério da Educação e Ciência relativamente à diminuição da indisciplina?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. A indisciplina dos alunos leva-o:*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Repensar as metodologias e estratégias adotadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Refletir o relacionamento professor/aluno	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ignorar a situação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Investir na sua formação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. **Nas perguntas que se seguem, deverá assinalar com um X, o nível que corresponde à sua opinião.**

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
As medidas tuteladas pelo Ministério da Educação e Ciência têm tido êxito na diminuição da indisciplina?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Considera que os normativos existentes são suficientes para combater a indisciplina?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Frequenta ações de formação sobre a indisciplina?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Consulta com frequência o Estatuto do Aluno?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Analisa o projecto educativo da sua escola?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Informa-se sobre o Regulamento Interno da sua escola?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Considera a legislação existente adequada e em coerência com a organização escolar atual?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Com tecnologia



Apêndice VII – Grelhas de categorização-

Tabela 1 – Presidente da Associação de Pais

Área temática: Indisciplina na Escola

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de contexto
Noção de comportamentos indisciplinares		Desrespeito para com qualquer elemento da comunidade escolar; linguagem desapropriada; perturbação da aula	“Faltas de respeito, quer seja com o professor, com o pessoal não docente e até entre alunos, comportamentos (linguagem) menos apropriados e perturbação constante e recorrente na sala de aula”.
	A família	Carência de orientação e acompanhamento paternal	“(…) em algumas situações falta de orientação e falta de acompanhamento dos pais”.
Causas de comportamentos indisciplinares	O aluno	Desinteresse/desmotivação	“Falta de interesse, falta de motivação”.
	Comportamentos indisciplinares mais frequentes	Perturbação/mau comportamento	“Perturbação/mau comportamento”.
	Comportamentos indisciplinares mais graves	Desrespeito	“Os mais graves são a falta de respeito”.
Classificação de comportamentos indisciplinares			

	Comportamentos indisciplinados mais marcantes	Nenhum caso marcante	“Nestes 2 anos ainda não tive nenhum caso que me marcasse”.
--	---	----------------------	---

Matrizes conceituais de análise de conteúdo

Tabela 2 – Presidente da Associação de Pais

Área temática: Medidas de Prevenção, Intervenção e Punição face à Indisciplina

Categoria	Subcategoria	Sub Subcategoria	Indicadores	Unidades de contexto
Prevenção	Existência de regras de conduta na sala de aula		Importância das regras de conduta em sala de aula; transmissão de valores aos alunos	“As regras de comportamento na sala de aula são muito importantes, pois para além de serem influentes dentro de uma sala de aula, são valores que também os vão ajudar no futuro como seres humanos”.
	Conhecimento dos pais acerca das regras na escola		Conhecimento das regras da escola através da Diretora de Turma	“Sim. Através da Diretora de Turma”.
	Participação dos alunos na definição das regras		Concordância em relação à participação dos alunos na definição das regras	“Acho muito bem”.
	Adoção de boas práticas pedagógicas		Relação empática professor/aluno; Práticas pedagógicas adequadas	“Sim, porque a empatia professor/aluno é muito importante”. “Sim, pois se forem aulas (dinâmicas) que cativem os alunos é natural que os mesmos estejam mais interessados”. “(…) tudo depende da empatia professor/aluno, da forma em que é dada a aula e a matéria”.
Intervenção	Medidas da AP		Sem exemplos práticos que exemplifiquem a atuação da AP; assunção como elo de ligação entre todos os elementos da comunidade escolar; influência relativa da AP junto	“Até ao momento (visto que só temos 2 anos no ativo) não temos nenhuma situação para podermos exemplificar a nossa atuação, mas de futuro se algo acontecer, vamos ouvir todas as partes envolvidas e tentar resolver a situação de uma forma correta e assertiva”.

			dos pais dos alunos	<p>“Tentamos ser o elo de ligação entre os mesmos e ajudar no que estiver ao alcance e competência da Associação de Pais”.</p> <p>“Nos dois anos que temos de existência, penso que temos alguma influência sobre os pais, mas de futuro gostaríamos de ter muito mais, sendo que não é por falta de empenho da Associação”.</p> <p>“Os alunos são chamados à atenção e se continuarem são levados à Direção da Escola”.</p> <p>“Sim”.</p> <p>“Sim”.</p>
Medidas dos funcionários	Intervenção direta ao aluno	Chamada de atenção por parte dos funcionários; encaminhamento dos alunos para a Direção em caso de persistência	<p>Medidas punitivas aplicadas pela escola consideradas eficazes e suficientes</p> <p>Escola dispõe de gabinetes do aluno</p>	
Medidas dos órgãos de gestão da escola	Eficácia e suficiência	Professores devem primeiramente alertar o aluno pela indisciplina e informar o encarregado de educação; em caso de persistência, aplicar uma sanção ao aluno indisciplinado		
Medidas dos professores	Existência de meios necessários para intervenção	Aplicação de sanções quando essenciais		
Punição	Aplicação de sanções	Eficácia/Ineficácia	São eficazes quando aplicadas corretamente; forma do aluno reconsiderar o seu comportamento quando punido; ineficazes quando o aluno não reflete sobre o seu comportamento indisciplinado	<p>“Penso que devem ser postos em prática quando necessários”.</p> <p>“Penso que sim, quando bem aplicada e ajustada. Pois é uma forma do aluno repensar as suas atitudes menos corretas”.</p> <p>“Se for um aluno consciente vai refletir sobre o erro e vai tentar que não aconteça mais, se for um aluno menos consciente vai-lhe passar ao lado e vai voltar a repetir”.</p> <p>“Sim (são eficazes)”.</p> <p>“Não, porque geralmente quando acontece este comportamento incorreto, a</p>
		Impacto negativo na	Relação professor-aluno não é	

	relação professor – aluno	prejudicada com a aplicação da sanção porque <i>a priori</i> já não era positiva	relação aluno/professor já não é a ideal”.
	Sanções mais aplicadas	Suspensão decorrente de faltas disciplinares	“Falta disciplinar e suspensão”.

Matrizes conceptuais de análise de conteúdo
Tabela 3 – Coordenador dos funcionários de Ação Educativa
Área temática: Indisciplina na Escola

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de contexto
Causas de comportamentos indisciplinares	A família	Indisciplina derivada de ambiente familiar desajustado e parco em valores e regras de conduta	“São mal-educados, vem tudo de casa, pensam que estão a falar com os pais deles, não tem remédio”.
	O professor	Incompatibilidade do aluno com os métodos de ensino ou estratégias de relação do professor em aula; Permissividade e passividade do professor face a comportamento indisciplinado, que conduz a reincidência por parte do aluno; Personalidade complacente do professor como causa crucial da indisciplina	“(…) é só com alguns professores, mas são sempre os mesmos”. “Não gostam da forma como os professores falam com eles”. “Algumas vezes tem, eles apanham-lhe o jeito, os professores que são mais moles, eles abusam, por isso são sempre os mesmos”. “São sempre os mesmos alunos nos mesmos professores, muito barulho, mas não é nada de grave. Depende da personalidade do professor”.
Classificação dos comportamentos indisciplinares	Comportamentos indisciplinados mais frequentes	Linguagem e discurso inadequados; Perturbação da aula com ruído desnecessário; Contacto físico violento entre alunos; Comportamentos considerados como habituais nos alunos	“(…) nada de importante, é só brincadeira, uns palavrões e uns empurrões mas é tudo na brincadeira. São palavrões, mas neles e nelas é normal. (...) não é nada sério, é deles, é normal”. “Nas turmas do básico e dos profissionais, sim”.

				“Barulhentos são todos, mal-educados são uns 5 ou 6 alunos”.
	Comportamentos indisciplinados mais graves	Desconsideração para com o professor; Linguagem e discurso impróprios		“É o de bater com a porta ao professor, e aí quando dizem palavrões é má educação”.
	Comportamentos indisciplinados mais marcantes	Citação de caso de aluna com comportamento indisciplinado muito grave e que foi salientado pelo entrevistado		“Sim, sim, o ano passado a X, ainda chateia, já não está cá (risos), era grave, era muito irreverente, porque não obedecia aos professores nem aos funcionários”.

Matrizes conceituais de análise de conteúdo

Tabela 4 – Coordenador dos funcionários de Ação Educativa

Área temática: Medidas de Prevenção, Intervenção e Punição face à Indisciplina

Categoria	Subcategoria	Sub Subcategoria	Indicadores	Unidades de contexto
Intervenção	Medidas dos órgãos de gestão da escola		Medidas de intervenção face à indisciplina dos órgãos de gestão escolares deveriam ser mais rígidas	“Deviam ser mais fortes, mais pesadas”.
		Intervenção através do professor	Quando um docente pune o aluno com a saída da sala de aula, conduzir o aluno ao gabinete do aluno ou à Direção, consoante o caso, é dever do funcionário, mas essa tarefa não é solicitada por todos os professores.	“Há alguns. Outros nem nos chamam”.
	Medidas dos funcionários	Intervenção direta ao aluno	O funcionário intervém diretamente com o aluno em caso de agressão física a outrem; em caso de expressão de linguagem inadequada (vulgo palavrões),	“(…) o papel do funcionário é levar o aluno ao gabinete do aluno, ou à Direção, depende da asneira que tenha feito”.
				“Ora, ora... não fazia outra coisa (chamar alunos à atenção quando se exprimem em linguagem imprópria)”. “Se se batem vou lá separar, mas são crianças, mas é raro”.

				já não intervêm com tanta frequência, porque considera que isso acontece muitas vezes	
Punição	Aplicação de sanções	Eficácia/Ineficácia	Apesar do gabinete do aluno funcionar diariamente, nem sempre os alunos cumprem a sanção que lhes foi aplicada, chegando a sair do mesmo sem autorização	“Sim, sim, (o gabinete do aluno funciona o dia todo), mas às vezes fogem (os alunos sancionados)”.	

Matrizes conceituais de análise de conteúdo

Tabela 5 – Diretora da Escola

Área temática: Indisciplina na Escola

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de contexto
Causas de comportamentos indisciplinares	A família	Ausência de poder parental como causa de indisciplina	“(…) há determinados casos que não é pelos pais não serem atentos (...) porque muitos, os pais estão atentos, mas não conseguem fazer nada (...)”.
	O aluno	Personalidade do aluno como causa de comportamento desviante; Indisciplina resultante de uma personalidade incumpridora de regras de conduta	“(…) há alunos que realmente têm também uma personalidade que os leva ao desvio e que quer que seja... não importa a personalidade do professor, leva-os sempre a isso”. “(…) mau comportamento não tem só a ver com o facto de provocar comportamentos disruptivos (...), mas também tem a ver com falta de assiduidade, pontualidade, portanto, geralmente está ligado a um aluno que não cumpre as regras”.
	O professor	Personalidade do professor como causa de indisciplina; Fraca autoridade do professor em sala de aula ou transigência mediante determinados comportamentos origina indisciplina	“(…) tem a ver com a personalidade dos professores” . “(…) há professores que conseguem se impor (...), demonstrar no seu comportamento uma determinada autoridade que penso que, numa grande parte dos alunos, implica que eles realmente nunca fujam da regra, não é, há outros, ou porque são mais benevolentes, ou... às vezes também tem a ver com o tom de voz, não é, com que se dá a ordem (...)”.

Classificação de comportamentos indisciplinados	Comportamentos indisciplinados mais frequentes	Contestação da autoridade do professor; incumprimento das ordens do professor	“(…) é questionar a liderança do professor, essencialmente essa será, posso dizer 80%, porque tem a ver com o facto de não reconhecer, no momento, a autoridade do professor, não cumprirem a ordem, pronto”.
	Comportamentos indisciplinados mais graves	Desconsideração pela autoridade do professor; Desrespeito para com docentes e colegas	“(…) subestimar a autoridade do professor, por mim, acho grave, uma gravidade que podemos dizer, que muitas das vezes o professor resolve só com a ordem de saída da sala de aula (…) os que envolvem falta de respeito, pelo professor e para os colegas”.
	Comportamentos indisciplinados mais marcantes	Citação de caso de aluna com comportamento indisciplinado muito grave e que foi salientado pelo entrevistado	“X”.

Matrizes conceptuais de análise de conteúdo

Tabela 6 – Diretora da Escola

Área temática: Medidas de Prevenção, Intervenção e Punição face à Indisciplina

Categoria	Subcategoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de contexto
Intervenção	Canais de Obtenção de informação	Participação Oral	Comportamentos indisciplinados quando muito graves são comunicados à Direção oralmente	“(…) se são de uma gravidade extrema (comportamentos indisciplinados), logo de momento comunicam-me via telefone, à Direção”.
		Participação Escrita	Comportamentos indisciplinados considerados pouco graves são comunicados à Direção via participação escrita	“(…) se não são muito graves (comportamentos indisciplinados), chegamos através da participação do professor”.
Punição	Aplicação de sanções	Sanções Alternativas	Responsabilização da família pela indisciplina dos filhos através de aplicação de coima, medida punitiva já prevista na lei mas sem aplicação efetiva	“(…) responsabilizar os pais pelo comportamento deles, através de pagamento de uma coima, que isso está na lei, mas não se faz, não é”.

			<p>Medidas punitivas aplicadas eficazes em determinados casos e com efeito preventivo, e ineficazes nos casos de alunos reincidentes; Ineficazes porque não contribuem para alterar comportamentos indisciplinados; Inexistência de atividades que contribuam de forma efetiva para alterar esses comportamentos; Diversas entidades mobilizadas nos casos mais extremos não é garantia de sucesso; Ineficácia da aplicação da sanção com coima devido à morosidade do processo burocrático envolvente</p>	<p>“(...) para uns, poderá ser uma punição e ter um efeito preventivo, para outros não, porque se um aluno já tem falta de assiduidade, não é a sanção, que é a pena disciplinar com suspensão que lhes vai alterar ou modificar o seu comportamento (...), no caso de falta de respeito pelo professor, não é pô-lo a limpar uma sala de aula, que lhe vai alterar esse comportamento de desrespeito, portanto, temos grande dificuldade na escola de termos um conjunto de atividades integradoras, podemos dizer modelo, para cada tipo de comportamento disruptivo (...), não é só a psicóloga que atua, também temos a Comissão de Proteção de Menores e a Escola Segura, e mesmo assim às vezes, com estes meios todos é difícil. A Administração Central é que vai instituir a coima, ou seja, a escola não tem poderes para isso, a escola vai ter é uma data de trabalho, a expor a situação, e depois, quando vai realmente a decisão, já não tem efeito, não é, porque estas coisas têm que ser rápidas”.</p>
--	--	--	--	--

Matrizes conceptuais de análise de conteúdo

Tabela 7 – Diretor de turma 8º A

Área temática: Indisciplina na Escola

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de contexto
Causas de comportamentos indisciplinados	A família	Desvalorização da educação escolar por parte da família	“(…) a família não dá ênfase à importância da escola, passa um bocado por aí”.
	O aluno	Falta de material como causa de indisciplina; Desinteresse	“(…) porque eles (alunos), sem o material dentro da sala de aula... a

Classificação de comportamentos indisciplinados		pela escola porque não se identificam com o meio escolar	<p>tendência para a indisciplina é maior, portanto, vem um bocadinho também da falta de material que a indisciplina acontece”.</p> <p>“(…) há ali alguns alunos que estão desinteressados, que a escola não lhes diz nada”.</p> <p>“(…) vai um bocadinho do pulso que cada professor tem na turma”.</p> <p>“Os alunos precisam de sentir que nós estamos interessados em que eles aprendam, que nós queremos que eles aprendam, eles não podem sentir que nós somos um poder contra, mas que somos um poder a favor, que nós estamos no mesmo barco, digamos assim, que eles (...), eles têm que sentir que do nosso lado à vontade em que eles andem para a frente, e não sentirem que do nosso lado há uma imposição, um travão, nós não podemos estar em sentidos opostos, nós temos que estar do mesmo lado que os alunos, se bem que com todo o peso e medida no que respeita à autoridade e ao saber diferenciar a posição do aluno e do professor, mas eles têm que perceber que nós estamos do mesmo lado que eles, nós estamos para ajudar, não estamos num contra poder, digamos assim”.</p> <p>“Não há computadores e retroprojetores em todas as salas, temos que sair da sala e isso é um entrave, porque, sendo a minha turma com trinta alunos, sempre que os temos que movimentar de sala, é um problema, porque eles primeiro que se sentem e acalmem” ...</p> <p>“(…) havia muitas faltas também de assiduidade”.</p> <p>“(…) não respeitar, por exemplo, o facto de terem que passar as aulas para o caderno diário, não acatar uma ordem do professor, falarem uns com os outros, não tirar o boné, arrastar cadeiras, risos e piadas, por aí”.</p> <p>“Às vezes são graves porque por vezes os alunos não querem fazer nada durante a aula, não querem passar porque não trouxeram o material”.</p>
O professor	<p>Exercício da autoridade pelo professor em sala de aula como fator determinante da indisciplina; Necessidade de criar uma relação empática e equilibrada com os alunos, mas com a dose certa de autoridade; Convencer os alunos de que o objetivo do docente é auxiliá-los e não o contrário, de que o sucesso do aluno também é o objetivo do docente</p>		
A escola	<p>Material didático insuficiente é fator de indisciplina porque obriga a turma a movimentar-se de uma sala para outra e gera sempre confusão, principalmente em turmas numerosas</p>		
Comportamentos indisciplinados mais frequentes	<p>Falta de assiduidade</p>		
Comportamentos indisciplinados mais graves	<p>Não transcrição da matéria por parte do aluno; Desrespeito pela autoridade do professor; Conversas paralelas com os colegas de turma, que origina ruído desnecessário; Manter o boné na cabeça dentro da sala; Desinteresse total pela realização de tarefas em sala de aula, que se agudiza em caso de falta de material</p>		

	Comportamentos indisciplinados mais marcantes	Citação de caso de aluno que marcou o entrevistado; Aluno repetente há vários anos e reincidente em situações de indisciplina; Fraco poder paternal sobre este aluno; Desmotivação do aluno pela escola; Escolaridade obrigatória até aos 18 anos não é fator de sucesso neste caso	“Tenho um aluno que tem algumas participações disciplinares, enfim, não é que me marque muito, já tive casos piores, mas o miúdo tem muita indisciplina, passa um bocadinho também pela situação familiar, os pais não exercem muita influência sobre ele e ele está completamente desmotivado e já ter 17 anos e ainda andar no 8.º ano, portanto, a escolaridade obrigatória até aos 18 não vem ajudar muito”.
--	---	---	--

Matrizes conceptuais de análise de conteúdo

Tabela 8 – Diretor de turma 8º A

Área temática: Medidas de Prevenção, Intervenção e Punição face à Indisciplina

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de contexto
Prevenção	Esclarecimento de regras de conduta com os alunos no início do ano letivo	Elucidação das regras de conduta na escola efetuada aos alunos no início do ano letivo e das sanções punitivas resultantes do desrespeito pelas mesmas; Regras expostas por escrito em quadro de cortiça na sala de aula	“(…) dediquei-me muito tempo a falar sobre as regras que estão previstas no regulamento da escola, de dentro e de fora da sala de aula, como tratar professores, colegas e funcionários, dei ênfase a essas regras aos miúdos, fiz-lhes saber quais eram as regras impostas pela escola”.
	Definição de medidas preventivas pelo Conselho de Turma	Elaboração, em Conselho de Turma, de conjunto de regras de conduta para os alunos; Destaque para a aplicação das regras uniformemente, sem exceção ou permissividade; Uniformização de critérios de atuação; Realização de planta de sala de aula; Sensibilização, dos encarregados de	“Não foram dadas em papel específico, mostrei-lhes que essas regras estavam no painel de cortiça na sala de aula, foram lidas (...), a chamar-lhes a atenção do que é que, efetivamente cada uma delas falava, do que é que se tratava e quais as sanções que dali saíam. “(…) eu fiz questão no primeiro Conselho de Turma, que foi a Reunião Intercalar, de passar muito do tempo daquela reunião a falar sobre as regras que todos tínhamos que impor, porque as regras tinham que ser iguais para todos, em todas as salas, em todas as aulas, que era para os alunos não acharem que com um professor podiam isto, com outro professor podiam aquilo, não, as regras foram muito bem definidas (...), que todos tínhamos que ter as mesmas regras e que não podíamos ser permissivos para umas coisas e para outras, foi entretanto, dado casos concretos, nomeadamente na mudança de aulas dos 45 minutos, não deixar os alunos ir às casas de banho,

			<p>educação para a necessidade de fiscalização constante das cadernetas escolares dos educandos</p>	<p>situações que na altura estavam a acontecer e eu tratei de as relatar e de uniformizar critérios de atuação”.</p> <p>“(…) foi feita uma planta de sala de aula na reunião, para evitar aquelas mudanças dentro da mesma sala, todos estiveram de acordo, e eu entretanto disse aos colegas que havia aquela planta de sala de aula, mas que cada um era livre depois de fazer mudanças que entendesse que fossem necessárias, mas a planta iria estar na cortiça e continua a estar (...) e os critérios, aparentemente, parece que estão a ser cumpridos”.</p> <p>“(…) foi uma coisa que insisti muito na reunião com os encarregados de educação, tinham que ser atentos, fiscalizar a caderneta diversas vezes, porque muita da informação que vai casa-escola, escola-casa vai pela caderneta, e os pais têm que fiscalizar as cadernetas para ver se não há nada em falta, nomeadamente por causa do material”.</p>
<p>Adoção de boas práticas pedagógicas</p>		<p>Utilização de métodos e técnicas diferenciadas de lecionar como fator determinante para cativar e interessar os alunos pela matéria; Estimular o aluno para o gosto pela aprendizagem e fazê-lo perceber a sua utilidade futura</p>	<p>“(…) por parte do professor, tem que haver um esforço para tentar cativar os alunos, por exemplo, eu sou professor de Matemática, e no que toca à Geometria, sei que é muito mais apelativo apresentar um <i>power point</i> ou um sistema informático que tenha movimento, que os faça perceber melhor a Geometria, se houver movimento, se houver (...) figuras mais coloridas, o desenho ser mais perfeito, eles vão perceber melhor. Também ajuda muito o facto de haver um apelo à aprendizagem, portanto, a aula não pode ser só o quadro e o giz, muitas das vezes nós temos que fazer com que os alunos tenham algum gosto por aprender aquilo e perceberem a utilidade daquilo e o porquê de estarem a aprender”.</p>	
<p>Intervenção</p>	<p>Canais de obtenção de informação</p>	<p>Participação Escrita</p> <p>Participação Oral</p>	<p>Comportamentos indisciplinados comunicados pouco frequentemente através de participação escrita</p> <p>Comportamentos indisciplinados são comunicados normalmente por via oral; intervenção do diretor de turma só efetuada mediante participação</p>	<p>“(…) pontualmente, vou sabendo por escrito quando há situações de incumprimento, mas é muito pontualmente, tenho muito poucas participações disciplinares por escrito”.</p> <p>“(…) vou sabendo aqui e acolá que há alguns incumprimentos por parte dos alunos, mas eu não tenho esse <i>feedback</i> por escrito dos colegas (...), chamei a atenção a todos os colegas que eu não podia ser surpreendida com os alunos a dizer que tinham sido colocados fora da sala de aula sem eu o saber”.</p>

			escrita, conforme regulamento interno.	<p>“Regra geral, vou sabendo pelos professores, oralmente, na sala dos professores, no intervalo de almoço, nos intervalos das aulas, regra geral, sei por aí”.</p> <p>“A informação que eu tenho da Direção da Escola, é que, se eu tenho uma falta num livro de ponto de um aluno que esteve na aula e não tenho participação disciplinar, eu não tenho em conta essa falta”.</p> <p>“Quando recebo o documento falo com o aluno, pergunto o que é que se passou, não leio o documento, mas falo com o aluno, pergunto o que é que se passou, confronto o aluno com aquilo que eu tenho escrito e depois aviso o encarregado de educação por telefone, é esta a medida que eu costumo tomar”.</p>
Medidas de intervenção utilizadas			Confrontação do aluno com a participação escrita e comunicação do ocorrido aos encarregados de educação	<p>“(…) acho que o Gabinete de Apoio ao Aluno, que nem sempre tem professor, falha aí um bocadinho, mas sinto por exemplo... essa falha é muito colmatada também com o trabalho com a psicóloga, a psicóloga aqui tem um peso muito grande na escola para tentar resolver problemas de indisciplina”.</p> <p>“(…) o 3.º Ciclo aqui na escola é um bocado o parente pobre, como são só três turmas, é difícil captar recursos só para três turmas, mas como eu digo, a psicóloga faz um trabalho... faz um grande esforço para tentar colmatar todas as falhas que existem nesse sentido, do trabalho da indisciplina”.</p>
Meios necessários para a intervenção	Suficiência/Insuficiência		Insuficiência de meios físicos e humanos para a intervenção na indisciplina	

Matrizes conceituais de análise de conteúdo

Tabela 9 – Diretor de turma CEF T3

Área temática: Indisciplina na Escola

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de contexto
Causas de comportamentos indisciplinados	A família	<p>Desadequada educação familiar que leva o aluno a comunicar-se de forma imprópria com o docente; Interesse da família pelo percurso escolar do seu educando mas com um poder paternal escasso; Ausência de autoridade paternal potencia indisciplina e dificulta processo de intervenção da escola nos comportamentos indisciplinados</p>	<p>“(…) eu acho que é algo que vem de trás, nomeadamente que vem de casa, eles falam exatamente com o professor, como se calhar estão a falar com o pai, “você o que é que quer?”, por exemplo, esta é uma expressão muito utilizada, e nós, nomeadamente, “não é você, é professor”.</p> <p>“Outros casos que também tive (...), em que os pais fazem um esforço imenso para... eu digo-lhes, ligo-lhes, “agora”, passado meia hora estão cá, e quer dizer, não conseguem, entre comas, domar o seu educando”.</p> <p>“(…) acho que essa é a principal dificuldade que a escola tem, é pouca autoridade de casa perante os alunos (...), quando eles atuam de imediato, é fácil depois a atuação seguinte aqui na escola, quer de professores, quer do Diretor de Turma, quer da Direção, quer de funcionários, porque, eu não sei se é pelo medo, se é pelo respeito que têm ainda pelos pais ou pelos encarregados de educação, que basta dizer assim: “olha, vai uma comunicação para levares para casa para o teu pai, eu vou telefonar-lhe, para o teu pai ou para a tua mãe”, e pelo menos naquele momento, há um tocar de campainha assim alto: “agá mal, tenho que pensar”.</p>
	O aluno	<p>Desinteresse e desapego pela escola; Obrigatoriedade de frequentar estabelecimento de ensino gera indisciplina quando não é essa a vontade do aluno; Indisciplina gera indisciplina, exemplo de alunos faltosos que incentivavam outros a faltarem também.</p>	<p>“(…) eu acho que muitos deles, só estão aqui porque têm que estar, só estão aqui porque os pais dizem: “meu menino, tens que ir... a escola é às 8:30, eu vou buscar-te às 6:30”.</p> <p>“(…) casos específicos em que (...), vinham à escola uma hora por dia ou quê, depois faltavam, isto desde o início, há alunos que desde Novembro que não vêm à escola... Acho que não vinham fazer nada. Vinham era se calhar entusiasmar outros a fazerem exatamente o mesmo que eles estão a fazer. (...) o eles deixarem de vir definitivamente, foi bom para três ou quatro amigos dele, contribuiu para alguma estabilidade, não total, que (...) não era por si só essa situação que fazia com que eles não tivessem atitudes como as dele, nomeadamente de falta de assiduidade, mas é menos um estímulo”.</p>

	O professor	<p>Falta de consistência na aplicação de regras e permissividade do professor causa indisciplina, pois o aluno age mediante a atitude demonstrada pelo professor; Falta de formação ou experiência do professor em lidar com diferentes tipos de alunos</p>	<p>“(…) têm atitudes diferentes em função do <i>feedback</i> que vem do professor para com eles, imediatamente a seguir (...). há quem seja mais rigoroso no cumprimento de determinadas regras, há quem não seja tão rigoroso (...), eles sabem-se moldar (...), com quem eles vão encarar naquele momento, se é com o professor A, ora bem, a gente pode fazer isto, com o professor B, a gente pode fazer aquilo, (...) eu tenho a certeza que os alunos têm essa percepção e atuam em função, em conformidade com (...) o professor”.</p> <p>“(…) tem tudo a ver com a forma como lhes são impostas (...), aquelas regras, aquele limite de tolerância e o tipo de intervenção que cada professor tem, eles apercebem-se perfeitamente”.</p> <p>“(…) neste curso, neste Curso de Educação e Formação, desta turma de CEF/T3, eu penso que, na grande maioria, são professores que já trabalharam, que estão habituados a lidar com este tipo de alunos, com este tipo de curso, que estão perfeitamente identificados, haverá um ou outro que terá um pouquinho mais de dificuldade, é a primeira vez que lidam com este tipo de turmas, com este tipo de ensino, e notou-se um bocadinho mais no início”.</p>
Classificação de comportamentos indisciplinados	Comportamentos indisciplinados mais frequentes	<p>Desrespeito pela autoridade do professor; Atitude errônea na comunicação com o docente; Atitudes descorteses; Falta de assiduidade</p>	<p>“(…) a postura, a forma como comunicam, erradamente, com os professores, não respeitando, muitas das vezes a autoridade do professor. (...) a indelicadeza (...), uma elevada falta de assiduidade (...)”.</p>
	Comportamentos indisciplinados mais marcantes	<p>Citação de casos marcante para o entrevistado; Caso de aluna que tinha falta de assiduidade e pontualidade por influência familiar desadequada e com incapacidade de assumir compromissos; Caso de aluno com elevada falta de assiduidade; Intervenção que se revelou infrutífera</p>	<p>“(…) há casos, por exemplo, em que (...) diziam-nos, que era a aluna que não se levantava, e afinal a aluna é que acorda toda a gente (...), ela não vem à escola, ou ela chega tarde à escola (...), quase sempre de tarde aos primeiros tempos, porque é ela que faz o despoletar, que faz a alvorada em casa e depois, nós temos reunião com os pais e os pais “tu vai-nos jurar aqui que tu vais deixar de faltar”, quer dizer (...), quando eles são se calhar a responsabilidade principal da falta de assiduidade dela, é dos próprios pais, que quando estão perante as técnicas da Comissão, quando estão perante o SPO da psicóloga ou comigo, com o Diretor de Turma, ou com a Direção, vão fazer isto e aquilo e depois quer dizer, fazem no dia seguinte, ou não fazem no dia seguinte imediatamente logo aquilo a que se comprometeram”.</p> <p>“(…) eu tentei, tentei... por tudo, com pai, com mãe, com avó, com o encarregado de educação, com CPCJ, que o aluno em causa, viesse para a escola e que fosse um aluno perfeitamente normal e integrado, mas ao fim de dois meses, quase, de uma batalha infrutífera... não desisti! Comecei a agir única e exclusivamente da forma da lei, comunicar, atingir o limite de faltas, vai ser sujeito a medidas</p>

			de remediação, de recuperação, e ele não aparece, como é óbvio, pronto. E comunica-se tudo isto à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens”.
--	--	--	---

Matrizes conceituais de análise de conteúdo

Tabela 10 – Diretor de turma CEF T3

Área temática: Medidas de Prevenção, Intervenção e Punição face à Indisciplina

Categoria	Subcategoria	Sub Subcategoria	Indicadores	Unidades de contexto
Prevenção	Esclarecimento de regras de conduta com os alunos no início do ano letivo		Elucidação das regras de conduta na escola efetuada aos alunos no início do ano letivo e das sanções punitivas resultantes do desrespeito pelas mesmas	“(…) são estabelecidas regras, são indicadas regras, que se pretende que sejam cumpridas. (...) nas minhas funções, quer como professor na disciplina, quer como Diretor de Turma, tento estipular exatamente estas regras e penso que todos os outros colegas o fazem”.
	Definição de medidas preventivas pelo Conselho de Turma		Definição de estratégias preventivas e interventivas na indisciplina; Delimitação de casos de indisciplina e uniformização de critérios de atuação	“(…) no início do ano, foi dado uma listagem de comportamentos, atitudes, de regras, a funcionarem na escola (...) e foi baseado nisso que foi depois debatido, nas horas de atendimento com eles”.
	Adoção de boas práticas pedagógicas		Enfatizar o papel fulcral da escola para a obtenção dos objetivos que cada aluno define para o seu percurso escolar; Incrementar nos alunos um sentimento de orgulho e de valorização do ensino;	“Houve, no que consta no Plano de Trabalho de Turma, estratégias para tentar debelar ao máximo situações de maus comportamentos, ou comportamentos disruptivos”.
				“(…) foram balizadas algumas situações, nomeadamente, de pontualidade, de posturas na sala de aula, do tão prolapado uso do telemóvel indevidamente, o uso, por exemplo, do boné dentro da sala de aula, (...) e foi estipulado que isso fosse cumprido integralmente”.
				“(…) tentamos sempre indicar-lhes aquilo que eles poderão obter no final deste ano (...) nomeadamente no currículo, entre comas, alternativo, que eles têm, digamos, um curso (...), bastante diferente daquele que é o ano do Ensino Básico, e eu acho que tem sido uma boa arma de arremesso, alertá-los para essa situação, ou seja, “vocês têm um trajeto escolar com algumas

			<p>Ressalvar a importância da aprendizagem como investimento futuro; Minimizar ou colmatar casos de indisciplina no sentido de evitar o surgimento de novos casos.</p>	<p>pedritas na engrenagem, e estamos a dar possibilidade de que esta vossa dificuldade seja ultrapassada”, e seja alcançada a meta que, em parte, eles pretendem. Há quem queira fazer o 9.º ano e terminar, há quem tenha capacidades para continuar, agora, realmente há quem tenha dificuldades de aprendizagem e que eu acho que é um bom método”.</p> <p>“(…) os alunos deviam sentir-se felizes, deviam gostar, deviam querer estar na escola. E deveria ser algo pelo qual eles se deviam vangloriar, de “eu estou a fazer o meu investimento, para amanhã ir buscar a compensação, os juros, com tudo o mais”.</p> <p>“(…) numa cesta de batatas, se há alguma podre, contamina pelo menos aqueles que estão ali ao redor (…), e aqui, nós tentamos e eu em especial, como Diretor de Turma, tento que a batata podre fique saudável, ou então, quando não consigo, tento retirá-la de junto das outras, se quer apodrecer, tentar que apodreça sozinha”.</p>
	<p>Eficácia/Ineficácia das Medidas Preventivas</p>		<p>Medidas preventivas eficazes em determinadas turmas e com um impacto menor noutras; Eficácia das medidas no caso concreto do CEF/T3; Implementação e cumprimento das regras na generalidade das turmas desta escola</p>	<p>“(…) para umas turmas, funcionam, para outras turmas, se calhar, não funcionarão tão bem, nesta turma específica, apesar de ser uma turma ligeiramente diferente, daquelas que constituem o Ensino Básico, há alunos que, de uma forma imediata acatam essas regras, há outros que demoram um pouquinho mais a entender, mas esta turma mesmo este ano, neste ano letivo, penso que é melhor, não é tão complicada a nível comportamental como outras do mesmo género de anos anteriores. E eu, como Diretor de Turma e como professor consigo perfeitamente controlá-los, e eles cumprem integralmente as regras que eu lhes imponho. (….) tem alturas em que sinto um certo orgulho e com mais contentamento porque estou a conseguir levar a água ao meu moinho para a turma na generalidade”.</p> <p>“(…) foi falado na Reunião Final do Período (….) que, de uma forma geral, essas regras foram implementadas e estavam a ser cumpridas, (….) concretizadas”.</p> <p>“Temos conseguido alguma coisa, sim. Agora, só no final do ano mesmo (….) é que se vai chegar a alguma conclusão, agora, que eu tenho a noção que</p>

					vai haver mais que uma batata podre, vai”.
			Participação Escrita	Comportamentos indisciplinados comunicados através de participação escrita	“(…) comunicações através dos meios normais de participação do professor das disciplinas, fazendo o seu relato, entregue à Direção, e também me vem encaminhado a mim, como Diretor de Turma”.
			Participação Oral	Comportamentos indisciplinados são comunicados normalmente por via oral antes da participação escrita	“(…) mas antes desse processo burocrático, normalmente os professores chamam-me ou facilmente a gente contacta via e-mail e logo me dizem, “olhe, passou-se isto, assim, assim, assim, com o aluno”.
				Participação do ocorrido aos encarregados de educação; Intervenção de acordo com os procedimentos estabelecidos pela escola e pela lei; Sinalização às entidades competentes quando necessário e em conformidade com a lei, caso da CPCJ	“Atuo, tento pôr imediatamente os pais ao corrente da situação, os encarregados de educação, e tento, eu próprio intervir de uma forma pronta e que tento que seja eficaz, nem sempre é”.
		Medidas de intervenção utilizadas			“(…) quase sempre o primeiro passo é ligar para os contactos que tenho dos pais (...) contato telefónico, caso não consiga, depois, se realmente for uma falta disciplinar, aí todo o procedimento é o normal”.
					“(…) há vários que estavam já sinalizados pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (...), houve outros que fui eu que sinalizei (...), nomeadamente por (...) um elevado absentismo à escola, por um nível de assiduidade muito baixo, e através do cumprimento das regras em vigor, das leis, é isso que a escola tem que fazer”.
				Medidas punitivas ineficientes em casos de indisciplina gerados pelos valores, conduta ou hábitos impróprios dos alunos adquiridos em meio familiar disfuncional; Punições ineficazes devido à desigualdade dos valores familiares e os da escola; Medidas punitivas mais eficazes em casos que não sejam gerados ou influenciados pelo meio familiar; Desconhecimento relativamente ao cumprimento ou incumprimento por parte dos alunos sancionados da sanção que lhes é aplicada	“(…) se é um tipo de situações (...) a nível de atitude em aula dos alunos pouco simpática ou pouco educada, ou um pouco menos de respeito para com, por exemplo um professor, ou funcionária (...), como é algo que está enraizado (...), é pedra para ser picada com picareta, para se partir lentamente (...) e não é com aquela penalização que funciona. (...) quando é a nível de atitude verbal, penso que é uma coisa que vem digamos, do alicerce familiar, maior ou menor e... se ele sai então aqui durante o dia, mas depois vão para casa e fazem exatamente aquilo que nós os estamos a penalizar por aquilo que eles aqui fizeram, lá têm o consentimento, e têm digamos uma concordância, ou têm um espelho familiar que realmente vai atuar dessa forma, quer dizer, é muito difícil”.
		Aplicação de sanções	Eficácia/Ineficácia		“(…) agora se for do foro de atitude não verbal, mas por exemplo... vamos
Intervenção					
Punição					

				<p>imaginar o telemóvel, uma reincidência, se lhe tirarem o telemóvel e for entregue na Direção como já aconteceu, ai garanto, ai tenho quase a certeza que, futuramente vai ter pelo menos mais cuidado se fizer isso (...), aquilo que se pretende é que não o faça, mas penso que, quando ele o fizer vai estar a pensar naquilo que aconteceu anteriormente”.</p> <p>“Sim, aí não sei, sinceramente, isso já não sei (se o aluno cumpre a sanção que lhe é imposta quando vai para o Gabinete do Aluno)”.</p>
	Mais Utilizadas	Medida punitiva mais utilizada consiste em encaminhar o aluno para o Gabinete do Aluno ou biblioteca e atribuir-lhes uma tarefa específica, de acordo com as normas instituídas pela escola	<p>“(Quando um aluno sai da sala de aula) São enviados, por norma, para a biblioteca ou para o Gabinete do Aluno”.</p> <p>“É-lhes aplicada uma tarefa, que durante aquele tempo deverão cumprir-la. E depois, mostrar ao professor que lhe deu ordem de saída da sala de aula. Esse digamos, é o trajeto, é aquilo que está instituído pela escola”.</p>	

Matrizes conceptuais de análise de conteúdo

Tabela 11 – Diretor de turma 7ªA

Área temática: Indisciplina na Escola

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de contexto
Comportamentos indisciplinados	A família	Ausência de autoridade paternal fomenta indisciplina	“(…) estes encarregados de educação não têm qualquer poder parental perante estes jovens, não têm”.

Classificação de comportamentos Indisciplinados	O aluno	Desinteresse e desapego pela escola; Obrigatoriedade de frequentar estabelecimento de ensino gera indisciplina quando não é essa a vontade do aluno; Falta de empenho e a não realização das tarefas propostas; Desequilíbrio da relação entre professor e aluno como resultado de comportamentos indisciplinados; Exemplificação de caso de aluno com distúrbios emocionais e de comportamento, nomeadamente agressividade, fatores potenciadores de indisciplina	<p>“(…) não querem estar na escola, não querem estar no Ensino, estão cá porque são obrigados, porque os pais não os podem tirar, um deles está institucionalizado”.</p> <p>“(…) é a obrigatoriedade de cá estarem, porque alguém o impõe, impõe o Estado até à idade que têm de escolaridade obrigatória, e quer a instituição, quer a família, porque não pode retirar os alunos daqui”.</p> <p>“(…) não pode ser empática, porque eles não o permitem, não é de falta de respeito, é mesmo de falta de empenho e de não realização das tarefas, de não cumprimento”.</p> <p>“(…) em relação a este aluno, a situação acresce o facto dele ter perturbações (...), não é mentais, é de comportamento em si, de agressividade, que levam a alguma alteração da sua voz, do tipo de respostas.”</p>
	Comportamentos indisciplinados mais frequentes	Falta de pontualidade e assiduidade; Perturbação da aula através do ruído; Desinteresse explícito pela realização das tarefas; Não concretização das atividades propostas; Desrespeito da autoridade do professor através de verbalizações inadequadas e de não acatamento de regras de conduta em sala de aula	<p>“(…) a falta de pontualidade (...), o chegar tarde, o ruído, da falta de pontualidade, e depois é a postura de não terem vontade de fazer”.</p> <p>“(…) a falta de realização das tarefas”.</p> <p>“(…) outras participações disciplinares que tenha tido é por algum tipo de resposta menos conveniente, e de não permitir que o aluno faça ruídos e que perturbe o ambiente de sala de aula”.</p>
	Comportamentos indisciplinados mais graves	Comportamentos mais graves envolvem alunos repetentes e reincidentes, com idades bastante superiores aos restantes alunos da turma; Exemplificação de aluno que não cumpre as regras, não as acata e que não é educado; Confrontos com	<p>“(…) os comportamentos mais preocupantes são dos mais velhos, e são reincidentes daquilo que já aconteceu em anos anteriores (...), as situações mais delicadas são as dos alunos que estão a repetir, e estão a repetir vários anos, há uma disparidade muito grande”.</p> <p>“(…) aconteceram no primeiro período com um aluno do Ensino Especial, um aluno que tinha comportamentos demasiado alterados (...) não é a questão de arrogante, é mesmo de mal, de falta de educação, e de não acatamento de qualquer indicação”.</p>

		colegas, troça e gracejos; Desrespeito pela autoridade docente	“(…) questões com outros colegas, e para provocar chacota e riso (...), algumas foram assim, mas houve uma que despoletou mesmo três dias de suspensão, que foi afronta, (...) falta de respeito a um docente”.
--	--	--	---

Matrizes conceptuais de análise de conteúdo

Tabela 12 – Diretor de turma 7º A

Área temática: Medidas de Prevenção, Intervenção e Punição face à Indisciplina

Categoria	Subcategoria	Sub Subcategoria	Indicadores	Unidades de contexto
Prevenção	Esclarecimento de regras de conduta com os alunos no início do ano letivo		Elucidação das regras de conduta na escola efetuada aos alunos e aos pais no início do ano letivo e das sanções punitivas resultantes do desrespeito pelas mesmas; Regras expostas por escrito em quadro de cortiça na sala de aula; Alunos não transcrevem essas regras	“(…) quando se fala em regras de comportamento em sala de aula o que está estabelecido é o que faz parte do nosso código de conduta. (...) que está bem explícito, a forma de estar dos alunos relativamente à postura na sala de aula, e vincular os direitos e os seus deveres enquanto alunos (...). Penso que elas estão bem definidas e penso que é do conhecimento geral, elas estão afixadas em todas as salas, é obrigatório apresenta-las na primeira vez que se recebe os alunos e os pais no início do ano letivo, e ao longo do ano, muitas vezes voltamos ao mesmo placard, na sala de aula, para reforçar algum incumprimento”.
	Definição de medidas preventivas pelo Conselho de		Diagnose, em Conselho de Turma, de potencialidades e dificuldades e problemáticas de cada turma em	“Obrigatoriamente, na receção aos alunos e aos pais. De leitura. É de leitura, está afixada na sala de aula, e quando necessário vai lá ler, para rever se o comportamento está assertivo ou não está”. (Os alunos transcrevem essas regras) “Não transcrevem, não”. “(…) no primeiro Conselho de Turma que se tem e teve-se (...), nesse momento, o ponto fulcral é a avaliação diagnóstica (...) cada professor fala sobre aquilo que vê (...), o comportamento (...) aprendizagens, (...) que

Intervenção	Turma		ambiente de sala de aula, para definir estratégias de prevenção da indisciplina	<p>problemas deteta, (...) de ordem logística, de planta, quer de conversas, ou quer de atitudes menos corretas (...) são logo identificadas (...) as dificuldades e os problemas diagnosticados, quer por cada um, quer depois por todos, de uma forma geral e de acordo com isso, com o que se vê, e de acordo com indicações que a Diretora de Turma, ou o Diretor de Turma tem daquilo que fez na diagnose da turma, do conhecimento da caracterização (...), começamos a construção do Plano de Trabalho de Turma, que é a identificação de problemas e as dificuldades, também potencialidades, que é uma das coisas que se faz, mas normalmente as dificuldades e os problemas são maiores do que as potencialidades, e são feitas estratégias, no sentido (...) da criação do ambiente de trabalho de turma”.</p> <p>“(...) foram identificados e foram sinalizados e foram elaborados por toda a gente, e são cumpridos”.</p>
Adoção de boas práticas pedagógicas			Colocação, em Planta de Sala de Aula, dos alunos mais indisciplinados na primeira fila, por forma a incentivar à realização das tarefas e a evitar o seu incumprimento por parte destes	<p>“Algum cuidado é feito, foi feito de propósito posição, em Planta de Sala de Aula, na frente (...) na primeira fila, de forma a evitar que eles não se escudassem e não realizassem as tarefas, porque a posição deles é de final de sala de aula, e com carteiras e isso em cima da mesa, e foi posto à frente, por isso a tentativa é sempre de integrar, de insistir e de fazer”.</p>
Eficácia/Ineficácia das Medidas Preventivas			Eficácia das medidas preventivas em alguns casos; total ineficácia noutras, apesar das medidas preventivas aplicadas	<p>“(...) não tem sido fácil, o aproveitamento continua a ser muito fraco, em relação a essas atividades, as tarefas, têm sido mais ou menos possível, dos quatro alunos, de dois estão a ser, mais ou menos invertidos ou minorados, mas os outros dois não”.</p> <p>“(...) em dois está a ter influência, porque estão a aproveitar e a própria escola está a alterar com a Sala de Estudo no 7.º Ano, um aluno desses quatro, está a inverter, está a aproveitar, pode ser que consiga, mas a escola está a conseguir, dos comportamentos de dois deles, não altera qualquer posição que o professor tenha, por mais envolvimento que eu queira dar, e solicitar a participação, é de mote próprio o não envolvimento e a não realização das coisas”.</p>
Canais de obtenção de informação	Participação Escrita		Comportamentos indisciplinados comunicados através de participação escrita	<p>“Eu não tenho tido participações... mas elas são escritas, são escritas”.</p>

		Participação Oral	Comportamentos indisciplinados são comunicados normalmente por via oral antes da participação escrita	<p>“(…) é sobretudo mais do que um papel que me fazem chegar rapidamente, é a comunicação oral”.</p> <p>“(…) a informação é praticamente imediata antes da obrigatoriedade de um papel e da participação escrita”.</p> <p>(Os pais têm conhecimento) “(…) pela voz do Diretor de Turma (…), em várias circunstâncias em que é chamado, em que se chama a atenção, em que se dá a indicação de que o comportamento não é condizente com a postura, que deve ter em qualquer estabelecimento de escola, e que é, contrário à que é definida na escola”.</p> <p>“(…) questiono logo o Delegado de Turma, as situações disciplinares que aconteceram não são muitas”.</p> <p>“Claro que houve (…), este aluno, em Novembro, devido a esse comportamento e a idade que tinha de 17 anos (…) foi encaminhado para um Curso Vocacional, esteve lá e foi, foi com toda a indicação da escola que ele não podia estar na sala de aula com alunos de 12 anos da forma como ele estava. Ele foi e a mãe aceitou (…), desse próprio curso, ele foi expulso ao fim de uma semana, quer dizer que os comportamentos que tinha com jovens da mesma idade que ele (…) manifestou-os na mesma, e a escola teve que reintegrar novamente esse aluno. Esse aluno está melhor, ou seja, ele está em ebulição, porque está com muito medo, porque o próximo passo é a institucionalização. (…) o aluno está mais contido, porque as condições são de alguma gravidade para o seguimento dele”.</p> <p>(Para onde vai o aluno quando lhe é imposto que abandone a sala de aula) “(…) para o Gabinete do Aluno, com tarefa, da qual eles depois, por norma, não entregam e não vão à sala, ao Gabinete do Aluno”.</p> <p>“(…) não tendo esta persistência, e esta tomada de pulso familiar, é perfeitamente inviável fazer o que quer que seja aqui na escola”.</p> <p>“(…) na turma foram dois alunos, um deles está com sucesso, nessa situação, nesse Curso Vocacional de Marinheiro”.</p>
Punição	Medidas de intervenção utilizadas	Eficácia/Ineficácia	<p>Participação do ocorrido aos encarregados de educação; Intervenções de acordo com os procedimentos estabelecidos pela escola e pela lei</p> <p>Eficácia das sanções aplicadas na minimização de comportamento indisciplinado num caso específico; Encaminhamento desse aluno em específico para Curso Vocacional; Comportamento indisciplinado atenuado por receio da sanção mais indesejada, a institucionalização; Medidas punitivas ineficientes em casos de indisciplina gerados pela ausência de poder paternal; Caso de sucesso de um aluno que foi encaminhado para o Curso Vocacional de Marinheiro</p>	

		<p>Sanções Alternativas</p>	<p>Ensino Vocacional como alternativa para alunos cujos objetivos não se coadunem com os da escola; Constatação de que existem poucos estabelecimentos de Ensino Vocacional e com restrição de cursos, fator que dificulta o encaminhamento de mais alunos cujo perfil se adequa melhor a este tipo de ensino</p>	<p>“(…) nós continuamos a dizer e a achar que há poucos locais (...) escolas com Ensino Vocacional, isto são poucas oportunidades, o Gabinete de Psicologia tem imensas dificuldades em arranjar e propor percurso formativo diferente, porque (...) são poucas escolas (...) devia estar mais alargado (...) o facto de ser mais alargado pressupõe então também outro tipo de formações. (...) há poucas, poucas vertentes e poucos locais onde isso possa acontecer, o investimento é a esse nível”.</p>
--	--	-----------------------------	---	---

Apêndice VIII

Análise de conteúdo das entrevistas /Integral

A entrevista efetuada ao Presidente da Associação de Pais da escola na qual se desenvolveu esta pesquisa, foi a primeira a ser analisada. Assim, no que concerne ao tema “Indisciplina na Escola”, foram classificados dados nas três categorias já citadas. Através da primeira, “Noção de comportamentos indisciplinados”, pretendia-se aferir o que é que o inquirido pressupunha como indisciplina, nomeadamente em contexto escolar: “Faltas de respeito, quer seja com o professor, com o pessoal não docente e até entre alunos, comportamentos (linguagem) menos apropriados e perturbação constante e recorrente na sala de aula”. Sintetizando, o entrevistado salientou que comportamentos indisciplinados são aqueles que implicam desrespeito para com qualquer elemento da comunidade escolar, linguagem desapropriada e perturbação do ambiente de aula.

Quanto à segunda categoria definida, “Classificação de comportamentos indisciplinados”, registou-se informação em três subcategorias diferentes: “Comportamentos indisciplinados mais frequentes”; “Comportamentos indisciplinados mais graves”; e “Comportamentos indisciplinados mais marcantes”. Com a primeira subcategoria, pretendia-se descortinar que tipo de comportamentos o entrevistado entende como sendo os que acontecem com mais regularidade, e a sua resposta resumiu-se a duas palavras: “Perturbação e mau comportamento”, enquanto aquele que considera de maior gravidade é a “falta de respeito”. Já no que concerne à última subcategoria apontada, o inquirido admitiu que, nos dois anos de existência da associação, “ainda não tive nenhum caso que me marcasse”, ou seja, não houve um único caso de indisciplina que tivesse ocorrido na escola que para ele se distinguisse dos demais.

Na terceira categoria assinalada, “Causas de comportamento indisciplinados”, observaram-se duas subcategorias: “A família” e “O aluno”, sendo que na primeira, foi filtrada a informação que indiciava o meio ambiente familiar como causador de indisciplina, e na segunda fatores que são intrínsecos ao aluno (como sistema de valores, personalidade, vivências pessoais, entre outros) e que podem despoletar

comportamentos inapropriados. Sendo assim, o entrevistado indicou o contexto familiar como fator gerador destes comportamentos, caso se revele parco em orientação e acompanhamento apropriado dos filhos. Por outro prisma, a indisciplina também pode ter a sua origem nos próprios alunos, como quando demonstram “falta de interesse e falta de motivação” pela escola e pelo ensino em geral, sentimentos que podem conduzir a comportamentos indisciplinados ainda mais graves.

Por fim, procedeu-se à análise da informação integrante da segunda temática, “Medidas de Prevenção, Integração e Punição”. No respeitante à primeira categoria, “Prevenção”, designaram-se quatro subcategorias: “Existência de regras de conduta na sala de aula”; “Conhecimento dos pais acerca das regras na escola”; “Participação dos alunos na definição das regras”; e “Adoção de boas práticas pedagógicas”. Em relação à primeira, o inquirido salientou a importância de um sistema de regras de conduta em contexto escolar e particularmente em ambiente de aula porque, de acordo com o mesmo, “são muito importantes, pois para além de serem influentes dentro de uma sala de aula, são valores que também os vão ajudar no futuro como seres humanos”. Concluiu-se assim que a implementação de um sistema de regras de conduta não só pode contribuir para a prevenção da indisciplina, na medida em que todos têm que as cumprir sem exceção, mas também para a transmissão de valores adequados aos alunos.

Quanto à segunda subcategoria, “Conhecimento dos pais acerca das regras na escola”, o entrevistado declarou que os pais têm conhecimento do sistema de regras da escola através dos Diretores de Turma. Porém, não se pronunciou sobre os meios através dos quais os encarregados de educação tomam conhecimento (se é transmitido oralmente ou por escrito) nem em que género de situações (no início do ano, ou em caso de participação de comportamento indisciplinado dos educandos, etc.). Na subcategoria “Participação dos alunos na definição das regras”, a informação recolhida junto do inquirido foi a de que concordava com a colaboração dos alunos no que respeita à elaboração de um sistema de regras de conduta na sala de aula.

Finalizada a análise da terceira subcategoria, procedeu-se à observação da última subcategoria identificada, “Adoção de boas práticas pedagógicas”. A este respeito, o inquirido identificou uma relação entre a indisciplina e a prática pedagógica dos professores. De acordo com ele, é crucial para a prevenção da indisciplina, a adoção por parte dos professores de estratégias adequadas de modo a prevenir comportamentos indisciplinados, sendo que uma delas passa pela criação de uma relação empática com os alunos, de modo a que estes fiquem cativados e mais empenhados pelo processo de aprendizagem: “tudo depende da empatia professor/aluno, da forma em que é dada a aula e a matéria”.

Realizou-se seguidamente a análise da segunda categoria identificada neste tema, a “Intervenção”. Sobre este assunto, os dados obtidos foram classificados segundo quatro subcategorias: “Medidas da Associação de Pais”; “Medidas dos funcionários”; “Medidas dos órgãos de gestão da escola”; e “Medidas dos professores”. Acerca da primeira subcategoria, “Medidas da Associação de Pais”, aferiu-se que a associação, devido à sua recente existência, não tem intervindo com tanta regularidade em casos de indisciplina, tendo acrescentado o entrevistado que “não temos nenhuma situação para podermos exemplificar a nossa atuação”, mas frisou, todavia, que “de futuro se algo acontecer, vamos ouvir todas as partes envolvidas e tentar resolver a situação de uma forma correta e assertiva”. A associação pretende desta forma, assumir-se como elo de ligação entre todos os elementos constituintes da comunidade escolar, com o propósito de “ajudar no que estiver ao alcance e competência da Associação de Pais”. Salientou-se porém, a sua débil influência atual junto dos encarregados de educação, que segundo indicação do inquirido “não é por falta de empenho da Associação”.

Na subcategoria “Medidas dos funcionários”, o entrevistado pronunciou-se sobre as medidas de intervenção adotadas pelos funcionários nos casos de indisciplina, e a informação advinda foi classificada numa sub subcategoria designada por “Intervenção direta ao aluno”. Assim, evidenciou-se que segundo o inquirido, os funcionários abordam diretamente os alunos nestas situações e apelam para que cesse o comportamento inadequado, contudo, se houver persistência nesse

comportamento, são encaminhados para a Direção com o objetivo de se efetuar uma participação.

Quanto ao que diz respeito à subcategoria “Medidas dos órgãos de gestão da escola”, foi qualificada informação em duas sub subcategorias distintas: “Eficácia e suficiência” e “Existência de meios necessários para intervenção”. Desta forma, o entrevistado ressaltou a eficácia das medidas interventivas designadas pelos órgãos de gestão da escola, e acrescentou ainda que esta dispõe de meios necessários para a intervenção e conseqüente punição de comportamentos indisciplinados, como os gabinetes do aluno.

Como citado anteriormente, na categoria “Intervenção” foi ainda designada uma quarta subcategoria, “Medidas dos professores”. Pretendia-se desta forma e na perspectiva do inquirido, aferir as medidas de intervenção que os professores devem tomar quando confrontados com um caso de indisciplina. Este opinou que “primeiro de tudo, usar da pedagogia, depois informar o encarregado de educação e se persistir nesse comportamento incorreto proceder às sanções disciplinares”. Sintetizando, segundo esta opinião, o docente deve primeiramente avisar o aluno da transgressão cometida, comunicar de seguida o sucedido aos encarregados de educação e em caso de reincidência, proceder à aplicação de uma sanção disciplinar.

Finalizada esta categoria, elaborou-se uma análise à última categoria abrangida neste tema, designada por “Punição”. A única subcategoria identificada designou-se por “Aplicação de sanções”, e foram também assinaladas três sub subcategorias: “Eficácia/Ineficácia”; “Impacto negativo na relação professor – aluno”; e “Sanções mais aplicadas”.

Questionado sobre a sua perceção acerca da aplicação de sanções com o objetivo de solucionar casos de indisciplina, o entrevistado afirmou que somente quando necessárias deveriam ser aplicadas. Em relação à eficácia ou ineficácia das sanções que são normalmente aplicadas nesta escola, o seu parecer é de que são eficazes, “quando bem aplicadas e ajustadas” e ainda acrescenta que “é uma forma do aluno repensar as suas atitudes menos corretas. Se for um aluno consciente vai refletir sobre o erro e vai tentar que não aconteça mais”. Porém, admite a ineficácia das

medidas punitivas se o aluno não refletir e ponderar sobre o seu comportamento indisciplinado.

Relativamente ao impacto negativo que a aplicação das sanções disciplinares possa gerar na relação professor/aluno, é de realçar a discordância do inquirido, que indicou que esta relação não é prejudicada com a aplicação da sanção porque a priori já não seria positiva. Este entrevistado pronunciou-se ainda sobre as sanções disciplinares aplicadas com mais frequência, que declarou como sendo a falta disciplinar e subsequente suspensão.

A segunda entrevista analisada foi a efetuada ao Coordenador dos funcionários de Ação Educativa. Em relação ao primeiro tema, “Indisciplina na Escola”, classificou-se informação nas seguintes categorias: “Classificação de comportamentos indisciplinados” e “Causas de comportamentos indisciplinados”. No que concerne à primeira categoria, designaram-se três subcategorias distintas: “Comportamentos indisciplinados mais frequentes”; “Comportamentos indisciplinados mais graves”; e “Comportamentos indisciplinados mais marcantes”. Em relação à primeira subcategoria, o entrevistado mencionou comportamentos tais como linguagem e discurso inadequados, perturbação da aula com ruído desnecessário ou contacto físico violento entre alunos, contudo enfatizou que “nada de importante, é só brincadeira (...), mas neles e nelas é normal”.

Já no que respeita aos comportamentos considerados mais graves, apontou a desconsideração e desrespeito para com os docentes e o uso de linguagem e discurso impróprios: “É o de bater com a porta ao professor, e aí quando dizem palavrões é má educação”. Assim, concluiu-se que o entrevistado considerou que algumas das condutas mencionadas, como o uso de linguagem imprópria, vulgo “palavrões”, ou a interação mais agressiva entre alunos, que é designada por “empurrões”, são razoavelmente frequentes nas relações entre alunos e que por isso não devem ser tidas em conta tão seriamente, porque como o próprio afirmou, “é deles, é normal”. Porém, para este entrevistado, as circunstâncias mudam quando estes comportamentos se manifestam para com o professor, que considerou como verdadeiramente indisciplinados e de uma gravidade maior.

Por fim, o inquirido mencionou ainda um caso de comportamento indisciplinado ocorrido naquela escola e que entendeu como marcante, porque segundo as suas palavras, o/a aluno/a “era grave, era muito irreverente, porque não obedecia aos professores nem aos funcionários”.

Quanto à informação classificada na categoria “Causas de comportamentos indisciplinados”, assinalaram-se duas subcategorias: “A família” e “O professor”. Desta forma, apurou-se que a indisciplina advém de um ambiente familiar desajustado e escasso em valores e regras de conduta apropriadas: “São mal-educados, vem tudo de casa, pensam que estão a falar com os pais deles, não tem remédio”.

Mas as raízes familiares não constituem a única fonte de indisciplina para este inquirido, pois de acordo com o mesmo, o professor também assume neste contexto um papel importante, nomeadamente através da atitude que assume em sala de aula e da forma como leciona: “Não gostam da forma como os professores falam com eles”. Uma postura passiva por parte do professor e uma personalidade permissiva são indicados como fatores determinantes no despoletar de comportamentos indisciplinados: “São sempre os mesmos alunos nos mesmos professores (...), eles apanham-lhe o jeito, os professores que são mais moles, eles abusam (...). Depende da personalidade do professor”.

De seguida, analisou-se a informação classificada no segundo tema, “Medidas de Prevenção, Intervenção e Punição face à Indisciplina”. Obtiveram-se dados relativos a duas categorias, “Intervenção” e “Punição”. Na categoria “Intervenção”, destacaram-se duas subcategorias, “Medidas dos órgãos de gestão da escola” e “Medidas dos funcionários”. No que respeita à primeira, a informação obtida remete para uma apreciação das medidas interventivas do âmbito dos órgãos de gestão da escola, que segundo o parecer do inquirido, são pouco eficazes no que diz respeito aos resultados obtidos e que mediante esse aspeto, deveriam ser mais rígidas e inflexíveis. A segunda subcategoria “Medidas dos funcionários”, alude para as medidas interventivas praticadas pelos funcionários perante casos de indisciplina. Mediante os dados obtidos, designaram-se assim duas sub subcategorias “Intervenção através do professor” e “Intervenção direta ao aluno”.

Posto isto, o funcionário intervém de duas formas: ou quando é solicitado por um docente, ou quando é da sua própria iniciativa. A primeira sucede nas situações em que um docente pune o aluno com a saída da sala de aula, sendo por isso “o papel do funcionário levar o aluno ao gabinete do aluno, ou à Direção, depende da asneira que tenha feito”. Todavia, de acordo com o entrevistado, essa iniciativa não parte de todos os professores quando ocorre um caso de indisciplina: “Há alguns. Outros nem nos chamam”. Apurou-se ainda que o funcionário opta por uma abordagem direta em casos de agressão física entre alunos, “Se se batem vou lá separar”, mas naquelas ocorrências em que os alunos se exprimem entre eles numa linguagem desadequada, já não intervêm tantas vezes, porque segundo o entrevistado, “não fazia outra coisa”. Esta afirmação alude à ideia, já citada anteriormente, de que o inquirido considera “normal” que os alunos se expressem numa linguagem menos própria entre eles, assumindo esta sua conduta como intrínseca e indissociável, adquirida em contexto familiar também ele disfuncional.

Para finalizar, classificou-se ainda informação na categoria “Punição”. Nesta categoria foi designada uma subcategoria “Aplicação de sanções” e uma sub subcategoria “Eficácia/Ineficácia”. Os dados obtidos remetem, desta forma, para os efeitos positivos ou negativos que advêm da aplicação de sanções definidas pela escola em matéria de indisciplina. A este respeito, o inquirido proferiu apenas que nem sempre as medidas punitivas se revelam eficazes e indicou um exemplo. Apesar do gabinete do aluno funcionar diariamente, nem sempre os alunos cumprem a sanção que lhes é aplicada, chegando ao ponto de sair do mesmo sem autorização superior: “às vezes fogem”.

Concluída a análise desta entrevista, passou-se de imediato à análise da entrevista realizada à Diretora da escola. No que ao primeiro tema diz respeito, designaram-se tal como na análise anterior, apenas duas categorias classificativas: “Classificação de comportamentos indisciplinados” e “Causas de comportamentos indisciplinados”. No que concerne à primeira categoria, também à semelhança da antecedente registou-se informação nas três subcategorias já identificadas: Comportamentos indisciplinados mais frequentes, mais graves e mais marcantes.

Assim, a Diretora da escola considerou como comportamentos indisciplinados constantes a contestação da autoridade do professor e o incumprimento das suas ordens: “questionar a liderança do professor (...), não reconhecer, no momento, a autoridade do professor, não cumprirem a ordem”. Como comportamentos de maior gravidade, como já tinha referido, a entrevistada indicou a desconsideração pela figura do docente e pela sua autoridade, que são de “uma gravidade que podemos dizer, que muitas das vezes o professor resolve só com a ordem de saída da sala de aula”, tais como os comportamentos que “envolvem falta de respeito, pelo professor e para os colegas”. Como comportamento mais marcante, foi indicada uma situação de indisciplina provocada por um/a aluno/a que também foi referida pelo Coordenador dos funcionários.

Em relação à categoria “Causas de comportamentos indisciplinados”, foram apontadas três subcategorias: “A família”; “O aluno”; e “O professor”. Desta forma, a ausência de poder parental é considerada pela inquirida como uma das principais causas de indisciplina: “há determinados casos que não é pelos pais não serem atentos, porque muitos, os pais estão atentos, mas não conseguem fazer nada”. Fatores inerentes aos docentes também podem desencadear comportamentos menos próprios, tais como a personalidade transigente do professor em determinadas situações ou a incapacidade de exercer a sua autoridade sobre os alunos: “há professores que se conseguem impor, demonstrar no seu comportamento uma determinada autoridade que penso que, numa grande parte dos alunos, implica que eles realmente nunca fujam da regra, há outros, porque são mais benevolentes... tem a ver com a personalidade dos professores”. A adoção de uma postura firme do docente também é muito importante nestas situações, segundo a inquirida: “às vezes também tem a ver com o tom de voz com que se dá a ordem”.

Por outro lado, tal como referiu o Presidente da Associação de Pais, a Diretora destacou que os próprios alunos podem ser a fonte de comportamentos problemáticos, devido a fatores que lhes são intrínsecos e imutáveis, que remetem para a sua personalidade e para a sua maneira de ser e de estar: “há alunos que realmente têm também uma personalidade que os leva ao desvio e (...), não importa

a personalidade do professor, leva-os sempre a isso (...), falta de assiduidade, pontualidade, geralmente está ligado a um aluno que não cumpre as regras”.

No segundo tema classificativo, “Medidas de Prevenção, Integração e Punição”, obtiveram-se respostas em duas categorias apenas: a “Intervenção” e a “Punição”. A primeira categoria foi decomposta numa subcategoria, “Canais de Obtenção de informação” e duas subsubcategorias, “Participação Oral” e “Participação Escrita”. Os dados obtidos remetem para a forma como a informação relativa a casos de indisciplina chega ao conhecimento da entrevistada, se através de uma participação por escrito, se através de meios mais informais, mais concretamente, transmitida de forma oral. Assim sendo, a resposta obtida foi a de que, se a situação de indisciplina for considerada pouco grave, uma participação escrita é efetuada pelos docentes; se ao invés, for considerada de uma gravidade extrema, é reportada de imediato oralmente, normalmente através da via telefónica. Não foi mencionado se, nesta última situação, era redigida a posteriori uma participação por parte dos docentes.

Na categoria “Punição”, classificou-se apenas uma subcategoria, “Aplicação de sanções”, mas vislumbraram-se duas subsubcategorias: “Eficácia/Ineficácia” e “Sanções Alternativas”. No que concerne à primeira, indiciou-se que as medidas punitivas aplicadas nesta escola se demonstram eficazes em determinados casos, chegando mesmo a ter um efeito preventivo, contudo, já não apresentam resultados tão positivos em situações de comportamentos indisciplinados reincidentes, gerados por fatores inerentes ao aluno, como a propensão para uma conduta desviante: “se um aluno já tem falta de assiduidade, não é a sanção, que é a pena disciplinar com suspensão que lhes vai alterar ou modificar o seu comportamento (...), no caso de falta de respeito pelo professor, não é pô-lo a limpar uma sala de aula, que lhe vai alterar esse comportamento de desrespeito”.

A acrescentar a isto, foi ainda frisado que o estabelecimento escolar em causa não dispõe de atividades punitivas apropriadas de forma a atuar em concordância com cada tipo de comportamento indisciplinado, e que contribuam de forma efetiva para modificar ou minimizar esses comportamentos. Por outro lado, apesar de a escola dispor do apoio de uma psicóloga e poder recorrer ao auxílio de determinadas entidades externas em caso de necessidade, tais como a Comissão de Proteção de

Crianças e Jovens (CPCJ), a inquirida considerou extremamente complicado punir devida e eficazmente determinados casos de indisciplina. Uma das medidas punitivas consideradas ineficazes pela própria é a aplicação de uma coima, porque no seu entender, implica a criação de todo um processo burocrático demasiado moroso e que não depende só do estabelecimento escolar: “a Administração Central é que vai instituir a coima, ou seja, a escola não tem poderes para isso, a escola vai ter é uma data de trabalho a expor a situação, e depois quando vai realmente a decisão, já não tem efeito, não é, porque estas coisas têm que ser rápidas”.

A análise desta entrevista foi finalizada com a interpretação da subcategoria “Sanções alternativas”. A informação obtida remete para a indicação de outras opções punitivas para além das previstas na lei. A entrevistada assinalou como opção a responsabilização da família pela indisciplina dos filhos através de aplicação de coima, uma medida punitiva já prevista na lei, mas segundo a própria, sem aplicação efetiva: “isso está na lei, mas não se faz”.

No que diz respeito às entrevistas realizadas aos diretores de turma, salienta-se que foram analisadas em simultâneo, visto que a informação obtida foi classificada quase sempre uniformemente. No sentido de respeitar a confidencialidade dos entrevistados, foram adotadas as seguintes denominações para os três diretores de turma entrevistados: o Diretor de Turma do 8º ano (DT8); o Diretor de Turma do 7º ano (DT7); e o Diretor de Turma do CEF/T3 (DTCEF).

Assim, no que concerne à primeira área temática indicada, “Indisciplina na Escola”, é de referir que de todos os inquiridos se obtiveram dados classificados nas categorias “Classificação de comportamentos indisciplinados” e “Causas de comportamentos indisciplinados”. Relativamente à primeira categoria, verificou-se que apenas o DT8 evidenciou informação classificativa nas três subcategorias designadas: “Comportamentos indisciplinados mais frequentes”; “Comportamentos indisciplinados mais graves”; e “Comportamentos indisciplinados mais marcantes”. Dos restantes entrevistados, apuraram-se dados que foram classificados apenas em duas subcategorias cada um, sendo que o DTCEF se pronunciou sobre os comportamentos indisciplinados mais frequentes e mais marcantes, e o DT7 acerca dos comportamentos mais frequentes e mais graves.

De acordo com isto, todos os Diretores de Turma indicaram comportamentos que consideraram que ocorrem com mais frequência na escola onde lecionam, seja o exemplo, “falta de assiduidade (DT8)” ou “a postura, a forma como comunicam, erradamente, com os professores, não respeitando, muitas das vezes a autoridade do professor, a indelicadeza (DTCEF)” e ainda a “falta de pontualidade, o ruído, a postura de não terem vontade de fazer, a falta de realização das tarefas (DT7)”. Em suma, os comportamentos que se repetem mais frequentemente consistem no desrespeito pela autoridade do professor, nomeadamente através de verbalizações inadequadas e de não acatamento de regras de conduta em sala de aula, bem como na manifestação de atitudes descorteses, nomeadamente na comunicação com os docentes. A falta de assiduidade e de pontualidade, ou a perturbação da aula através de ruído desnecessário são outros dos comportamentos apontados, e por fim, o desinteresse explícito pela realização das tarefas ou até mesmo a não concretização das mesmas.

Relativamente aos comportamentos ponderados como de maior gravidade, foram assinalados os seguintes, segundo o DT8: “não respeitar, por exemplo, o facto de terem que passar as aulas para o caderno diário, falarem uns com os outros, não tirar o boné, arrastar cadeiras, risos e piadas, por vezes os alunos não querem fazer nada durante a aula, não querem passar porque não trouxeram o material”. O entrevistado DT7 acrescentou ainda outros exemplos, tais como “falta de educação e de não acatamento de qualquer indicação, questões com outros colegas e para provocar chacota e riso, falta de respeito” e enfatizou também que, na sua turma, “os comportamentos mais preocupantes são dos mais velhos, e são reincidentes daquilo que já acontecera em anos anteriores (...), as dos alunos que estão a repetir vários anos (DT7)”.

No respeitante à última subcategoria identificada, “Comportamentos indisciplinares mais marcantes”, dois diretores de turma pronunciaram-se sobre este assunto, nomeadamente, o DT8 e o DTCEF. O primeiro indicou um caso de um aluno repetente há vários anos e reincidente em situações de indisciplina. O poder paternal exercido sobre este aluno é praticamente inexistente, e a tudo isto acresce o facto do aluno em causa estar “completamente desmotivado e já ter 17 anos e ainda andar no

8.º ano”. Este entrevistado frisou ainda que a escolaridade obrigatória até aos 18 anos, que alarga a permanência dos jovens na escola, em confluência com todos os outros fatores já indicados, contribuiu para a reincidência de comportamentos indisciplinados por parte deste aluno. Quanto ao DTCEF, pronunciou-se sobre a situação de uma aluna que tinha falta de assiduidade e pontualidade por influência familiar desadequada e com incapacidade de assumir compromissos: “diziam-nos, que era a aluna que não se levantava, e afinal a aluna é que acorda toda a gente (...), temos reunião com os pais e os pais “tu vai-nos jurar aqui que tu vais deixar de faltar”, quando eles são se calhar a responsabilidade principal da falta de assiduidade dela (...) que quando estão perante as técnicas da Comissão, o SPO da psicóloga ou comigo, com o Diretor de Turma, ou com a Direção, vão fazer isto e aquilo, e depois fazem no dia seguinte, ou não fazem no dia seguinte imediatamente logo aquilo a que se comprometeram”. Este entrevistado ressaltou ainda o caso de um aluno que tinha uma elevada falta de assiduidade, e acrescentou que tentou intervir de diversas formas para corrigir este comportamento indisciplinado, tentativas que se revelaram infrutíferas: “eu tentei por tudo, com pai, com mãe, com avó, com o encarregado de educação, com CPCJ, que o aluno em causa, viesse para a escola (...), mas ao fim de dois meses, quase, de uma batalha infrutífera (...) comecei a agir única e exclusivamente da forma da lei”.

Na categoria seguinte, “Causas de comportamento indisciplinados”, foram identificadas quatro subcategorias, “A família”, “O aluno”, “O professor” e “A escola”. Destacou-se a informação classificada nas duas primeiras subcategorias, porque todos os entrevistados se pronunciaram sobre esses assuntos. Já no que diz respeito à subcategoria “O professor”, foram classificados dados de duas entrevistas e na subcategoria “A escola”, apenas uma.

A disfuncionalidade existente nas famílias de alunos indisciplinados, patente na transmissão de valores, normas e vivências desadequadas, conjuntamente com a desvalorização da escola e do ensino, a fraca autoridade paternal ou mesmo a sua inexistência, todos estes fatores potenciadores de indisciplina foram realçados pelos Diretores de Turma, que consideraram a família como a principal causa da indisciplina, como se pode verificar nos seguintes excertos: “a família não dá ênfase à

importância da escola (DT8) ”; “casos que também tive em que os pais fazem um esforço imenso (...) mas não conseguem, entre comas, domar o seu educando”; “eu acho que é algo que vem de trás, nomeadamente que vem de casa, eles falam exatamente com o professor, como se calhar estão a falar com o pai, “você o que é que quer?”, por exemplo, esta é uma expressão muito utilizada”; “acho que essa é a principal dificuldade que a escola tem, é pouca autoridade de casa perante os alunos (...), quando eles atuam de imediato, é fácil depois a atuação seguinte aqui na escola (DTCEF) ”; “estes encarregados de educação não têm qualquer poder parental perante estes jovens, não têm (DT7) ”.

Os três entrevistados também assinalaram o aluno como uma das causas da indisciplina, nomeadamente quando estes se sentem desinteressados e desapegados pelo meio escolar porque não se identificam com ele, comportamentos que advêm naturalmente da obrigatoriedade de frequentar o estabelecimento de ensino contra a sua vontade: “há ali alguns alunos que estão desinteressados, que a escola não lhes diz nada (DT8) ”; “muitos deles, só estão aqui porque têm que estar, só estão aqui porque os pais dizem: “meu menino, tens que ir... a escola é às 8:30, eu vou buscar-te às 18:30 (DTCEF)”; “não querem estar na escola, não querem estar no Ensino, estão cá porque são obrigados, porque os pais não os podem tirar”; “é a obrigatoriedade de cá estarem, porque alguém o impõe, impõe o Estado até à idade que têm de escolaridade obrigatória, e quer a instituição, quer a família, porque não pode retirar os alunos daqui (DT7) ”.

Por outro lado, quando os alunos decidem não levar o material necessário para a escola, a probabilidade de se gerar indisciplina é acrescida, de acordo com o DT8: “sem o material dentro da sala de aula... a tendência para a indisciplina é maior, portanto, vem um bocadinho também da falta de material que a indisciplina acontece”. Já o DTCEF frisou que alunos com comportamentos indisciplinados podem influenciar outros alunos a seguirem o mesmo exemplo, e justificou-se através do relato de situações passadas na sua turma em que alunos faltosos incentivavam outros a faltarem também: “casos específicos em que, vinham à escola uma hora por dia ou quê, depois faltavam. Acho que não vinham fazer nada. Vinham era se calhar entusiasmar outros a fazerem exatamente o mesmo que eles estão a fazer”. De

acordo com este entrevistado, esta influência negativa foi diminuindo à medida que os alunos faltosos deixaram definitivamente de frequentar a escola, fator que, de acordo com o mesmo, “contribuiu para alguma estabilidade, não total, que não era por si só essa situação que fazia com que eles não tivessem atitudes como as deles, nomeadamente de falta de assiduidade, mas é menos um estímulo”.

Por fim, assinalaram-se ainda outras opiniões proferidas pelo DT7. Para este Diretor de Turma, a falta de empenho do aluno e a não concretização das atividades propostas gera um desequilíbrio na relação entre professor e aluno, acrescentando que esta “não pode ser empática, porque eles não o permitem, não é de falta de respeito, é mesmo de falta de empenho e de não realização das tarefas, de não cumprimento”. Este inquirido exemplificou ainda o caso de um aluno seu com distúrbios emocionais e comportamentais, nomeadamente agressividade, que considerou como fatores potenciadores de indisciplina: “em relação a este aluno, acresce o fato dele ter perturbações, não é mentais, é de comportamento em si, de agressividade, que levam a alguma alteração da sua voz, do tipo de respostas”.

No respeitante à subcategoria “O Professor”, apenas dois entrevistados se manifestaram sobre este assunto, como já indicado. Assim, de acordo com DT8, se o professor não exercer devidamente a sua autoridade, os comportamentos indisciplinados assomam mais facilmente: “vai um bocadinho do pulso que cada professor tem na turma”, facto realçado pelo DTCEF, que acrescenta que “tem tudo a ver com a forma como lhes são impostas aquelas regras, aquele limite de tolerância e o tipo de intervenção que cada professor tem”. Este Diretor afirmou também que os alunos reagem positiva ou negativamente mediante as atitudes e a postura do professor, do seu feedback, ou seja, através dessa perceção atuam em conformidade com ele: “há quem seja mais rigoroso no cumprimento de determinadas regras, há quem não seja tão rigoroso, eles sabem-se moldar, com quem eles vão encarar naquele momento”. Assim, inferiu-se que a falta de consistência na aplicação de regras e a permissividade do docente causa indisciplina, pois o aluno age mediante as atitudes por ele demonstradas.

Por outro prisma, o entrevistado DT8 indica que a figura do professor pode constituir um fator preponderante e predisponente para a indisciplina se não se

conseguir criar uma relação empática e equilibrada com os alunos, com uma autoridade nem excessiva, nem permissiva. Ressalva ainda a necessidade do professor convencer os alunos de que os seus objetivos são os mesmos, auxilia-los e não o contrário, e de que o seu sucesso também é do interesse do docente: “Os alunos precisam de sentir que nós estamos interessados em que eles aprendam, eles não podem sentir que nós somos um poder contra, mas que somos um poder a favor, nós não podemos estar em sentidos opostos, nós temos que estar do mesmo lado que os alunos, se bem que com todo o peso e medida no que respeita à autoridade e ao saber diferenciar a posição do aluno e do professor”.

Por fim, é de realçar outra causa intrínseca ao professor proferida pelo DTCEF, que consiste na falta de formação ou experiência do professor em lidar com diferentes tipos de alunos. Deu como exemplo o CEF/T3 na escola onde leciona, e afirmou que alguns professores integrantes do CEF/T3 sentiram algumas dificuldades em lidar com os alunos no início do ano letivo, visto que “é a primeira vez que lidam com este tipo de turmas, com este tipo de ensino”. Como se deduziu, a falta de experiência e/ou formação para lidar com alunos com características distintas dos demais, neste caso a nível de idades, expectativas, motivações, competências ou objetivos, pode originar insegurança nos docentes e a incapacidade de prevenir e intervir eficazmente perante comportamentos indisciplinados.

A quarta e última subcategoria identificada foi “A escola”, e somente um Diretor de Turma a indicou como causa de comportamento indisciplinado, mais precisamente o DT8. Por conseguinte, este inquirido salientou que o estabelecimento escolar tem a sua quota-parte de culpa na geração de comportamentos indisciplinados, dando como exemplo a insuficiência de determinados materiais didáticos, que se torna um fator de indisciplina porque obriga as turmas a movimentarem-se de uma sala para outra, situação que acaba sempre por criar confusão, principalmente quando as turmas são numerosas: “Não há computadores e retroprojetores em todas as salas, temos que sair da sala e isso é um entrave, porque, sendo a minha turma com trinta alunos, sempre que os temos que movimentar de sala, é um problema, porque eles primeiro que se sentem e acalmem...”

Desta forma, deu-se por terminada a análise ao primeiro tema identificado. Na segunda temática “Medidas de Prevenção, Intervenção e Punição”, classificou-se informação em todas as categorias definidas, porém um Diretor, nomeadamente o DT8, só se pronunciou acerca de duas destas, a saber, a “Prevenção” e a “Intervenção”. Principiando a análise pela categoria “Prevenção”, é de destacar que foram designadas quatro subcategorias: “Esclarecimento de regras de conduta com os alunos no início do ano letivo”; “Definição de medidas preventivas pelo Conselho de Turma”; “Adoção de boas práticas pedagógicas”; e “Eficácia/Ineficácia das Medidas Preventivas”.

Relativamente à primeira subcategoria citada, todos os entrevistados foram unânimes ao afirmarem que, no início de cada ano letivo, as regras de conduta na escola e as sanções punitivas resultantes do desrespeito pelas mesmas eram esclarecidas aos alunos, como destacou DT8: “dediquei-me muito tempo a falar sobre as regras que estão previstas no regulamento da escola, de dentro e de fora da sala de aula, como tratar professores, colegas e funcionários, dei ênfase a essas regras aos miúdos, fiz-lhes saber quais eram as regras impostas pela escola, a chamar-lhes a atenção do que é que, efetivamente cada uma delas falava, do que é que se tratava e quais as sanções que dali saíam”. A forma como essas regras eram transmitidas aos alunos foi outro assunto acerca do qual todos se exprimiram, e verificou-se, mais uma vez, uma concordância sobre ele. Assim, todos os inquiridos indicaram que uma listagem contendo as regras de conduta era afixada no início do ano letivo, em todas as salas de aula em placard de cortiça, e que os alunos não as transcreviam, tal como referiu DT7: “É de leitura, está afixada na sala de aula, e quando necessário vai lá ler, para rever se o comportamento está assertivo ou não está (...), os alunos não transcrevem”.

No que respeita à subcategoria “Definição de medidas preventivas pelo Conselho de Turma”, destaca-se a elaboração, em Conselho de Turma, de conjunto de regras de conduta destinadas aos alunos, como frisou DTCEF: “foram balizadas algumas situações, nomeadamente, de pontualidade, de posturas na sala de aula, do tão propalado uso do telemóvel indevidamente, o uso, por exemplo, do boné dentro da sala de aula, e foi estipulado que isso fosse cumprido integralmente”.

Para além disso, como comentou DT7, é também efetuada diagnose, em Conselho de Turma, de potencialidades, dificuldades e problemáticas de cada turma em ambiente de sala de aula, no sentido de definir estratégias preventivas e interventivas na indisciplina: “o ponto fulcral é a avaliação diagnóstica, cada professor fala sobre aquilo que vê, são logo identificadas as dificuldades e os problemas diagnosticados, também potencialidades, e são feitas estratégias, no sentido da criação do ambiente de trabalho de turma”. Uma destas estratégias segundo DT8, foi a elaboração de Planta de Sala de Aula, “para evitar aquelas mudanças dentro da mesma sala”, e acrescentou ainda a este respeito, que ficava ao critério de todos os professores realizar mudanças que entendessem como necessárias.

A delimitação de casos de indisciplina e a uniformização de critérios de aplicação das regras de atuação também são dois aspetos relevantes que foram comentados pelos entrevistados, nomeadamente por DT8: “eu fiz questão no primeiro Conselho de Turma de falar sobre as regras que todos tínhamos que impor, as regras tinham que ser iguais para todos, que era para os alunos não acharem que com um professor podiam isto, com outro professor podiam aquilo e que não podíamos ser permissivos para umas coisas e para outras, foi entretanto, dado casos concretos, nomeadamente na mudança de aulas dos 45 minutos, não deixar os alunos ir às casas de banho, situações que na altura estavam a acontecer e eu tratei de as relatar e de uniformizar critérios de atuação”.

Por fim, salienta-se ainda no que concerne a esta subcategoria, que a sensibilização dos encarregados de educação para a necessidade de fiscalização constante das cadernetas escolares dos educandos se assume como uma estratégia preventiva importante, nomeadamente para prevenir comportamentos indisciplinados causados por falta de material, como já foi indicado anteriormente: “foi uma coisa que insisti muito na reunião com os encarregados de educação, tinham que ser atentos, fiscalizar a caderneta diversas vezes para ver se não há nada em falta, nomeadamente por causa do material (DT8)”.

Na subcategoria identificada seguinte, “Adoção de boas práticas pedagógicas”, todos os entrevistados ressaltaram a importância deste aspeto na prevenção da

indisciplina. O destaque vai para a utilização de métodos e técnicas diferenciadas de lecionar como fator determinante para cativar e interessar os alunos pela matéria: “no que toca à Geometria, sei que é muito mais apelativo apresentar um power point ou um sistema informático que tenha movimento, que os faça perceber melhor, se houver figuras mais coloridas, o desenho ser mais perfeito, eles vão perceber melhor (DT8)”. Estimular o aluno para o gosto pela aprendizagem e fazê-lo perceber a sua utilidade futura também se revela fulcral, de acordo com o mesmo entrevistado, que mencionou que “deve haver um apelo à aprendizagem, portanto, a aula não pode ser só o quadro e o giz”.

A acrescentar a isto, o inquirido DTCEF indica outras estratégias pedagógicas cruciais, passando estas por enfatizar aos alunos o papel fulcral da escola para a obtenção dos objetivos que cada um define para o seu percurso escolar: “tentamos sempre indicar-lhes aquilo que eles poderão obter no final deste ano, nomeadamente no currículo, entre comas, alternativo, acho que tem sido uma boa arma de arremesso, alertá-los para essa situação, a meta que, em parte, eles pretendem”. Tentar incrementar nos alunos um sentimento de orgulho e de valorização do ensino, aliado ao reconhecimento da aprendizagem como investimento futuro, foi outra estratégia delimitada por este Diretor de Turma: “os alunos deviam sentir-se felizes, deviam gostar, deveriam querer estar na escola. E deveria ser algo pelo qual eles se deviam vangloriar, de “eu estou a fazer o meu investimento, para amanhã ir buscar a compensação, os juros”. Minimizar ou colmatar casos de indisciplina no sentido de evitar o surgimento de novos casos foi outra proposta com carácter preventivo indicada por DTCEF, que exemplifica a sua ideia nestes termos: “numa cesta de batatas, se há alguma podre, contamina pelo menos aquelas que estão ali ao redor e aqui, nós tentamos e eu em especial, como Diretor de Turma, tento que a batata podre fique saudável, ou então, quando não consigo, tento retirá-la de junto das outras, se quer apodrecer, tentar que apodreça sozinha”.

Por fim, é de mencionar a estratégia indicada por DT7, que consiste na colocação, em Planta de Sala de Aula, dos alunos mais indisciplinados na primeira fila, por forma a incentivar à realização das tarefas e a evitar o seu incumprimento: “foi feito de

propósito posição, em Planta de Sala de Aula, na frente na primeira fila, de forma a evitar que eles não se escudassem e não realizassem as tarefas, porque a posição deles é de final de sala de aula, e com carteiras e isso em cima da mesa, por isso a tentativa é sempre de integrar, de insistir e de fazer”.

Questionados acerca da eficácia ou ineficácia das medidas preventivas designadas pela escola, apenas dois inquiridos se pronunciaram sobre este assunto, a saber, o DTCEF e o DT7. O primeiro inquirido indicou que a eficácia das medidas variava de turma para turma, sendo que no caso concreto da sua turma, o CEF/T3, estavam a verificar-se resultados muito positivos: “esta turma não é tão complicada a nível comportamental como outras do mesmo género de anos anteriores, como Diretor de Turma e como professor consigo perfeitamente controlá-los, e eles cumprem integralmente as regras que eu lhes imponho, tem alturas em que sinto um certo orgulho e com mais contentamento, porque estou a conseguir levar a água ao meu moinho para a turma na generalidade, só no final do ano mesmo é que se vai chegar a alguma conclusão, agora, que eu tenho a noção que vai haver mais que uma batata podre, vai”. Ressalvou ainda que, de uma forma geral, de acordo com o que tinha sido apurado na Reunião Final do Período, “essas regras foram implementadas e estavam a ser cumpridas”.

Quanto ao entrevistado DT7, evidenciou-se que, tal como tinha mencionado o anterior Diretor de Turma, apesar do esforço efetuado na aplicação de medidas preventivas, estas revelaram-se eficazes nalguns casos e totalmente ineficazes noutros, como o próprio indica: “não tem sido fácil, o aproveitamento continua a ser muito fraco, um aluno está a inverter, está a aproveitar, pode ser que consiga, dos comportamentos de dois deles, não altera qualquer posição que o professor tenha, por mais envolvimento que eu queira dar, e solicitar a participação, é de mote próprio o não envolvimento e a não realização das coisas”.

Após a análise desta categoria, foi verificada a informação classificada na categoria “Intervenção”. Designaram-se assim três subcategorias distintas, sendo elas “Canais de obtenção de informação”; “Medidas de intervenção utilizadas”; e por fim, “Meios necessários para a intervenção”. É de destacar que, nesta última subcategoria, apenas se classificaram dados relativos à entrevista do Diretor de

Turma DT8, enquanto nos restantes casos, foi obtida informação de todas as entrevistas.

Principiando pela subcategoria “Canais de obtenção de informação”, com as subcategorias adjacentes “Participação Escrita e “Participação Oral”, é de frisar que todos os entrevistados afirmaram que as participações que recebem são por norma, sob a forma escrita, embora o DT8 tenha salientado que são poucas as que recebe dessa maneira, e acrescentou ainda que “vou sabendo aqui e acolá que há alguns incumprimentos por parte dos alunos, mas eu não tenho esse feedback por escrito dos colegas, chamei a atenção a todos os colegas que eu não podia ser surpreendida com os alunos a dizer que tinham sido colocados fora da sala de aula sem eu o saber”. A esta afirmação acresce outra, a de que este inquirido não intervém a não ser nos casos de indisciplina que lhe tenham sido participados de forma escrita, em conformidade com as regras do Regulamento Interno da escola. Os Diretores de Turma restantes entendem como procedimento habitual, que a participação seja efetuada de forma mais informal antes de ser redigida: “antes desse processo burocrático, normalmente os professores chamam-me ou facilmente a gente contata via e-mail (DTCEF) ”; “é sobretudo mais do que um papel que me fazem chegar rapidamente, é a comunicação oral, a informação é praticamente imediata antes da obrigatoriedade de um papel e da participação escrita (DT7) ”.

Em relação à subcategoria seguinte, “Medidas de intervenção utilizadas”, verificou-se que estas são comuns a todos os inquiridos, nomeadamente no que diz respeito à comunicação do ocorrido aos encarregados de educação. O entrevistado DT8 afirma também que, anteriormente a essa ação, confronta o aluno com o conteúdo da participação que lhe é efetuada por escrito. Desta forma, aferiu-se que estes diretores realizam a sua intervenção de acordo com os procedimentos estabelecidos pela escola e pela lei, que inclui a sinalização de determinados casos às entidades competentes quando se revele necessário, caso da CPCJ: “tento pôr imediatamente os pais ao corrente da situação, os encarregados de educação, e tento eu próprio intervir de uma forma pronta e que tento que seja eficaz (...), houve alunos que fui eu que sinalizei, nomeadamente por um elevado absentismo à escola,

por um nível de assiduidade muito baixo, e através do cumprimento das regras em vigor, das leis, é isso que a escola tem que fazer”.

A subcategoria “Meios necessários para a intervenção”, com a respetiva subsubcategoria “Suficiência/Insuficiência”, foi a última a ser analisada neste tema. Como já foi referido, apenas um Diretor de Turma se pronunciou acerca deste assunto, ou seja, se os meios disponíveis na escola eram suficientes por forma a intervir eficazmente em caso de comportamentos indisciplinados. A insuficiência de meios físicos e humanos necessários para a intervenção foi a informação obtida junto deste inquirido, que indicou que “o Gabinete de Apoio ao Aluno, que nem sempre tem professor, falha aí um bocadinho, mas essa falha é muito colmatada também com o trabalho com a psicóloga (...), o 3.º Ciclo aqui na escola é um bocado o parente pobre, como são só três turmas, é difícil captar recursos”.

Na finalização desta análise, observou-se a informação obtida relativa à categoria “Punição”. É de mencionar que, nesta categoria, apenas dois dos entrevistados manifestaram as suas opiniões, sendo que foram analisados dados de ambas as entrevistas classificados na única subcategoria existente, “Aplicação de sanções”, que foi ainda decomposta em três subcategorias: “Eficácia/Ineficácia”; “Sanções mais aplicadas”; e “Sanções alternativas”.

Relativamente à primeira subcategoria indicada, destacam-se as declarações de DTCEF, que considerou as medidas punitivas aplicadas pela escola como ineficientes em casos de indisciplina gerados pelos valores, conduta ou hábitos impróprios dos alunos adquiridos em contexto familiar disfuncional, como o próprio indicou “se é um tipo de situações a nível de atitude em aula pouco simpática, pouco educada, ou um pouco menos de respeito para com um professor, ou funcionária, como é algo que está enraizado, é pedra para ser picada com picareta, para se partir lentamente e não é com aquela penalização que funciona”. A complementar esta informação, acrescentou ainda que as sanções se revelam muitas vezes ineficazes devido à desigualdade dos valores familiares e os da escola, tornando-se mais efetivas em casos que não sejam gerados ou influenciados pelo sistema de conduta familiar: “quando é a nível de atitude verbal, penso que é uma coisa que vem do alicerce familiar, eles saem então daqui, mas depois vão para casa e fazem exatamente aquilo

que nós os estamos a penalizar por aquilo que eles aqui fizeram, lá têm o consentimento, uma concordância, um espelho familiar que realmente vai atuar dessa forma (...), se for do foro de atitude não-verbal, por exemplo, se lhe tirarem o telemóvel como já aconteceu, tenho quase a certeza que, futuramente vai estar a pensar naquilo que aconteceu anteriormente”.

Por fim, é de relevar a resposta deste entrevistado a outra pergunta que lhe foi efetuada neste âmbito, que consistia no seu entender, se os alunos cumpriam de facto as sanções que lhes eram impostas quando os encaminhavam para o Gabinete de Apoio ao Aluno: o desconhecimento relativamente ao cumprimento ou incumprimento da sanção por parte dos alunos punidos foi a única informação obtida.

Por sua vez, o entrevistado DT7 também destacou o ambiente familiar como um fator determinante para a ineficácia das medidas punitivas, nomeadamente em casos de indisciplina gerados pela ausência de poder paternal: “não tendo esta persistência, e esta tomada de pulso familiar, é perfeitamente inviável fazer o que quer que seja aqui na escola”. Este Diretor de Turma também proferiu opinião sobre a questão anterior, se considerava que os alunos cumpriam com as sanções que lhes eram imputadas, sendo que a indicação que deu foi a de que os alunos eram encaminhados para o Gabinete do Aluno, com uma tarefa designada, porém salientou que “eles depois, por norma, não entregam e não vão à sala, ao Gabinete do Aluno”.

Paralelamente a isto, o inquirido destacou um caso específico representativo da eficácia das sanções aplicadas, na medida em que se obteve minimização de comportamento indisciplinado. Referiu ainda que o aluno em causa foi retirado da escola e encaminhado para um Curso Vocacional, do qual foi igualmente expulso por reincidência dos comportamentos manifestados anteriormente e integrado novamente na escola. Porém, como indicou, o seu comportamento indisciplinado foi atenuado por receio do próximo passo, que constitui a sanção mais indesejada por este aluno, a institucionalização: “está com muito medo, porque o próximo passo é a institucionalização, está mais contido, porque as condições são de alguma gravidade para o seguimento dele”. Por fim, indicou outro caso de sucesso de um aluno que

também tinha sido encaminhado para um Curso Vocacional, nomeadamente o de Marinheiro.

No respeitante às duas últimas subsubcategorias, verificou-se que em cada uma delas se classificou informação de apenas uma entrevista, sendo que o DTCEF se pronunciou sobre as “Sanções mais aplicadas” e o DT7 sobre as “Sanções alternativas”.

No que concerne às sanções que a escola mais recorre para punir comportamentos indisciplinados, DTCEF indicou que a medida punitiva mais utilizada consiste em encaminhar o aluno para o Gabinete do Aluno ou biblioteca e atribuir-lhes uma tarefa específica, de acordo com as regras estabelecidas pelo estabelecimento escolar: “São enviados, por norma, para a biblioteca ou para o Gabinete do Aluno. É-lhes aplicada uma tarefa, que durante aquele tempo deverão cumpri-la. E depois, mostrar ao professor que lhe deu ordem de saída da sala de aula. Esse digamos, é o trajeto, é aquilo que está instituído pela escola”.

Por fim, em relação às sanções consideradas como uma alternativa mais viável às praticadas atualmente, o inquirido DT7 destacou o encaminhamento para Ensino Vocacional como alternativa para alunos cujos objetivos não se coadunem com os da escola. Contudo, constatou, existem poucos estabelecimentos de Ensino Vocacional e com restrição de cursos, fator que dificulta o encaminhamento de mais alunos cujo perfil se adequa melhor a este tipo de ensino: “continuamos a dizer e a achar que há poucas escolas com Ensino Vocacional, poucas oportunidades, o Gabinete de Psicologia tem imensas dificuldades em arranjar e propor percurso formativo diferente, porque são poucas escolas, devia estar mais alargado, o facto de ser mais alargado pressupõe então também outro tipo de formações. (...) há poucas, poucas vertentes e poucos locais onde isso possa acontecer, o investimento é a esse nível”.

Apêndice IX grelha de Monitorização do Plano de Melhoria

<p>Escola X</p>	
<p>Proposta – Monitorização do Plano de melhoria – Prevenção de comportamentos desajustados em contexto de sala de aula. Ano letivo de 2015/2016</p>	

AÇÃO de MELHORIA	OBJETIVO	META	ATIVIDADE	DATA LIMITE DE REALIZAÇÃO	INTERVENIENTES/ OBSERVAÇÕES/CONSTRANGIMENTOS	CUMPRIMENTO DA META
PREVENÇÃO DE COMPORTAMENTOS DESAJUSTADOS SEM CONTEXTO DE SALA DE AULA	Potenciar o trabalho do gabinete do aluno no acompanhamento de alunos que evidenciam sinais de comportamento desajustados em contexto de sala de aula.		1 – Reformulação das atribuições do GA Regulamento Interno da escola X	Julho 2015	Escolha do Coordenador e professores A reformulação das atribuições do GA, e que constam do atual Regulamento Interno da escola X.	
		1º Período: reduzir em 10% as ordens de saída de sala de aula relativamente ao número verificado no final do 1º período do ano letivo 2014/2015.	2 - Levantamento do nome dos alunos de 7º, 8º e 9º ano com comportamentos inadequados no ano letivo 2014/2015. - Elaboração de uma ficha para sinalização de problemáticas.	Junho de 2015	Junho de 2015 Elaboração de uma ficha de sinalização. Envio a todos os professores do 7º, 8º, e 9º ano da ficha de sinalização de alunos com comportamentos desajustados (equipa de turma, Direção) Constrangimentos: os alunos que vêm de outras escolas sem informação, inviabilizando um trabalho imediato.	Aferir no final de cada período letivo, pelo coordenador da equipa.
			3 - Levantamento do nome dos alunos do 3º ciclo com comportamentos inadequados no ano letivo 2014/2015. - "Dados relativos ao sucesso escolar/assiduidade".	Setembro de 2015	Início das aulas 2015 Levantamento dos alunos com comportamentos inadequados no ano letivo 2014/2015. Distribuição dos alunos pelos diferentes elementos que os acompanharão. (a escolha não deve ser aleatória).	

AÇÃO de MELHORIA	OBJETIVO	META	ATIVIDADE	DATA LIMITE DE REALIZAÇÃO	INTERVENIENTES/ OBSERVAÇÕES/CONSTRANGIMENTOS	CUMPRIMENT O DA META
			<p>4 - Ação de intervenção junto dos professores, para por departamento, para refletir e uniformizar procedimentos em relação a situações de indisciplina.</p> <p>-Elaboração de uma listagem com a tipificação de situações de incumprimento possíveis e respetiva atuação.</p> <p>5- Apresentação a todos os encarregados de educação, sobre as regras de conduta e procedimentos disciplinares.</p> <p>6- Apresentação pessoal do Diretor e da Presidente do Conselho Geral às turmas do 3º ciclo.</p>	<p>1ª quinzena de setembro 2015</p>	<p>Setembro de 2015</p> <p>Participantes dos professores que, à data, se encontravam colocados na escola X.</p> <p>Elaboração de uma lista de procedimentos a adotar pelos professores em situações de indisciplina na sala de aula.</p>	
				Outubro de 2015	<p>1ª quinzena de outubro</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação aos pais e encarregados de educação da lista de procedimentos, elaborada na atividade 4. 	
				1ª semana de aulas	<p>1ª dia de aulas- setembro 2015</p> <p>Apresentação do Diretor às turmas do 3º ciclo.</p>	

AÇÃO de MELHORIA	OBJETIVO	META	ATIVIDADE	DATA LIMITE DE REALIZAÇÃO	INTERVENIENTES/ OBSERVAÇÕES/CONSTRANGIMENTOS	CUMPRIMENTO DA META
			7- Acompanhamento/ controle do comportamento/ aproveitamento dos alunos sinalizados.	Ao longo do ano letivo	1º Período Foram acompanhados sinalizados: Atribuição de uma Psicóloga para trabalhar conjuntamente com os professores.	
			8- Recolha semanal para controle, das fichas de ordem de saída de sala de aula.	Ao longo do ano letivo	Aferir mensalmente pela coordenadora do Projeto EEP. Divulgação de dados aos Departamentos	
		2º Período Reduzir em 10% as ordens de saída de sala de aula relativamente ao número verificado no final do 2º período do ano letivo 2015/2016.	7- Acompanhamento/ controle do comportamento/ aproveitamento dos alunos sinalizados.	Ao longo do ano letivo	Aferir mensalmente pela coordenadora do Projeto EEP Divulgação de dados aos Departamentos	Avaliação do projeto
		3º Período Reduzir em 15% as ordens de saída de sala de aula relativamente ao número verificado no final do 3º período do ano letivo 2014/2015.	7- Acompanhamento/ Controle do comportamento/ aproveitamento dos alunos sinalizados. 8- Elaboração de um estudo comparativo dos resultados do ano letivo 2014/2015 com os do ano letivo 2015/2016	Ao longo do ano letivo	Aferir mensalmente pela coordenadora do Projeto EEP Divulgação de dados aos Departamentos	Avaliação do Projeto

Símbolo da escola



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

COMUNICAÇÃO DE OCORRÊNCIA

Ano Letivo

20 ___/20 ___

PARTICIPAÇÃO DISCIPLINAR

<input type="checkbox"/> Aluno: _____	N.º: _____
<input type="checkbox"/> Alunos (indicar nome; n.º)	Ano _____
_____	Turma _____
_____	_____
Data e hora da ocorrência: ___/___/20___ h___m	
Local da ocorrência: <input type="checkbox"/> Sala de aula _____ <input type="checkbox"/> Fora da sala de aula	

Descrição da ocorrência:

(continuar no verso, se necessário)

Medida disciplinar aplicada:

- Advertência
 Ordem de saída de sala de aula

Data: ___/___/20___

O Professor/Assistente Operacional

Despacho:

Data: ___/___/20___ A Diretora

Recebido em: ___/___/20___

O Diretor de Turma

O(A) Encarregado(a) de Educação tomou conhecimento em ___/___/___ Assinatura do(a)
Encarregado(a) de Educação: _____



SIMBOLO DA ESCOLA

ORDEM DE SAÍDA DE SALA DE AULA Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro

O aluno _____, n.º _____, da turma _____, do _____ ano, teve ordem de saída de sala de aula, no dia _____ de _____ de 20____, pelas _____ horas e _____ minutos, na disciplina de _____, com marcação de falta injustificada, tendo sido acompanhado por uma assistente operacional à sala _____.

O professor da disciplina,

Atividades OBRIGATÓRIAS a desenvolver pelo aluno:

A – Redação do relatório da ocorrência.

B – Atividade determinada pelo professor da disciplina.

O professor da sala _____,

B - ATIVIDADE determinada pelo professor da disciplina:

A - RELATÓRIO DA OCORRÊNCIA: 1- Descreve a situação; 2- Que regra ou regras da conduta do aluno é que tu não respeitaste? 3- O que sentes relativamente ao que aconteceu? 4- Coloca-te no lugar do outro. Como é que tu atuarias? 5- Se ocorresse de novo uma situação idêntica, o que farias de forma diferente? 6- O que achas que deves fazer agora para reparar a situação? 7- Que consequências poderão advir deste teu comportamento? 8- Terás uma sanção? Qual?

(continuar no verso, se necessário)

O aluno: _____

DESPACHO: _____

Recebido em: _____ / _____ /20____ A Direção: _____

ANEXOS

Anexo I – Impresso preenchido pelos professores no Gabinete Disciplinar

GABINETE DE GESTÃO DE CONFLITOS 2015 / 2016 Aluno:

_____ Ano: ____ Turma: ____ Nº: ____

Disciplina: _____ Data: ____ / ____ / ____

Hora: ____ O aluno acima identificado manifestou na sala de aula os seguintes comportamentos desajustados, que afectaram o normal funcionamento da mesma:

CATEGORIAS

COMPORTAMENTOS

Relação professor - aluno

Interrompeu o professor com questões fora do assunto da aula

Falou ou respondeu ao professor de forma incorrecta

Desafiou a autoridade do professor

Desobedeceu a ordens do professor

Insultou ou gozou o professor

Relação aluno-aluno

Provocou os colegas

Insultou os colegas

Agrediu ou tentou agredir os colegas

Furtou ou danificou o material dos colegas

Processo aula

Conversou com os colegas, falando alto e desordenadamente e fazendo barulho

Rir e fazer rir os colegas de forma exagerada

Brincar, atirando papéis (ou outros objectos) pelo ar ou pelo chão

Levantou-se do lugar sem autorização e circulou pela sala

Entrou ou saiu da sala sem pedir autorização

Balançou-se na cadeira

Recusou realizar as actividades e não participou na aula

Estudou ou realizou os trabalhos para outras disciplinas

Não se fez acompanhar do material necessário à aula

Manteve uma postura incorrecta na aula: boné na cabeça, utilizou telemóvel, comeu...

Utilizou linguagem imprópria ou proferiu palavrões

Outra...

O aluno a respeito da sua saída da sala de aula referiu:

_____ Com base na versão do aluno o professor teve a seguinte intervenção:

_____ No final o aluno mostrou-se: Arrependido Não arrependido

Relativamente ao seu comportamento considera-se: Culpado Não culpado Para evitar situações futuras comprometeu-se a:

_____ O Professor:
